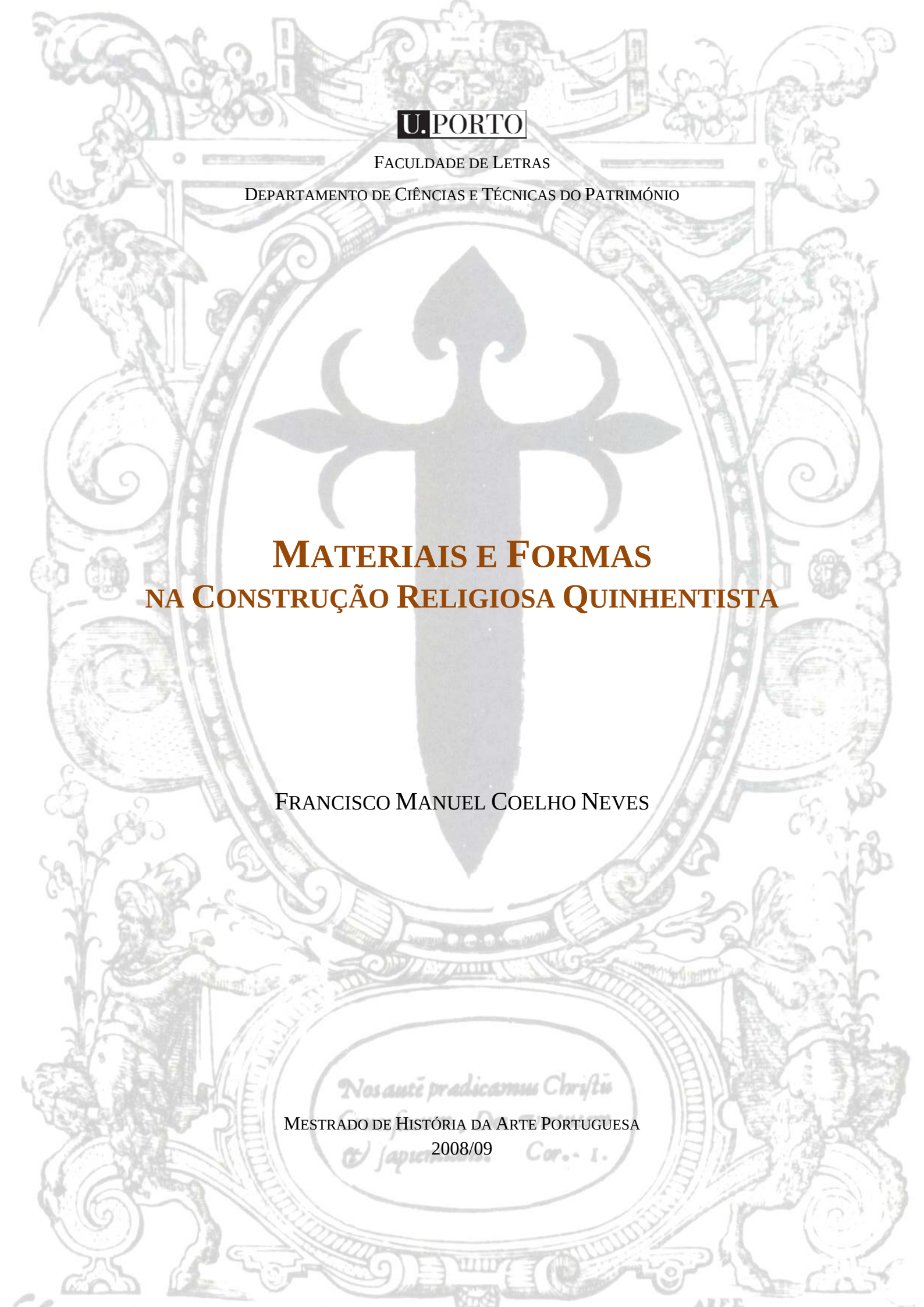


The background of the cover is a detailed, light-colored coat of arms of the University of Porto. It features a central shield with a stylized cross and four lions. The shield is surrounded by a decorative border with various heraldic elements, including a crown at the top, a lion on the left, and a lion on the right. At the bottom, there is a scroll with Latin text.

U. PORTO

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO

MATERIAIS E FORMAS NA CONSTRUÇÃO RELIGIOSA QUINHENTISTA

FRANCISCO MANUEL COELHO NEVES

MESTRADO DE HISTÓRIA DA ARTE PORTUGUESA
2008/09

FRANCISCO MANUEL COELHO NEVES

MATERIAIS E FORMAS NA CONSTRUÇÃO RELIGIOSA QUINHENTISTA

Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa
apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA

PROFESSORA DOUTORA LÚCIA MARIA CARDOSO ROSAS

PORTO

2009

RESUMO

Este trabalho, para o qual partimos de uma fonte impressa, traduz-se numa análise das Visitações do Sotavento Algarvio, no período compreendido entre os anos de 1518 a 1567, focalizado nas igrejas e ermidas da Ordem de Santiago, organizando, interpretando e transformando a informação em dados úteis para a compreensão das formas e dos materiais das construções quinhentistas visitadas.

Para uma correcta aproximação aos documentos, iniciamos o trabalho com um enquadramento histórico da Ordem de Santiago, para, posteriormente, incidirmos a nossa atenção na sua estrutura enquanto instituição, contextualizando o papel dos visitantes e o conteúdo ideal dos relatórios por estes elaborados (Visitações).

A par dos textos, que adaptamos ao português corrente, produzimos elementos visuais que ajudam na compreensão dos espaços, tais como esquemas de planta e projecções 3D, as últimas com a colocação de materiais e elementos icónicos que não podendo ser uma aproximação real aos objectos os representam simbolicamente.

Por último, procuramos abrir espaço à reflexão acerca dos dados obtidos, cruzando-os com outro tipo de leituras que confirmam ao tema o enquadramento histórico-artístico necessário. A nossa análise abarca, também, os materiais e formas dos edifícios estudados, tentando dar uma visão global do fenómeno, interpretando e discutindo o que foi possível retirar do conteúdo dos documentos escrutinados.

ABSTRACT

This work, which was based on a printed source, translates into an analysis of the Visitations of Eastern Algarve, in the period between the years 1518 to 1567, focused on churches and chapels of the Order of Santiago, organizing, interpreting and transforming information into useful data for understanding the forms and materials of the buildings visited during sixteenth century.

For a correct approach to the documents, the work begins with a historical background of the Order of Santiago, to then focus the attention on its structure as an institution, contextualizing the role of visitors and the ideal content of the reports drawn up by them (Visitations).

Alongside the texts, which were adapted to current Portuguese, visuals such as plant layouts and 3D projections were produced in order to help in understanding the spaces, with 3D projections placing materials and iconic elements which, although not corresponding to a realistic approach to the objects, represent them symbolically.

Finally, there is opportunity to reflect on the obtained data, crosschecking them with other readings that confer the subject the historical-artistic framework required. Additionally, our analysis covers the materials and shapes of the studied buildings, attempting to provide an overview of the phenomena, interpreting and discussing what could be drawn from the contents of scrutinized documents.

RÉSUMÉE

Ce travail, lequel nous commençons en partant d'une source imprimée, se traduit dans une analyse des Visitations du l'Est de l'Algarve, au période entre 1518 et 1567, focalisé aux églises et chapelles de l'Ordre de Santiago, en visant l'organisation, interprétation et transformation de l'information en données utiles pour la compréhension des formes et matériaux des constructions cinquentistes visitées.

Pour une approche correcte aux documents, nous faisons le début du travail avec un cadrage historique de l'Ordre de Santiago, pour, postérieurement, faire l'attention dans sa structure en tant qu'institution, en mettant en contexte le rôle des visiteurs e le contenu idéal des rapports par eux élaborées (Visitations).

À côté des textes, que nous avons adapté à la Langue Portugaise courant, s'ont aussi produites des éléments visuels pour faciliter la compréhension des espaces, tels que schémas de plans architectoniques et projections en 3D (tridimensionnelles), ces dernières avec le placement des matériaux et des éléments iconiques qui représentent symboliquement les objets auxquels ne se peut pas faire une approche réelle.

Finalement, nous essayons d'ouvrir l'espace pour réfléchir sur les données obtenus, en les croisent avec d'autres lectures qui confèrent le cadrage historique-artistique nécessaire à ce thème. Notre analyse embrasse, aussi, les matériaux et les formes des édifices étudiés, en cherchant de donner une perspective globale du phénomène, en interprétant et discutant ce qui a être possible de obtenir du contenu des documents scrutés.

*Para quem foi indo
sem nunca nos deixar*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de deixar uma palavra de agradecimento à Professora Doutora Lúcia Maria Rosas que compreensivamente soube lidar com uma fase delicada do processo de trabalho, mostrando-se sempre disponível, atenta e com contributos de análise decisivos para o crescimento da dissertação. Digo crescimento porque uma tese – seja determinada por que tempo for – é sempre um processo de amadurecimento da própria investigação, texto e conclusões a que vamos chegando, mas também do indivíduo que paralelamente e complementarmente cresce, nem sempre caminhando para a frente – porque os passos atrás também fazem parte dos ramos de uma árvore que por todos floresce – mas constantemente perfilando dentro de si um conteúdo mais sensato do que havia antes do início de todo o processo.

Não posso deixar de agradecer aos funcionários da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, particularmente à Laura e à Marlene, pela amabilidade com que sempre me trataram e pela ajuda que, em alguns momentos, se revelou essencial.

A todos os autores que com as suas investigações contribuíram para que a definição de alguns caminhos de trabalho se aclarassem, sem estes teria sido impossível ter atingido alguns patamares de reflexão requeridos. Penso ser decisivo, no actual rumo da investigação em história e história da arte, e mesmo noutros ramos disciplinares, partir de estudos já realizados e reconhecidos cientificamente para se poder atingir outro tipo de conclusões ou linhas de trabalho, sem cairmos no erro de fazer o que já está feito. Não quero com isto dizer que não se deva reflectir sobre os mesmos assuntos, por vezes é óptimo haver dois e três investigadores debruçados sobre um mesmo tema e de cada um deles brotar um trabalho válido e diverso do contíguo. Todavia, e pelo meu caso em particular falo, não podia deixar de mencionar este aspecto e de deixar uma palavra de reconhecimento aos autores que cito durante a explanação do presente trabalho.

Na outra linha de acção ou apoio ao desenvolvimento de um trabalho desta índole estão todos aqueles a quem podemos chamar de família, tanto os de laços de sangue como os amigos que incluímos nesse seio.

Por isso agradeço a todos os meus amigos, alguns partilhando de iguais frustrações, do mesmo modo açambarcando como tarefa a feitura de um mestrado, outros que, confluindo por outras áreas de interesse, me permitiram alguns voos “extraconjugais” onde as palavras se soltaram livres por períodos de afastamento da dissertação. Ao fim e ao cabo o mais importante é o que deixamos nos outros e o que deles levamos, os trabalhos vão e vêm, podendo ser esquecidos ou não, mas o que damos e recebemos a quem amamos nunca se desvanece.

Para além de agradecer a toda a minha família quero particularmente fazê-lo a algumas pessoas que tiveram um papel decisivo no desenrolar do trabalho.

Ao Zé Carlos pela preciosa e indispensável ajuda técnica facultada, disponibilizando do seu tempo de descanso para dedicar algumas horas a um trabalho de onde nenhuma compensação lhe adviria, e à Teresinha pelos belos jantares, hospitalidade e paciência.

Um agradecimento também à minha mãe, ao Júlio, ao Zéfonso e ao Bruno, pela valiosa ajuda nas traduções do resumo.

Ao meu pai que se manteve a par da evolução do trabalho e que, mesmo não estando presente no dia-a-dia, me apoiou como e no que pôde.

À minha avó, e ao meu avô já que essa também foi a sua vontade, e ao tio Nélito que comportaram financeiramente esta jornada.

À minha mãe que, na altura certa, soube estar atenta e dar o incentivo necessário, que num momento de menor motivação foi essencial para a conclusão da dissertação.

Como quem também sofre com estes períodos de um modo diferente de quem está por dentro, agradeço a todos os que suportaram com compreensão um tempo de maior egoísmo afectivo restringido pela atenção quase total à dissertação.

Por último o endereço mais querido, à Tânia que há alguns anos me acompanha em jornadas duras que nos põem à prova a resistência física e intelectual, mas das quais saímos sempre fortalecidos. Um amor pode ou não ser para sempre mas a história que se escreveu nunca se apaga.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	III
ABREVIATURAS E SINAIS	VI
INTRODUÇÃO	1
I PARTE	5
CAPÍTULO I – A ORDEM DE SANTIAGO	6
CAPÍTULO II – AS VISITAÇÕES NA ESTRUTURA ESPATÁRIA	15
II PARTE	23
CAPÍTULO I – BREVE RESENHA HISTÓRICA DE CACELA	24
CAPÍTULO II – VISITAÇÕES DA COMENDA DE CACELA	26
CAPÍTULO III – BREVE RESENHA HISTÓRICA DE MARTIM LONGO	57
CAPÍTULO IV – VISITAÇÕES DA COMENDA DE MARTIM LONGO	58
CAPÍTULO V – BREVE RESENHA HISTÓRICA DE TAVIRA	93
CAPÍTULO VI – VISITAÇÕES DA COMENDA DE TAVIRA	95
III PARTE	167
CAPÍTULO I – FORMAS E MATERIAIS NA CONSTRUÇÃO RELIGIOSA QUINHENTISTA – PROPOSTA DE UMA INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DAS VISITAÇÕES DE 1518 A 1565	168
CONCLUSÃO	189
GLOSSÁRIO	191
BIBLIOGRAFIA	204

ABREVIATURAS, SIGLAS E SINAIS

1. Abreviaturas

Coord. – Coordenação

Cont. – Continuação

Dir. – Direcção

Fig. – Figura

Ig. – Igreja

Introd. – Introdução

N^a S^a – Nossa Senhora

N^a – Número

O. c. – obra citada

Pág. – Página

p. – Página

S. – São

Sta. – Santa

2. Siglas

FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

3. Sinais

(*) – Nota

(?) – Dúvida

INTRODUÇÃO

A presente dissertação, orientada pela Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, insere-se no Mestrado de História da Arte Portuguesa. Apresenta como núcleo de estudo o período Medieval de transição para a Modernidade (1518-1565), mais propriamente reflectindo uma análise da fonte publicada em 1987: “Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio (Subsídios para o estudo da história da arte no Algarve)” de Hugo Cavaco.

A escolha do tema teve que ver com um trabalho iniciado no primeiro ano do mestrado em que tivemos contacto com este tipo de fontes e onde pudemos constatar a sua riqueza para o estudo da História da Arte, disciplina à qual estamos mais próximos, mas também a questões de história eclesiástica, económica, social, cultural, litúrgica, toponímica, comportamental, entre outras vertentes que podem ser analisadas a partir de uma observação atenta destes documentos.

Para o presente estudo o que, *a priori*, pretendemos demonstrar é a qualidade e quantidade de informações que desses textos podemos retirar e aplicar directamente à produção de conhecimento no domínio artístico e arquitectónico. As Visitações enquanto fonte primária tornam-se poderosas e rigorosas bases de fornecimento de dados passíveis de serem analisados, interpretados e posteriormente apresentados.

Para a organização do actual trabalho, e antes de partirmos para a análise dos textos quinhentistas, optamos por elaborar dois capítulos prévios que constituirão a I Parte da tese. Estes funcionarão como *background* do desenrolar discursivo posterior. Não poderíamos entrar na temática em estudo sem antes percebermos as Ordens Militares, e em concreto a Ordem de Santiago no contexto nacional. Por isso o I Capítulo será dedicado a essa história e a um enquadramento necessário para que possamos abordar a partir de bases seguras o tema-chave da dissertação. No II Capítulo analisaremos as Visitações dentro da estrutura institucional espatária, procurando perceber o seu papel e relevância no seio da organização santiagoista e no domínio patrimonial religioso.

Na II Parte entraremos na análise directa da fonte, o que abre espaço a uma conjectura que devemos explicar: não pretendendo entrar no domínio paleográfico ou no manuseamento de documentos originais, pensamos, para que pudéssemos cumprir com o objectivo predeterminado, ser mais pertinente partir de textos transcritos e publicados, evitando todo o labor intenso de transcrição documental, trabalho que não correspondia ao âmbito dos nossos objectivos.

Iniciando a tarefa a partir de textos já transcritos poderemos dedicar toda a atenção à recolha de dados que nos permitam perceber os espaços, materiais e formas das igrejas visitadas. Após esse passo concluído, transcrevendo ou adaptando a linguagem escrita quinhentista para o português de hoje, de modo a criarmos um texto imediatamente perceptível que permita uma leitura decodificada, procuraremos criar elementos visuais que facilitem a percepção imediata do objecto.

Todavia, antes de iniciarmos a análise às Visitações pensamos ser pertinente tecer alguns comentários acerca dos textos e esquemas apresentados e fazer duas advertências em relação aos termos utilizados nos documentos originais.

Em relação ao primeiro aspecto optamos por seleccionar o que de mais relevante continham os textos, em termos do espaço arquitectónico e artístico, seguindo a descrição realizada, que varia consoante o visitador, ou seja, apresentado os dados relativos ao templo à medida que por este vão sendo enunciados. Daí poder resultar um texto nem sempre lógico em termos de começo e fim de um eixo interpretativo do espaço, leitura que é posteriormente sistematizada em esquemas de plantas, projecções 3D e tabelas.

Em relação a esses auxiliares visuais de leitura devemos advertir para o seguinte: são esquemas e não modelos exactos, podendo por isso não corresponder totalmente à realidade. São todavia aproximações legitimadas por uma leitura dos relatórios dos visitantes, mais ou menos rigorosos, e por aquilo que sabemos em relação às manifestações arquitectónicas religiosos da época em estudo. Sempre que o visitador nos apresenta algumas medidas essas são aproveitadas para tornar mais rigorosos os esquemas.

Existirá ainda uma complementaridade entre os esquemas das plantas e as projecções tridimensionais, já que nos primeiros teremos a oportunidade de referenciar, através da legenda respectiva, os elementos arquitectónicos e artísticos de relevância,

indicando o local onde se encontram. Através dos segundos apuramos essa visão, sendo que, no caso das vistas do interior dos templos, surgem elementos icónicos representativos de um determinado objecto, e não a forma real do mesmo, o que seria impossível de atingir dada a subjectividade inerente ao exercício que nos propomos fazer, transformando palavras em objectos.

Ou seja, nas plantas referenciamos os elementos que estando também representados nos esquemas 3D, não poderiam ser alvo de uma legendagem que iria com certeza prejudicar a sua legibilidade e adensar os elementos propostos a leitura criando *ruído* desnecessário. Desse modo, entendemos que a legenda das plantas de piso responde também à explanação tridimensional do objecto que assim será potenciado valendo apenas pelo apelo visual que imprime à interpretação dos espaços.

A questão dos materiais é também de ressaltar já que nos esquemas 3D preenchemos as superfícies com texturas semelhantes às dos materiais referenciados nas Visitações. A informação visual deve no entanto, dada a limitação virtual das imagens, ser acompanhada pelo relato dos próprios visitantes enunciado no texto que antecederá todos os esquemas relativos a uma igreja ou ermida, e posteriormente sistematizado em quadros que nos permitirão visualizar listagens de materiais e respectiva aplicação, importantes para a posterior reflexão global do trabalho.

Relativamente aos termos presentes nos documentos analisados, esses apresentam aspectos muito particulares tanto devido às dificuldades inerentes que o português arcaico coloca à nossa leitura, como pelo carácter vernáculo e diverso de cada escrivão.

Desse modo as palavras que colocamos em *itálico* ao longo do texto referente a cada Visitação podem estar enquadradas num de dois casos contemplados:

1. Termos que pensamos ser pertinentes estarem representadas na sua forma original apenas para bem da coerência do texto, embora saibamos o seu significado, devidamente esclarecido no glossário. Esses não carecem de nota de rodapé.
2. Termos com nota de rodapé indicando a página em que se encontram na transcrição do documento, já que não apuramos o seu significado.

Como última parte da presente dissertação dedicaremos um único capítulo à discussão dos dados e conclusões a que chegamos. Esperamos poder incluir alguns

factos válidos para a reflexão em história da arte, antes de mais demonstrando a riqueza que estes documentos representam para a disciplina, e em segundo lugar estabelecendo um discurso que, partindo de dados concretos, nos permita visitar templos que na sua maioria já não existem, mas que outrora tiveram uma lógica temporal e construtiva e que fizeram parte de uma doutrina patrimonial epocal. Hoje essa lembrança afigura-se por vezes muito distante e desfigurada, devido a todo o tipo de intervenções que as igrejas e ermidas sofreram ao longo dos séculos, daí a importância cada vez maior de irmos às fontes ou a documentos que nos permitam estudar quase que diríamos *in loco*, apesar da subjectividade inerente à condição humana de quem descreve e relata, os objectos que gostaríamos de entender na sua génese.

Este último capítulo será dividido em três pontos, o primeiro que arrancará com a reflexão através de uma procura histórico-artística da tipologia construtiva que precede as arquitecturas que analisamos; no segundo esboçaremos algumas considerações acerca da possibilidade ou não de se falar em arquitectura espatária, e sobre as manifestações artísticas do Algarve quinhentista; por último lançaremos a nossa proposta de interpretação dos materiais e formas das igrejas do século XVI do sotavento algarvio.

Como elemento externo mas complementar incluiremos no trabalho um glossário, vector fundamental dada a dificuldade que existe na compreensão de algumas termos contidos nos documentos originais. Pensamos que deste modo poderemos ajudar à clarificação de alguns termos mais dúbios e somar à apresentação central da tese um valor essencial para a sua compreensão.

Esperamos, através do plano de trabalho apresentado, cumprir com os objectivos predeterminados, colaborando, de algum modo, para a valorização da fonte e para o incremento do interesse neste período da nossa história, sendo que nele tiveram um papel preponderante os templos religiosos, tanto ao nível da acção eclesiástica como da social e cultural, dado o carácter iminentemente católico da população portuguesa na época. A História da Arte não se pode dissociar da da Igreja, principalmente até ao século XX, onde através de uma forte acção mecénica se impôs como encomendador de produtos artísticos que tiveram como alvo principal os próprios templos.

I PARTE

CAPÍTULO I

A ORDEM DE SANTIAGO

Este primeiro capítulo não tem por objectivo o lançamento de dados originais acerca de uma história que vem sendo meritoriamente desenvolvida por muitos investigadores¹, principalmente do ramo da História Medieval e do Renascimento. Partiremos antes, das bases supracitadas, para a elaboração de um texto – necessário como eixo-base do posterior desenvolvimento do trabalho – que nos permita reflectir sobre o fenómeno das ordens militares, e mais particularmente da Ordem de Santiago.

Pensamos ser este o caminho para uma percepção global da Ordem, considerando o seu papel no processo de consolidação territorial portuguesa e a sua organização interna, dois pontos-chave que nos podem fornecer dados relevantes para a

¹ Dos muitos autores e obras a que poderíamos fazer referência enquanto leituras de eleição acerca da temática santiaguista propomos aqui alguns que nos foram indispensáveis à concretização da nossa dissertação: ALVES, Cristina Paula Vinagre – *A propriedade da Ordem de Santiago em Palmela: as visitas de 1510 e de 1534*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004; BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *A Ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média: Normativa e prática*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1989; _____ - *A Ordem de Santiago em Portugal nos finais da Idade Média: Normativa e prática*. In *Militarium Ordinum Analecta*, nº2. Porto: Publicação Anual do Seminário Internacional de Ordens Militares. Edição Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998; BARREIRO, Poliana Monteiro – *Uma Visitação às Igrejas da Ordem de Santiago: (a vila de Setúbal nos alvares do século XVI)*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2005; BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de – *A Vila do Torrão: segundo as Visitas de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2003; CUNHA, Mário Raul de Sousa – *A Ordem Militar de Santiago: das origens a 1327*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1991; FERNANDES, Maria Cristina Ribeiro de Sousa – *A Ordem Militar de Santiago no século XIV*. 2 vols. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2002; LOMAX, Derek W. – *La Orden de Santiago*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1965; LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitas de Palmela do século XVI*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004; MATA, Joel Silva Ferreira – *A Comunidade Feminina da Ordem de Santiago: a comenda de Santos em finais do Século XV e no Século XVI: um estudo religioso, económico e social*. Porto: Dissertação de Doutoramento em História apresentada à FLUP, 1999; _____ - *Economia e Sociedade de Portugal medieval - programa, conteúdos e métodos de ensino*. Porto: Relatório para Provas de Agregação em Economia e Sociedade – Departamento de História e de Estudos Políticos Internacionais, apresentadas à FLUP. 2007; MORENO, Humberto Baquero – *As Origens Militares na Sociedade Portuguesa do século XV: o mestrado de Santiago*. In *Revista da Faculdade de Letras: História*. II, 14. Porto: FLUP, 1997. Pp.65-89; PIMENTA, Maria Cristina Gomes – *As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge*. In *Militarium Ordinum Analecta*, nº5. Porto: Publicação Anual do Seminário Internacional de Ordens Militares. Edição Fundação Engenheiro António de Almeida, 2001; _____ – *As Ordens de Avis e Santiago na Baixa Idade Média: o governo de D. Jorge*. Porto: Dissertação de doutoramento em História apresentada à FLUP, 1999; SANTOS, Padre Carlos Fernando Russo – *A Ordem de Santiago e o Papado no Tempo de D. Jorge: de Inocêncio VIII a Paulo III*. Porto: Dissertação de Mestrado em História apresentada à FLUP, 2004.

apresentação nuclear do presente estudo. Ou seja, apenas perante uma visão larga do fenómeno espatário poderemos dar azo a uma análise sustentada das visitas que nos propomos escrutinar.

Os processos pelos quais a Ordem passou, desde a sua fundação no século XII até ao período em estudo no século XVI, terão sido, necessariamente, por tão largo arco temporal, agentes de mudança numa instituição que se adaptou às condicionantes políticas, sociais, culturais e eclesásticas da época. Interessa, portanto, observar essas fases de desenvolvimento, para que possamos compreender o papel intrínseco dos visitantes e a relevância institucional dos relatórios por estes elaborados, focando a nossa atenção na questão da preservação ou cuidados patrimoniais de que foram alvo os edifícios religiosos.

1. PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E CONSOLIDAÇÃO EM TERRITÓRIO NACIONAL

Será preciso recuar até ao século XI para encontrar as bases das origens espatárias. Nesse delicado período cristão assistimos a mudanças decisivas no que viria a ser o papel actuante da Igreja na Europa ocidental. Com exigências bélicas prementes processa-se o nascimento de um conceito dual dentro do seio da cristandade, o das Ordens Militares. Isto é, ao espírito ascético, de oração e penitência das ordens monásticas junta-se uma outra vertente de luta efectiva contra os infiéis, legitimada essa acção física e guerreira por uma batalha contra os inimigos da fé, que ameaçavam os pilares territoriais e morais de perímetro cristão.

Este contexto, contornado por novos padrões espirituais e disciplinares, define-se a partir da proclamação da cruzada em Clermont, por Urbano II, em finais do século XI². Impulso decisivo para o que viria a ser uma prolixa difusão de instituições internacionais, vincadas pela acção de protecção militar dos peregrinos que se deslocavam à Terra Santa³ e pela posterior campanha de defesa e conquista territorial,

² SANTOS, Padre Carlos Fernando Russo – *A Ordem de Santiago e o Papado no Tempo de D. Jorge: de Inocêncio VIII a Paulo III*. Porto: Dissertação de Mestrado em História apresentada à FLUP, 2004. p.25

³ ALMEIDA, Fortunato de – *Historia da Igreja em Portugal*. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres. Lisboa: Livraria Portucalense, 1967-1971. Vol. I. p.145

cujo epicentro se vislumbra nas Cruzadas⁴. Surgia assim, no panorama cristão epocal, um novo sujeito enquadrado nos meandros estruturais da Igreja: o *Miles Christi*⁵, um cavaleiro legitimado pelo poder eclesiástico para exercer a sua força bélica contra os inimigos da fé.

Destas organizações compostas por cavaleiros e monges chegam-nos as primeiras notícias no século XI com a Ordem do Hospital de S. João de Jerusalém e no século XII com a Ordem do Templo de Jerusalém, fundada por oito cavaleiros franceses⁶. Ambas já estariam presentes na Península Ibérica – um terreno favorável ao desenvolvimento de guerras entre cristãos e muçulmanos, dado o clima de guerra existente entre as facções – antes da formação de Portugal⁷, onde participaram activamente no processo de Reconquista que aí se encetou, tendo recebido inúmeras doações régias.

Em 1128, D. Teresa doou aos templários o Castelo e a terra de Soure e todas as terras entre Coimbra e Leiria⁸, e em 1147 D. Afonso Henriques doa-lhes as rendas eclesiásticas de Santarém⁹, comprovando a importância das ordens militares neste período. Em Portugal, aquando da extinção da Ordem dos Templários, no século XIV¹⁰, os seus bens reverteram a favor da Ordem de Cristo¹¹.

Este aspecto, do que se doava em troca dos feitos bélicos das Ordens, será muito importante neste período e nos séculos seguintes. As imensas doações régias conferiram poder senhorial, económico e patrimonial a estas entidades que, entre si, faziam permutas e compras e vendas de terras¹², para que desse modo pudessem concentrar e controlar melhor o seu território de acção, gerido jurisdicional e financeiramente pelos

⁴ MATA, Joel Silva Ferreira – *Economia e Sociedade: a Ordem de Santiago em Portugal*. Porto: Sumário da lição de síntese para Provas de Agregação em Economia e Sociedade do Departamento de História de Estudos Políticos Internacionais, apresentadas à FLUP, 2007. p.172

⁵ Este conceito é referido, entre outros, por: MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* pp.164; 172

⁶ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *A Ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média: Normativa e prática*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1989. p.34

⁷ *Idem, ibidem*. p.34

⁸ ALMEIDA, Fortunato de – *O.c.* p.146

⁹ *Idem, ibidem*. p.146

¹⁰ BARBOSA, Isabel Maria Gomes - *A Ordem de Santiago em Portugal nos finais da Idade Média: Normativa e prática*. In *Militarium Ordinum Analecta*, nº2. Porto: Publicação Anual do Seminário Internacional de Ordens Militares. Edição Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998. p.114

¹¹ *Idem, ibidem*. p.34

¹² BARREIRO, Poliana Monteiro – *Uma Visitação às Igrejas da Ordem de Santiago: (a vila de Setúbal nos alvares do século XVI)*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2005. p.16

próprios *Miles Christi*¹³, conferindo independência às ordens que cresciam e se consolidavam durante este período da cristandade medieval.

O exemplo das Ordens do Hospital e do Templo e o avanço da Reconquista no sul da Europa serviram de mote ao desenvolvimento das Ordens de Calatrava e de Santiago na Península Ibérica¹⁴. A primeira teve um processo de instalação posterior à de Santiago, tendo fixado as raízes no lugar de Avis, do qual adoptaram nome, doada por D. Afonso II em 1211¹⁵. Por sua vez os espátários ter-se-ão instalado entre nós no início da década e 70 do século XII, visto que já em 1172 D. Afonso Henriques lhes terá doado a vila de Arruda (da qual só mais tarde viriam a tomar posse¹⁶) e em 1186 D. Sancho restituía-lhes Alcácer e Almada, praças pelas quais se terão batido os santiaguistas nas batalhas cristãs contra os mouros.

Todavia as origens desta Ordem, segundo a tese de Derek W. Lomax¹⁷, talvez a mais difundida, usada e referenciada por diversos autores até agora, remontam à década de 60 do século XII, em Leão, formada uma milícia por um grupo de cavaleiros, reconhecida por Fernando II, que em 1172 lhes doa Cáceres. Volvidos três anos, o papa Alexandre III, através da Bula¹⁸ *Benedictus Dei*, reconhece oficialmente a nova Ordem Militar.

Terá começado como uma irmandade ou confraria dirigida por D. Pedro Fernandez, que teria como objectivo principal proteger territorialmente os domínios desse rei, ajudando-o, todavia, inclusive em outras campanhas contra os infiéis. É em 1171 que, através de um acordo entre o rei referido e o arcebispo de Santiago de Compostela, se passa a denominar “Ordem de Santiago”¹⁹. Desse modo incluíram a organização cavaleiros que, deixando a vida mundana que até então levavam, puderam, segundo uma legitimação oficial, adoptar a cruz e as insígnias do Apóstolo Santiago, para assim começarem um novo processo nos meandros da Igreja Católica.

¹³ BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de – *A Vila do Torrão: segundo as Visitações de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2003. p.15

¹⁴ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1998. p.114

¹⁵ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.34

¹⁶ ALMEIDA, Fortunato de – *O.c.* p.149

¹⁷ LOMAX, Derek W. – *La Orden de Santiago*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1965

¹⁸ Bula parcialmente transcrita em: BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1998. p.114

¹⁹ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1998. p.114

Esse processo de aceitação por parte da Santa Sé e a aprovação da sua Regra definitiva, idealizada pelo cardeal Alberto de Mora²⁰, foram possíveis graças à intervenção do próprio D. Pedro Fernandez, primeiro Mestre da Ordem, que, pessoalmente, interveio junto do papado²¹.

A Regra adoptada²², por parte dos cavaleiros “convertidos” foi a dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho²³, o que permitiu aos primeiros o apoio espiritual necessário, por parte de religiosos reconhecidos. Esse aspecto é dos mais interessantes no que diz respeito à organização das ordens militares, já que se verifica a união, numa mesma instituição, de membros cavaleiros e monges, o que lhes conferirá uma estrutura particular.

Detenhamo-nos um pouco sobre as questões que se prendem com a Regra. Esta apresentava-se, na época, como um documento essencial à organização de um modelo paradigmático de vida e conduta, que englobava “princípios espirituais, deontológicos e jurídicos”²⁴. Por esta se deviam reger todos os membros da Ordem, estando sujeitos, aquando do não cumprimento da mesma, a punições previstas pelo Código Penitencial²⁵. Isto é, a unir, no aspecto mais básico da instituição, as dimensões militar e religiosa estão os votos de pobreza, obediência e castidade, inerentes à Ordem agostiniana.

O universo dual das ordens militares, dividida entre laicos e religiosos, foi harmonizada, no caso da Ordem de Santiago, pela protecção do Apóstolo Santiago que permitia sem distinção, pela via da oração ou do exercício militar²⁶, penetrar na

²⁰ *Idem, ibidem*. p.115

²¹ *Idem, ibidem*. p.115

²² Na Introdução de J. Pinharanda Gomes, presente na obra: SANTA MARIA AGOSTINHO DE, Frei 1642-1728; GOMES, J. Pinharanda (Introd.) – *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas. Tomo Primeiro*. Edição Fac-simile: Imperitura Alcalá, 2006-2008. ISBN – 978-84-611-3112-6. p.V, é referido que a Regra de Santo Agostinho foi adoptada, à excepção dos Beneditinos, Carmelitas e dos Franciscanos, pelas restantes Ordens Mendicantes, incluindo a Ordem dos Dominicanos; refere ainda que os novos institutos mendicantes que desejaram elaborar Regra própria foram impedidos de o fazer por ordem de Inocêncio III que, no IV Concílio de Latrão (1215), determinou que não se elaborassem novas Regras e que os novos Institutos seguissem a fórmula vitae ou lex vitae, ou de Santo Agostinho, ou uma das Regras antigas, com a de S. Basílio, S. Bento ou S. Francisco, facto que ajuda a compreender porque é que a regra agostiniana foi a mais seguida.

²³ “Uma outra corrente de espiritualidade ocorreu no século XII fixam-se [os agostinhos] em Coimbra em 1131, ano da fundação do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, com o apoio régio(...)”:MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* p.170

²⁴ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.42

²⁵ *Idem, ibidem*. p.42

²⁶ *Idem, ibidem*. p.44

disciplina da Regra e fazer parte, enquanto elementos estruturantes indivisíveis, da Ordem espatária.

Um outro facto ainda relativo à Regra prende-se com o seu hermetismo e a capacidade que os santiagoistas tiveram no contorno desse esquema dogmático. Isto é, com o evoluir dos tempos e de todas as variáveis que com este se multiplicam, houve a necessidade, por parte de Ordem, de adaptar alguns aspectos à sua contemporaneidade. Não perdendo a Regra o seu estatuto universal – redigida em latim – foram introduzidas modificações a nível nacional, por exemplo ao nível da liturgia, que em concílios poderia ser alterada, no que se chamaram os “Estabelecimentos”²⁷. Tornam-se portanto uma peça importante da evolução da Ordem, agente modelador activo sobre os princípios da Regra e consequentemente da vida dos seus membros.

Retornemos agora às questões de implantação e consolidação da Ordem em território nacional. O património comendatário dos espatários estendia-se sobretudo a sul do rio Tejo com Alcácer, Almada, Palmela, Setúbal, Cabrela,



Fig.1 – Domínios das Ordens Militares em Portugal⁽¹⁾

²⁷ *Idem, ibidem*. p.44

⁽¹⁾ Imagem retirada de SARAIVA, José Hermano (coord.) -. *História de Portugal*. Vol.3. Lisboa: Alfa, 1983. p.32

Santiago de Cacém, Aljustrel, Odemira, Ourique, Almodôvar, Castro Verde²⁸ e já no tempo do Mestre D. Paio Peres Correia (Mestre de Santiago de 1242 a 1275) muitas terras do Algarve²⁹.

No Algarve a diocese de Silves foi reconquistada e restaurada, em 1189, porém com a invasão almóada em 1191 dá-se um retrocesso nesse avanço. A restauração definitiva dá-se apenas pela mão de Afonso X de Castela a partir de 1252. Por essa razão era Silves sufragânea de Sevilha até 1393, passando nesse ano a depender de Lisboa³⁰.

A primeira sede espatária terá sido em Santos-o-Velho, comenda mais tarde inflectida ao ramo feminino da Ordem aquando da mudança para Alcácer em 1217. É já no período de regência de D. João I que a cabeça da Ordem é trasladada para Mértola e algum tempo depois para Palmela³¹, onde adquire uma importância ímpar na sua história³².

Todavia a Ordem de Santiago presente em Portugal, enquanto instituto peninsular dependia da sede fixada em Uclés, o que constituía um problema ao nível da organização territorial e administração dos bens da Ordem. O Mestre, longe, geograficamente, dos domínios portugueses não poderia também controlar eficazmente o património e a conduta dos espatários em Portugal. Esses vectores em conjunto com o facto de a Reconquista ter terminado, ou pelo menos amainado generalizadamente, contribuíram para o início da autonomização do ramo português da Ordem.

Pese embora a Ordem de Santiago em Portugal ter gozado sempre de uma certa independência, já que, como é referido por Lomax, existia um arquivo separada para as terras portuguesas onde se conservavam os documentos originais³³, a referida distância da comenda-mor de Portugal e a mudança de modelos de acção religiosa pelo terminar natural da reconquista foram elementos fulcrais neste processo que se iniciava.

²⁸ MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* p.175

²⁹ MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* p.175

³⁰ *Idem, ibidem.* p.165

³¹ MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* p.175

³² Veja-se a obra AA.VV. – *A Ordem de Santiago – História e Arte. O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela: catálogo da exposição*. Palmela: Câmara Municipal, 1990, que comprova exactamente essa importância e grandeza atingida pela Ordem aquando do período de sede em Palmela.

³³ LOMAX, Derek W. – *O.c.* pp.57-59

Os primeiros passos, de um longo caminho, iniciam-se ainda no século XIII, pouco após a morte de D. Paio Peres Correia, no começo do reinado de D. Dinis³⁴. A autonomização da Ordem foi do interesse da coroa portuguesa que desse modo pretendia limitar às instituições eclesiásticas o acesso ao poder político, numa acção de tensão bifocal, onde a par das doações se iniciava uma tentativa de controlar um poder que ameaçava crescer desmesuradamente e, ao mesmo tempo, distanciar a acção estrangeira do território nacional. Desse modo, após a Reconquista D. Afonso III dá o ímpeto gerador a uma campanha, que D. Dinis continuará, de institucionalizar um controlo real sobre as Ordens Militares³⁵. Se por um lado poderia parecer ameaçadora para essas instituições a acção da coroa portuguesa, foi, por outro, uma ajuda necessária para que junto da Santa Sé se conseguisse o reconhecimento oficial da independência da Ordem portuguesa.

Em 1288 pela bula *Pastoralis officii* o Pontífice concede aos freires portugueses a capacidade de eleição de um Mestre³⁶, o que de algum modo preconizava a autonomia desejada, embora ainda não estivesse dispensado, o ramo nacional da santiaguista, da visita do Mestre geral da Ordem.

O ano de 1327 é apresentado por vários autores como o momento da mudança administrativa na Ordem, já que o Mestre D. Pedro Escacho reúne em capítulo com os Treze³⁷, no mosteiro de Santos-o-Velho, de onde saem os primeiros “Estabelecimentos Portugueses” que reconhecem o poder do rei sobre a instituição sob a razão de que a maioria dos domínios patrimoniais da Ordem lhe foi conferida pela coroa.

Como reforço dessa submissão espatária à coroa foi importante a acção de D. João I que, necessitado financeiramente de bagagem que lhe permitisse suportar as lutas então vigentes e conhecedor dos altos rendimentos das ordens militares, procurou um domínio estratégico, directo e efectivo sobre a Ordem. Razão pela qual passou a requerer que o Mestre fosse nomeado por indicação régia e posterior confirmação papal. E fê-lo habilmente enviando uma súplica a Martinho V³⁸, em 1418, para que o seu filho, o Infante D. João, tomasse o lugar, não de “Mestre” mas de “Administrador” da Ordem, sobrepondo, desse modo, o poder régio ao da Ordem e dos Treze.

³⁴ MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* p.175

³⁵ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.37

³⁶ MATA, Joel Silva Ferreira – *O.c.* p.175

³⁷ Órgão colegial que fazia parte da estrutura da Ordem e que tinha funções consultivas no capítulo e deliberativas no caso de demissão ou morte do Mestre da Ordem (ver Ponto 2, Capítulo I, II Parte).

³⁸ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1998. p.119

Antes da anexação definitiva do Mestrado à coroa, em 1551, reconhecida pelo papa Júlio II, ainda houve espaço para um dos períodos mais interessantes da história da Ordem sob o mestrado de D. Jorge, filho bastardo de D. João II. Este Mestre fortemente influenciado por uma educação humanista e religiosa³⁹ sempre demonstrou uma elevada competência no comando das Ordens de Avis e de Santiago, procurando obter e regularizar exteriormente um conhecimento profundo sobre as Regras e normas destas instituições. Elaborou uma reforma de princípios básicos da Ordem que mandou imprimir na oficina de Setúbal do alemão Herman de Kempis, em 1509⁴⁰: “A Regra, statutos e diffinições da Ordem de Santiago”; documento – muito bem estudado por Isabel Maria Gomes Barbosa⁴¹ – que se apresenta como uma tradução, adaptação ou reformulação das normas castelhanas de toda a história da Ordem.

É precisamente durante o período de mestrado de D. Jorge, particularmente na primeira metade do século XVI, que mais relevância ganham as Visitações, crescendo em quantidade e qualidade os relatórios dos visitantes, privilegiando os aspectos religiosos e comportamentais, predado que nos lança para o capítulo seguinte do nosso trabalho onde abordaremos as questões relacionadas com a estrutura pessoal e colegial da Ordem de Santiago, procurando, com isso, enquadrar as Visitações num panorama institucional que funciona segundo lógicas próprias.

³⁹ LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitações de Palmela do século XVI*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004. p.16

⁴⁰ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.29

⁴¹ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989; _____ – *O.c.* 1998

CAPÍTULO II

AS VISITAÇÕES NA ESTRUTURA ESPATÁRIA

O período em estudo, essencialmente a primeira metade e o terceiro quartel do século XVI, foi fértil em mutações ao nível da estrutura religiosa e de polémicas de índole reformista que nasciam da frágil e dogmática acção evangélica que a Igreja propunha. Muitas foram as vozes que se levantaram neste dealbar da modernidade, estimulando diferentes doutrinas espirituais e comportamentais, reclamando uma evolução cristã que deveria soltar-se dos parâmetros arcaicamente negativos em que se vinha alicerçando, de algum modo preconizando talvez a maior e mais importante reforma católica da história da Igreja promovida no Concílio de Trento (1545-1563).

Ora, a Ordem de Santiago, no início do século XVI, sob a batuta de D. Jorge, teve um papel fulcral, em solo nacional, no que diz respeito à fortificação da estrutura espiritual dos membros das suas comendas. Numa fase em que se diluíam os preceitos guerreiros que estiveram na origem da milícia, era altura de reforçar a matriz católica dos domínios santiaguistas através de uma acção firme e convicta. Por essa razão somos levados a partilhar a opinião do Padre Carlos Fernando Russo, quando afirma que a “Ordem de Santiago foi uma das entidades precursoras, em Portugal, do Concílio de Trento (...)”⁴².

Isto é, foi sem dúvida, uma instituição que soube alargar os tentáculos da acção doutrinal cristã a um povo que poderia, de certo modo, face às condicionantes internacionais já referidas, perder o rumo ou desviar a atenção para questões problematizantes que não convinham à Igreja. A Ordem de Santiago, como iremos verificar através da riqueza informativa contida nas visitas em estudo, assegurou uma presença autoritária muito forte nas suas comendas, vinculada por um controlo apertado de variados aspectos da vivência dos seus membros, com especial enfoque para o aspecto religioso.

De facto, foi durante o mestrado de D. Jorge que se deu um aumento significativo do número de Visitas, acompanhando paralelamente as preocupações nacionais e internacionais da Santa Sé que via ameaçada uma hegemonia que

⁴² SANTOS, Padre Carlos Fernando Russo – *O.c.* p.8

conquistou ao longo de vários séculos. Como exemplo concreto dessas preocupações do papado em relação aos domínios da Ordens encontramos a bula *Militanti ecclesiae*⁴³, que não é mais do que um aviso dirigido aos arcebispos, bispos, abades, priores, arcediagos, chantres e tesoureiros, para que restituíssem “à ordem de Santiago todos os bens que andassem alienados e que defendam a ordem e não consintam que lhe sejam retirados a isenção, privilégios, direitos e propriedades e aos que detêm impropriamente os seus bens sejam compelidos pelas censuras eclesiásticas a restituí-los e, caso não o façam, que se recorra à justiça secular”⁴⁴.

Ou seja, denota-se pelo texto enunciado que as preocupações da Igreja por esta altura não eram somente as de manter os fiéis unidos à causa cristã mas também serenar os próprios males interiores que minavam a estrutura eclesiástica e feriam, de dentro para fora, uma dinâmica rígida e estruturante que vinha funcionado com alguma harmonia. Era escrupulosamente necessário definir prioridades de defesa patrimonial material e espiritual de modo a combater qualquer desvio considerado perigoso para a organização apostólica católica romana.

É por este prisma que iniciamos a abordagem às Visitações, tentando percebê-las enquanto agentes de fiscalização que, embora já tivessem contemplados antes de quinhentos⁴⁵, assumem protagonismo no arranque do século XVI. O que começou por ser uma delegação com fins pastorais e correctivos cedo se apoderou de um papel fiscalizador que permitia aos bispos controlar as suas áreas paroquiais e desenvolver um domínio mais assertivo sobre estas. Com as Ordens militares, particularmente com a de Santiago, que é sobre a qual nos debruçamos, essas entidades sofrerão regulamentação e responderão a imperativos pré-estipulados que servirão de ferramenta de recolha de informação, posteriormente analisada em Capítulo Geral.

Em Portugal são conhecidos dois “Regimentos de Visitações” (para além de vários Estabelecimentos igualmente destinados à sua normatização) dos finais da Idade Média, documentos que estipulavam normas relativas à organização e funcionamento das Visitações, que a Regra e a Bula de fundação da Ordem de Santiago ordenavam que

⁴³ *Idem, ibidem.* p.55

⁴⁴ *Idem, ibidem.* p.55

⁴⁵ Na obra LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *O.c.* p.17, a autora faz referência à génese das visitas que remontaria ao século V e que no começo da Idade Média teria sido determinado o modelo da sua realização, com uma visita anual às igrejas da diocese, inspecção aos edifícios religiosos e do clero, instrução do povo, controlo dos mosteiros e delegação nos visitadores.

se realizassem anualmente⁴⁶. O primeiro, de 1478, foi realizado em capítulo em Alcácer do Sal e nele não se especificavam grandes pormenores relativos à actividade dos visitantes⁴⁷, referindo somente que estes deveriam ir à casa do comendador, reparar e corrigir o necessário⁴⁸.

No tempo de D. Jorge, mais propriamente em 1509, dão-se algumas mudanças com um novo Regimento elaborado, que partiu essencialmente do esquema dos documentos castelhanos, retirados alguns pontos que se não adequavam à realidade portuguesa⁴⁹ e alterando outros que facilitassem o bom funcionamento das Visitações. O texto castelhano, de Henrique de Aragão, já adaptado por D. João II, estabelecia “as condições pessoais que deveria ter um freire para poder ser eleito visitante, assim como as obrigações do cargo, a constituição dos grupos de visitantes para as diversas províncias castelhanas e as taxas e mantimentos a que tinham direito”⁵⁰.

Uma diferença de destaque imediato é a que D. Jorge implementou relativamente à instalação e alojamento dos visitantes, que então passaram a não poder ficar em casa dos visitados ou dos comendadores para que desse modo se evitassem casos de corrupção⁵¹. Este aspecto demonstra que a postura de D. Jorge perante as Visitações era a de alguém que realmente reconhece uma importância decisiva a essas entidades reguladoras e controladoras do bem-estar dos domínios espataários.

Por esse prisma se entende que em 1508 tenha elegido quatro Definidores para que realizassem a referida reforma na Ordem ao nível das Visitações, que definiu aspectos relacionados com a actuação dos visitantes e o conteúdo dos questionários que estes portariam⁵².

Parece-nos, no entanto, e antes de entrarmos em medidas directamente ligadas à acção visitadora, ser pertinente esboçar uma leve aproximação à estrutura santiaguista⁵³ para que se perceba em que contexto surgiram as visitas e os visitantes. Como já se referiu a Ordem de Santiago albergava dois tipos de membros: os leigos e os clérigos, aos quais se deu, indistintamente, a denominação de freires. Havia três tipos de freires

⁴⁶ BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de – *O.c.* p.32

⁴⁷ *Idem, ibidem.* p.33

⁴⁸ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1998. p.190

⁴⁹ BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de – *O.c.* p.34-35

⁵⁰ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.97

⁵¹ *Idem, ibidem.* p.97

⁵² BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de – *O.c.* p.34

⁵³ Para tal guiar-nos-emos pela excelente exposição sobre o assunto presente na obra: BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989

leigos: os comendadores que tinham a seu cargo uma parcela do senhorio da Ordem para exploração, conservação e defesa; os cavaleiros que se distinguiam dos anteriores por não terem comenda, mas que recebiam uma tença da Ordem; e os freires leigos que, pela juventude ou falta de merecimento não tinham ainda comenda nem categoria de cavaleiro.

Relativamente aos clérigos encontramos outro tipo de divisão: o Prior-mor que representava a autoridade suprema sobre todo o corpo de clérigos e tinha também como função coadjuvar as actividades do Mestre; os priores das igrejas da Ordem que tinham a responsabilidade do serviço religioso nos templos da Ordem e a cura das almas dos seus fregueses; os capelães que viveriam junto do Mestre e dos comendadores em cujas casas diriam missa diária e administrariam os sacramentos; os beneficiados que deveriam levar a cargo acções assistenciais, como nos lugares de enfermaria, administrar as capelanias e celebrar aniversários, poderiam ainda exercer funções no ensino; e os freires conventuais que se encarregavam das orações, leituras dos salmos e Horas Canónicas e dos trabalhos do convento.

O Mestre, entidade suprema da Ordem, exercia poder político (legislativo, executivo e judicial), social, espiritual e militar. A sua eleição era executada pelos Treze, órgão de acção meramente consultiva à excepção da intervenção na eleição ou demissão do Mestre. Isabel Maria Gomes Barbosa refere que Sastre Santos, acerca dos Treze, declarou que esse grupo encerrava uma pretensão teológica: reproduzir o colégio de Cristo e seus apóstolos⁵⁴.

Como núcleo de decisões maiores da Ordem encontramos os órgãos colegiais de governo: o Capítulo Geral era a grande reunião da Ordem, realizada anualmente no Dia de Todos os Santos, embora essa frequência nem sempre fosse respeitada. Facto curioso é que a partir do século XV se verifica uma maior frequência de capítulos talvez resultado da noção da decadência da Ordem e da necessidade de uma reforma. O Capítulo Particular reunir-se-ia sem data fixa, durante apenas um dia e quando o Mestre achasse oportuno. O Capítulo Doméstico consistia na reunião diária conventual dos freires com o Prior-mor ou com o Mestre caso este se encontrasse no convento.

Finalmente poderemos incluir os visitantes nesta estrutura escrupulosamente delineada. Estes eram eleitos em Capítulo Geral, da parte da tarde, por votação

⁵⁴ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.160

individual dos participantes e o seu juramento encerrava o primeiro dia de Capítulo. Era também em Capítulo Geral que cessavam funções após a leitura dos relatórios que tivessem elaborado durante as Visitações.

Apesar de, desde a fundação da Ordem, se ter estabelecido que as Visitações seriam anuais, tal como o Capítulo Geral, esse facto parece nunca ter sido cumprido⁵⁵, prejudicando claramente a visão global que hoje se poderia alcançar se os intervalos dessas jornadas não fossem tão irregulares como efectivamente foram.

Relativamente à constituição do grupo que acompanharia os visitantes encontramos⁵⁶, no tempo de D. João II, tal como nas normas de Henrique de Aragão, dois cavaleiros, um prior e um escrivão. Cada um dos cavaleiros seria acompanhado por um escudeiro, dois homens a pé, dois moços, um azemel e as bestas necessárias. O prior levaria um escudeiro, um homem a pé, um moço, um azemel e as bestas respectivas.

Sob a ordem de D. Jorge esses grupos sofreram algumas alterações. O grupo dos visitantes passou a ser constituído apenas por um cavaleiro, um clérigo e um escrivão. O cavaleiro poderia levar consigo dois escudeiros, um homem a pé e um azemel, todos com as suas bestas.

No seguimento da alteração acerca do alojamento dos visitantes levado a cabo por D. Jorge surgem algumas regras que, de algum modo, suportariam essa medida. Assim, os visitantes passariam a receber quantias mensais destinadas a mantimentos e pousada. Receberiam ainda, por cada documento que elaborassem, uma taxa igual à que recebiam os escrivães das Visitações da Diocese da comenda alvo. As quantias das quais se pagavam os visitantes seriam provenientes da Mesa Mestral e das comendas e teriam de ser proporcionais ao tempo de estada naqueles lugares⁵⁷.

Em relação à acção propriamente dita dos visitantes essa estava também regulamentada, incumbindo-os de algumas funções e poderes. Em primeiro lugar estava estipulado que os visitantes deveriam chegar à localidade que iam visitar, na tarde anterior ao dia do início da sua missão⁵⁸. Missão na qual os visitantes tinham a legitimação para mandar e/ou corrigir, emendar e reformar qualquer tipo de anomalia

⁵⁵ *Idem, ibidem.* p.161

⁵⁶ *Idem, ibidem.* p.162-163

⁵⁷ *Idem, ibidem.* p.163

⁵⁸ LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *O.c.* p.19

que fosse facilmente resolvida⁵⁹, quando tal não acontecesse e o caso fosse mais complicado deveria ser elaborado um auto para posterior análise em Capítulo Geral ou pelo Mestre. Deveriam informar o Mestre, quando a visitação fosse a um convento, se os freires conheciam a Regra, se cumpriam as orações e as Horas canónicas, enfim, se cumpriam com as obrigações conventuais.

No que toca às Visitações, que agora analisamos, essas faziam parte de um plano de controlo patrimonial segundo o qual os visitantes deveriam visitar os bens móveis e imóveis da Ordem, tais como igrejas, ermidas, fortalezas, casas dos comendadores, fornos, moinhos, e outros haveres⁶⁰. Nestes locais deveriam verificar o seu estado de conservação, relatando, o mais pormenorizadamente possível, os objectos alvo, e posteriormente através das “Determinações” mandar reparar o que estava mal ou mandar fazer o que deveria existir ou ser feito, segundo os rendimentos dos seus possuidores, estipulando ainda multas previstas para o caso de acontecer que na próxima visitação não estivessem ainda cumpridas as determinações.

No caso das igrejas e ermidas os visitantes deveriam verificar e registar cuidadosamente o estado dos edifícios e inventariar todo o seu recheio artístico, móvel e imóvel, particularmente os altares, onde se podiam encontrar as imagens e os retábulos, os objectos de culto, a paramentaria, as toalhas, os frontais de altar e os livros, o Santíssimo Sacramento, os Santos Óleos, o baptistério, o campanário, a sacristia, as confrarias e capelas e o dinheiro ou bens legados ao templo⁶¹.

Os visitantes enquanto “defensores” da Regra da Ordem na qual se incluíam deveriam ainda zelar pelo bom cumprimento das orações e outros deveres piedosos, da postura física a tomar durante os ofícios divinos, dos Santos a quem deviam ser dedicadas as orações e de como se deviam cumprir os seus dias de festa⁶².

Relativamente ao questionário que portavam e que deveriam pôr em prática após a visita aos edifícios, estava contemplado um curioso pormenor que se prendia com o facto de que as perguntas a todos dissessem respeito, fazendo uma espécie de espiral que por todos os membros da comenda passasse para que a teia fiscalizadora fosse mais

⁵⁹ RAMOS, Maria Cristina Soares Bronze – *As Igrejas de Palmela nas Visitações do século XVI: rituais e manifestações de culto*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004. p.45

⁶⁰ *Idem, ibidem*. p45

⁶¹ LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *O.c.* p.19

⁶² *Idem, ibidem*. p45

eficaz. O que queremos dizer é que, a título de exemplo, o prior-mor seria inquirido sobre os freires do convento e a estes perguntava-se sobre a atitude daquele⁶³, enquanto eclesiástico e membro da Ordem espatária. Havia portanto, pelo menos em teoria, uma tentativa de apertar o controlo sobre os membros da Ordem aferindo, em termos comportamentais, qual a conduta que estava a ser levada a cabo. O exemplo usado foi o da hierarquia dual prior-mor/freires do convento mas também para outros grupos como os dos priores das igrejas/comendadores esse esquema era utilizado, sempre na lógica de interdependência de grupos que interagiam na dinâmica santiaguista. Era ainda usado o pregão público como mais uma “arma” dos visitantes de modo a obter informações acerca dos comendadores e convocar os detentores de títulos de propriedade de bens da Ordem⁶⁴.

A forma dos questionários variava, no entanto, conforme as pessoas a que se destinavam e as perguntas eram essencialmente de cariz espiritual e material; os pontos que passamos a apresentar são os referidos por Isabel Maria Lago Barbosa⁶⁵: conhecimento e cumprimento dos votos e dos princípios contidos na Regra e Estatutos; prática sacramental de cada um; atitudes perante a religião; organização e funcionamento dos conventos, nos casos do prior-mor e comendadeira; deveres militares dos comendadores; relações destes com os seus vassalos; posse dos títulos de bens ou ofícios que os membros da Ordem tinham; comportamento perante os deveres religiosos e da Ordem, por parte dos vassalos do senhorio; estado dos bens da Ordem, sua descrição e delimitação; renda das comendas.

No final de cada Visitação, para que todos pudessem ter acesso ao seu conteúdo, o relatório deveria ser lido pelo Prior de forma clara e pausada⁶⁶. As questões que o visitante não pudesse resolver, como acima mencionamos, deveriam ser levadas a Capítulo Geral para serem analisados pelo Mestre, Prior-mor, Treze e Definidores. Todos os dados adquiridos nas Visitações eram registados num Livro e o relatório apresentado no Capítulo. Esse Livro era posteriormente analisado e conferido por um grupo especialmente nomeado para tal pelo próprio D. Jorge.

É um facto incontornável que neste período, de mestrado de D. Jorge, as Visitações, algumas dirigidas pelo próprio, são as mais completas e minuciosas que até

⁶³ *Idem, ibidem.* p.163

⁶⁴ *Idem, ibidem.* p.163

⁶⁵ BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *O.c.* 1989. p.163-164

⁶⁶ LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *O.c.* p.20

nós chegaram⁶⁷. Este governador pautou ainda a sua acção visitadora pelo incremento do enfoque nas questões religiosas e comportamentais, secundarizando a componente senhorial⁶⁸, facto que se afigura interessante naquilo que pode ser entendido como uma revalorização do factor patrimonial e dos valores doutriniais e eclesiásticos da Regra.

Expostas as coordenadas gerais das Visitações do período em estudo, podemos compreender melhor em que medida é que o fenómeno pode ser útil a um estudo documentado e fundado acerca do património erigido e do espólio artístico. A análise que sugerimos não é mais do que uma leitura atenta desses textos, tão importantes na altura para o saudável funcionamento da Ordem e das suas comendas, e ao mesmo tempo tão importantes para a percepção de hoje de aquilo que um dia foi mas já não é.

Nos capítulos seguintes propomos, através da exposição de alguns dados concretos, escritos por um visitador acerca de um objecto, chegar a documentos visuais que nos permitam alcançar uma visão globalizante do templo em estudo, demonstrando, desse modo, a riqueza informativa contida em cada uma das visitas. Mesmo que a igreja ou a ermida não tenham chegado até nós, é possível, através dos dados documentados e do cruzamento de informação historiográfica, tipológica e formalista, chegar a resultados que de algum modo se aproximam da realidade. É óbvio que não pretendemos um resultado rigoroso e pormenorizado dos edifícios, tal objectivo seria utópico, porém sabemos de antemão, pelo que já conhecemos deste tipo de fontes, que é possível alcançar resultados muito interessantes capazes de se revelarem ferramentas muito úteis na leitura e interpretação destes espaços religiosos e artísticos que se perderam no tempo.

No fundo o que insinuamos é uma legítima viagem no tempo, fazendo um exercício visual, também ele legitimado pelo facto de nos basearmos em documentos epocais, que nos transporte à palpação sensorial e intuitiva das formas arquitectónicas e artísticas que num tempo e num espaço próprios responderam às necessidades culturais autóctones e doutriniais do culto religioso.

⁶⁷ *Idem, ibidem.* p.18

⁶⁸ *Idem, ibidem.* p.18

II PARTE

CAPÍTULO I

BREVE RESENHA HISTÓRICA DE CACELA



Cacela, ou como actualmente se denomina, Cacela Velha é uma aldeia localizada numa elevação arenítica em frente à Ria Formosa e ao mar, de onde se vislumbra uma das mais belas panorâmicas do sotavento algarvio. A designação Cacela Velha é recente, pois este local era conhecido como “Sítio da Igreja”.

Sob o domínio muçulmano, a partir do século VIII, Cacela foi uma povoação relativamente importante do litoral algarvio. Era defendida por um castelo e estender-se-ia até à praia, apresentando-se caracterizada por um cariz marítimo-agrícola.

Em 1240 foi tomada, pela primeira, vez aos Mouros por D. Sancho II. Perdida de novo, retomou-a definitivamente D. Paio Peres Correia, Mestre de Santiago, em 1242, portanto ainda no reinado de D. Sancho II⁶⁹. A 20 de Fevereiro de 1255, D. Afonso III confirmou a doação à Ordem de Santiago da vila e seu castelo, sendo Cacela cabeça de comenda. Em 1272, a ordem de Santiago renuncia a essa doação.

Nessa época, Portugal e Castela reivindicavam o território algarvio. Apenas com o tratado de Badajoz de 16 de Fevereiro de 1267 ficou definitivamente legitimada a integração do reino do Algarve, e consequentemente de Cacela, em Portugal. A

⁶⁹ LOPES, João Baptista da Silva – *Corografia ou Memoria Economica, Estadistica, e Topografica do Reino do Algarve*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1841. p.387

fronteira leste do Algarve apenas ficou definida mais tarde, em 1297, com o tratado de Alcañices.

D. Dinis concedeu-lhe foral a 17 de Julho de 1283⁷⁰ e estabeleceu o concelho de que Cacela era a sede onde estavam integradas parcelas das actuais freguesias do Azinhal e Odeleite.

Embora mantendo actividades ligadas ao mar, ter-se-á verificado ao longo dos tempos a disseminação da população de Cacela por quintas e fazendas das ricas terras agrícolas que se estendem até à serra. Esta tendência ter-se-á acentuado sobretudo a partir da época do século XV. O constante perigo de ataques de corsários terá contribuído também para esse movimento, adquirindo Cacela um cariz marcadamente rural.

No quadro de uma reforma político-administrativa do Algarve, a câmara de Cacela é abolida a 12 de Dezembro de 1775 por decreto de D. José I, sendo o seu território unido ao da recém-criada Vila Real de Santo António. O priorado de Cacela, com a respectiva comenda, havia já sido transferido para Vila Real de Santo António no ano anterior. Em 1784 foi criada a Freguesia de Cacela, por desmembramento da freguesia de Vila Real de Santo António.

A 24 de Junho de 1833 deu-se o desembarque em Cacela, em plena guerra civil, de uma pequena força liberal de cerca de 2500 homens sob o comando do duque da Terceira. O desembarque terá tido lugar junto à Torre Velha (sítio do Alto), no extremo leste da freguesia, num local aproximadamente equidistante da fortaleza de Cacela e do antigo forte do Cabeço (Praia Verde). A força liberal após atravessar todo o Algarve e Alentejo, iludindo o exército miguelista, entrou triunfante em Lisboa exactamente um mês depois, em 24 de Julho.

Em 1840, para além da igreja, das ruínas dos antigos paços do concelho e das residências do pároco e sacristão, o número de moradias não ia além de seis. No início do presente século, o número de fogos não ultrapassaria os 20, número que não sofreu grande alteração até aos dias de hoje.

⁷⁰ *Idem, ibidem.* p.387

CAPÍTULO II

VISITAÇÃO DA COMENDA DE CACELA

1. IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES

1.1. VISITAÇÃO DE 1518

O visitador diz-nos que não existia sacrário, que a **pia baptismal** era muito boa mas estavam ausentes os três óleos santos.

A **capela-mor** era de pedra e cal pintada a todo o redor e coberta por tecto de castanho. Tinha um altar de alvenaria e sobre ele estava uma imagem de Nossa Senhora de pau (madeira) com o Menino Jesus no colo. O **arco da capela** era de cantaria e cerrado todo de grades de pau (madeira) pintadas e fechadas com a sua chave e fechadura.

Na capela no lado do Evangelho estava uma **sacristia** de pedra e cal com telhado sem forro, isto é de telha assente no ripado.

Na **ombreira do arco** da capela-mor, no lado do Evangelho, estava um **altar** de alvenaria e sobre ele, na parede, estavam pintadas as **imagens** da Visitação de Nossa Senhora, de São João, uma imagem de barro de São Sebastião e um **retábulo** pequeno de portas em cima do dito altar com as imagens de Nossa Senhora e Santa Isabel douradas e muito boas. Em cima do dito altar estava um guarda pó de pau (madeira) pintado.

No lado do Epístola estava **outro altar** de alvenaria. Sobre ele estão pintadas as **imagens** de Santa Luzia e São Lázaro e Santo Antão e três imagens de pau velhas. Uma de Nossa Senhora, outra de São Brás e outra de Santa Catarina. Em cima do altar estava um guarda pó de pano pintado.

O **corpo da igreja é de uma só nave** e as suas paredes estavam construídas numa metade de pedra e cal e na outra de taipa. Era coberta de telha vã, bem emadeirada e pintada e tinha, a arca da capela-mor e uma roda de campainhas.

No meio da igreja tinha uma **pia** de pedra de água benta, em cima de um mármore muito bom.

Junto da porta principal do lado Evangelho estava uma **pia** de baptizar de uma só pedra nova e muito boa.

O **portal** da igreja era de pedra nova e boa, tinha portas de castanho novas e muito boas. Ante o portal estava um **alpendre** muito grande e muito bem assentado em pilares de pedra novos e muito bons. O tecto do alpendre era forrado de canas.

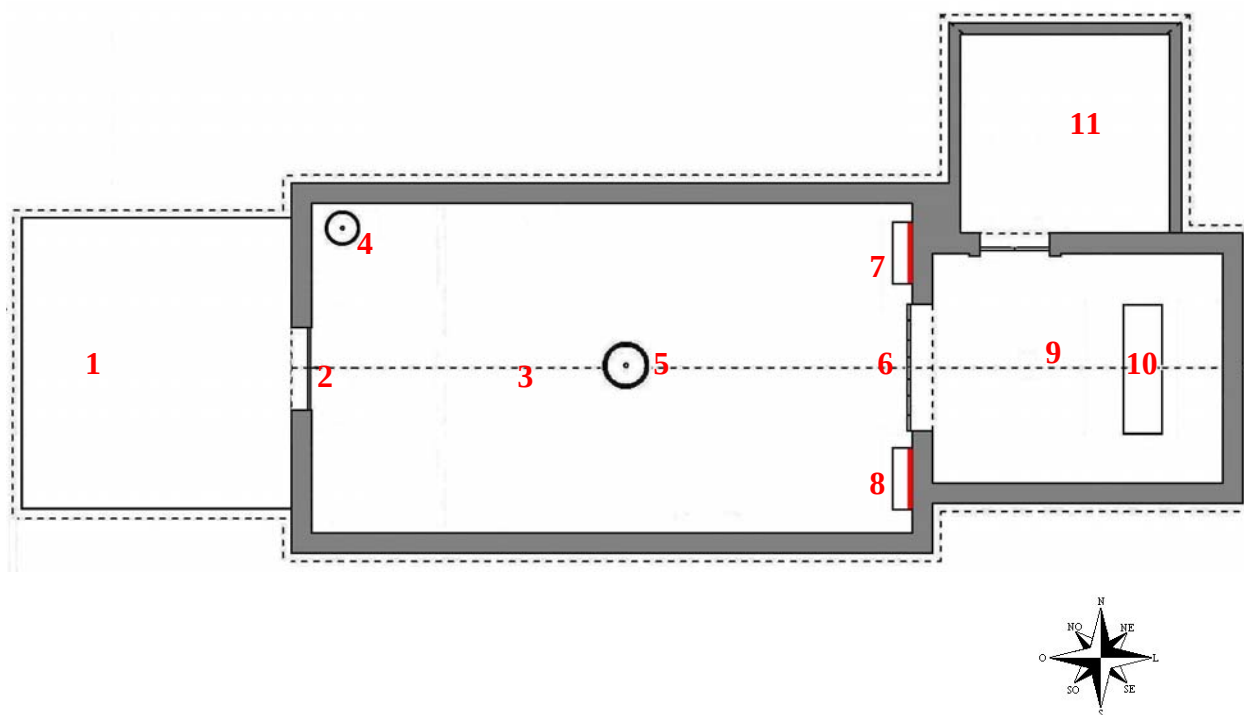
Determinações Particulares:

Após a visitação à dita igreja foram estipuladas as determinações particulares para concretizar o culto divino. Assim sendo esta teria que ser provida de um sacrário na capela-mor, do lado do Evangelho, forrado e pintado por dentro e com suas portas ferrolho e fechaduras onde deveria estar, dentro de um cofre de marfim, o Santo Sacramento; umas cortinas em sarja de cores com seu *sobreçeo*⁷¹ e franja para o altar-mor; um baptistério que tivesse os ofícios da unção.

Ao fregueses foi mandado edificar um campanário sobre a porta principal ou onde melhor lhe parecer, para porem os sinos. Caso não cumprissem a notificação no prazo de um ano ficariam sujeitos a uma pena de mil reais.

⁷¹ CAVACO, Hugo – *Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio: subsídios para o estudo da história da arte no Algarve*. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal, 1987. p.25

1.1.1 – ESQUEMA DA PLANTA

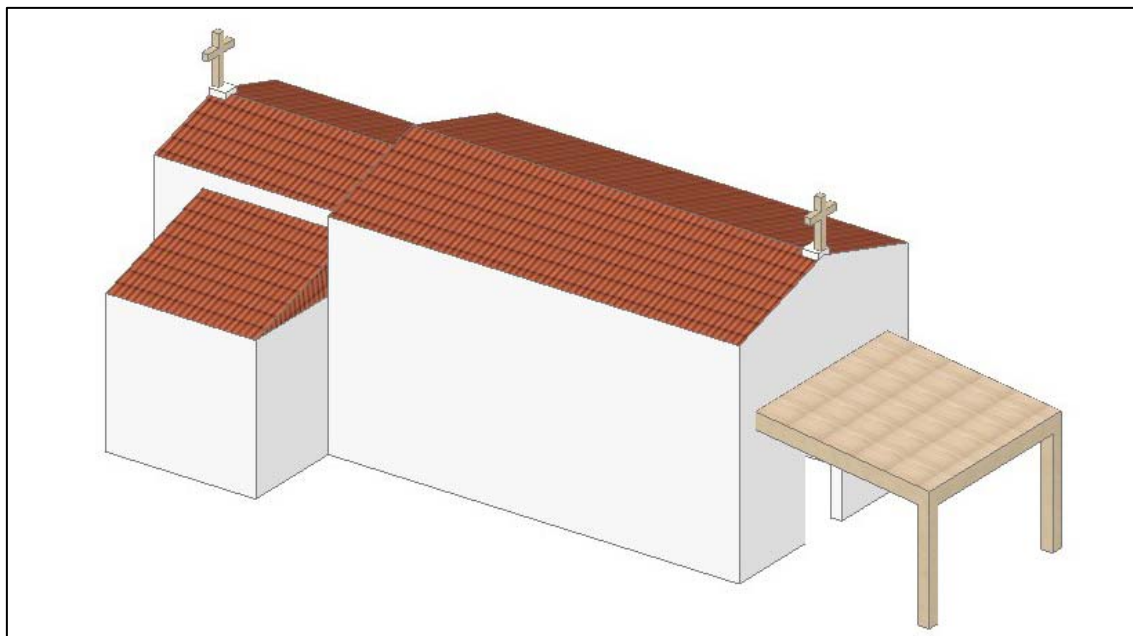


LEGENDA:

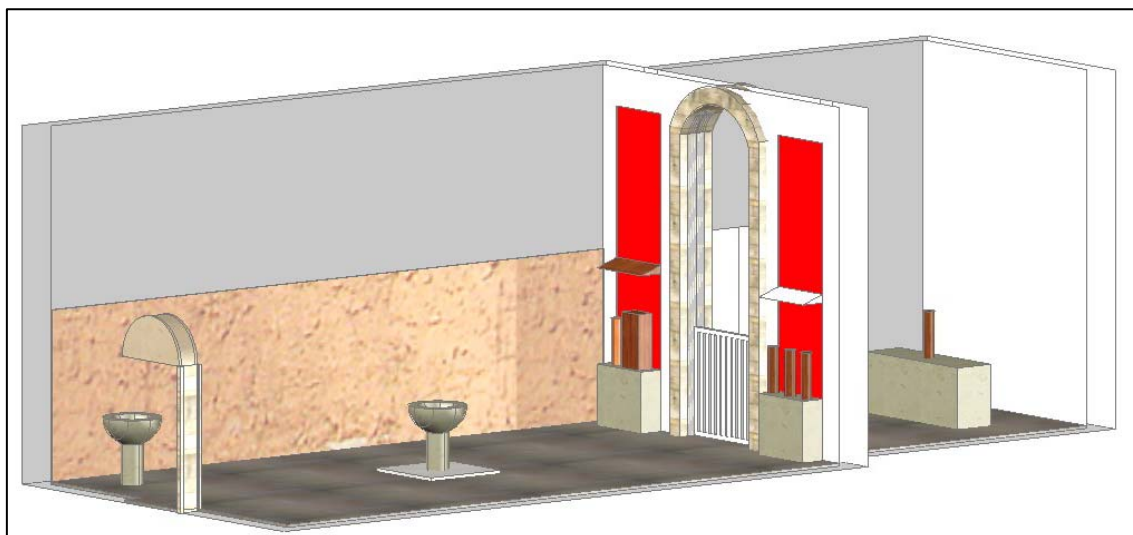
- 1 – Alpendre
- 2 – Entrada principal
- 3 – Nave
- 4 – Pia baptismal
- 5 – Pia de água benta
- 6 – Grades do arco cruzeiro
- 7 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: S. Sebastião; retábulo com N^a S^a e Sta. Isabel
- 8 – Altar colateral (Epístola) – imagens: N^a S^a; S. Brás; Sta Catarina
- 9 – Capela-mor
- 10 – Altar-mor – imagens: N^a S^a com o Menino Jesus ao colo
- 11 – Sacristia
- – Pinturas a fresco: Evangelho – Visitação de N^a S^a e São João; Epístola – Sta. Luzia, São Lázaro e Santo Antão

1.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



1.1.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Igreja	Nª Sª dos Mártires (Velha)	Longitudinal; 1 nave	<u>Capela-mor</u> : forrada de castanho; <u>Sacristia</u> : telhado sem forro, telha assente no ripado; <u>Corpo da igreja</u> : telha vã; <u>Alpendre</u> : forrado de canas	Altar-mor; 2 altares colaterais	<u>Pedra e cal</u> (capela-mor, sacristia, corpo da igreja); <u>Cantaria</u> (arco da capela); <u>Pedra</u> (portal principal, pias, alpendre) <u>Alvenaria</u> (altares colaterais); <u>Barro</u> (imagem de S. Sebastião); <u>Madeira</u> (coberturas, guarda-pó, imagens); <u>Mármore</u> (base da pia do meio da igreja); <u>Castanho</u> (cobertura da capela-mor, portas do portal principal); <u>Cana</u> (cobertura alpendre)

1.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Cacela	Igreja de Nª Sª dos Mártires (Velha)	Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo	Altar-mor	Vulto em madeira
			Visitação de Nª Sª e de São João;	Ombreira do arco triunfal (Evangelho)	Fresco;
			São Sebastião;		Vulto em barro;
			Nossa Senhora e Santa Isabel	Ombreira do arco triunfal (Epístola)	Vulto em madeira
			Santa Luzia, São Lázaro, Santo Antão;		Fresco;
			Nossa Senhora, São Brás, Santa Catarina		Vulto em madeira

1.1.5. QUADRO N º 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Cacela	Igreja de N ^a S ^a dos Mártires (Velha)	1 Cálice de prata com a sua patena; 1 Cofre de marfim; 4 Castiçais; 2 Pares de galhetas de estanho; 1 Caldeira de água benta; <i>Obradeiras</i> grandes; 1 Turíbolo; 1 Arca onde se <i>guardam estas cousas</i>. 1 Caixa de pau com umas âmbulas de estanho para os três Óleos Santos; 3 Corporais; 1 Caixa grande de hóstias; 1 Missal romão; 2 Sinos grandes: 1 na capela e outro no campanário num torreão em frente à Igreja; 1 Campainha de comungar.	1 Vestimenta de damasco roxo; 1 Vestimenta de pano pintado da Guiné; 1 Manto de zarzaganian com estola e manípulo; 1 Manto de zarzaganian sem alva, estola e manípulo; 2 Mantos pintados sem alva, estola e manípulo; 1 Saio de N^a S^a de cetim branco com uma coartapisa de veludo carmesim; 1 Saio de N^a S^a de borcado com debruados de veludo preto; 1 Saio de N^a S^a de chamalote azul; 1 Cinta de N^a S^a de tecido roxo com uma guarnição de prata; 3 Toalhas francesas do altar-mor; 5 <i>Manteos</i> que servem nos altares; 1 Frontal de pano de linho pintado com a N^a S^a com o Menino no Colo e dois anjos de cada lado; 1 Frontal de pano de Arras que serve no altar-mor; 1 Frontal de pano de lãmbre; 1 Frontal de palma de Guiné; 1 Frontal de pano de linho pintado; 1 Cortina de sarja vermelha que serve no altar-mor; 4 <i>Almeazares</i>; 1 Touca de linho de algodão com bandas de seda e ouro de N^a S^a; 1 <i>Palleo</i> de pano de seda branco; 1 Pano da Guiné de listas azuis;

1.2. VISITAÇÃO DE 1534

Após 16 anos via-se no **altar-mor um tríptico** que se cerrava, pintado a óleo e dourado. No painel central estava representado o Mistério da Epifania, no painel do lado do Evangelho a Natividade e no do lado do Epístola a Circuncisão, pintada a óleo. Por trás deste tríptico tinha uma cortina com seu guarda-pó de sarja com franja de cor vermelha e amarela.

Na parede de lado do Evangelho da **capela-mor** encontrava-se um **sacrário** de pedraria de muita obra (bem trabalhado) forrado no seu interior a madeira de castanho com suas portas de bordo⁷² com machofêmeas e ferrolho e fechadura estanhados onde se encontrava o Santo Sacramento num cofre pequeno de marfim e os três Óleos Santos, assim como ficou estabelecido nas determinações particulares aquando da visitação no ano de 1518.

Na **ombreira do arco da capela-mor** do lado do Evangelho encontrou-se novamente no altar um **retábulo meão**⁷³ com imagens de vulto de São Sebastião e São Roque, um espelho grande de marfim e uma imagem de Nossa Senhora de vulto numa caixa de madeira. Na **ombreira** do lado da Epístola estava outro altar de alvenaria em que novamente se encontrava as mesmas imagens pintadas e de vulto aquando da Visitação do ano de 1518.

Relativamente ao **revestimento do corpo da igreja** encontrou-se novamente forrado de madeira de castanho na cobertura, sendo as paredes caiadas.

Na porta principal o **alpendre** que se encontrou foi um mais largo do que o anterior, de meias paredes de pedra e cal, lajeado, emadeirado de castanho e forrado com canas.

Ainda na porta principal encontrou-se o **campanário** que foi ordenado construir nas determinações particulares na Visitação do ano já referido. Este era de pedraria com dois sinos grandes e em cima destes um sino pequeno.

⁷² Tipo de madeira

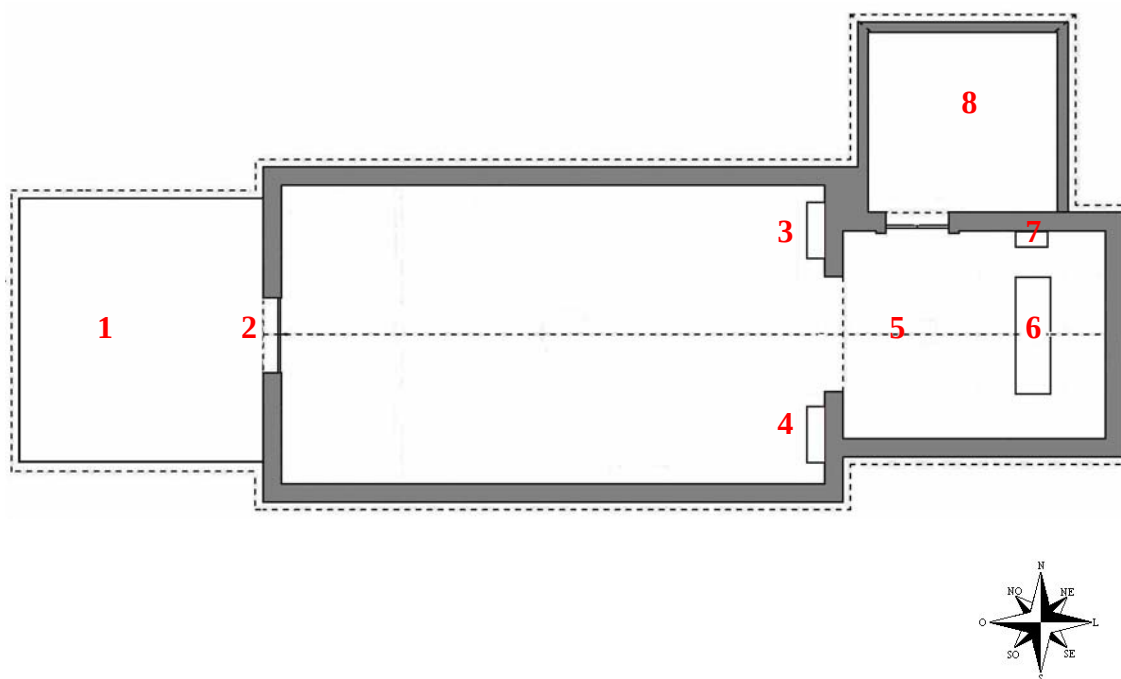
⁷³ *Idem, ibidem.* Pág. 114

^(*) *Idem, ibidem.* Pág. 111

Determinações:

Após a visitação a esta igreja foi determinado fazer, com o dinheiro das esmolas, um cálice de prata; pintar o interior e as portas do sacrário mas o seu exterior em pedraria branca ficaria como estava; a feitura de uma capa de asperges de *chamalote* de cores como tinha sido mandada na visitação passada; que se acabasse de *encalar* o corpo da igreja e corrigir o alpendre de maneira a que não chovesse nele; fazer um *hábito* de Santiago numa pedra para colocar sobre a porta principal.

1.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

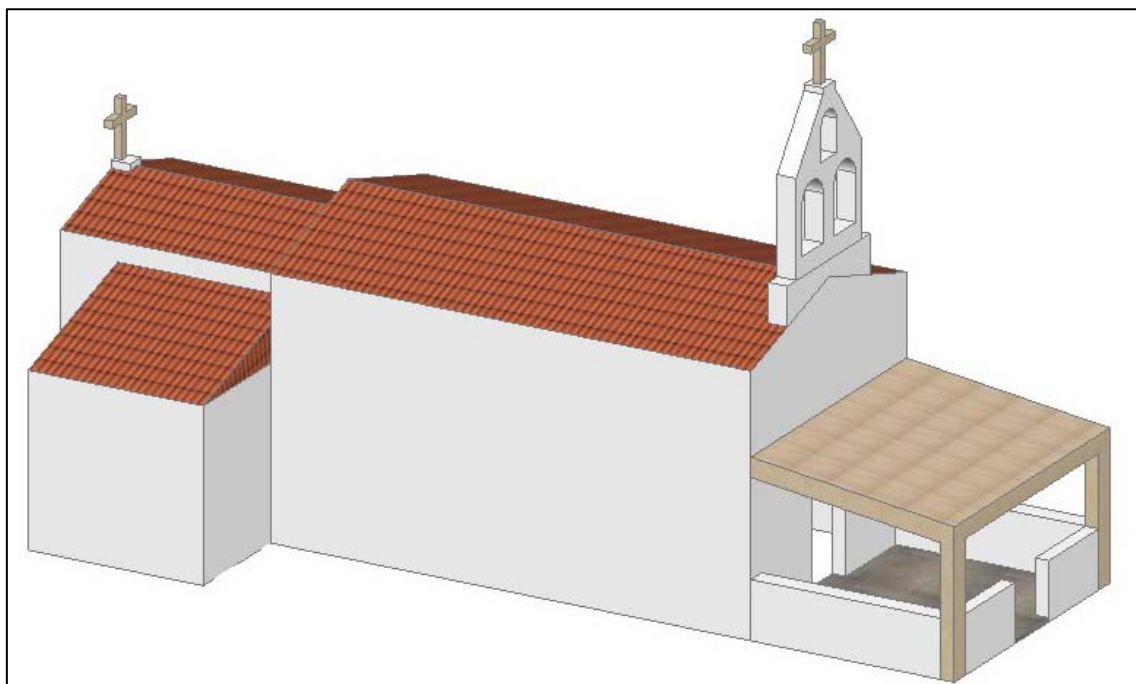


LEGENDA:

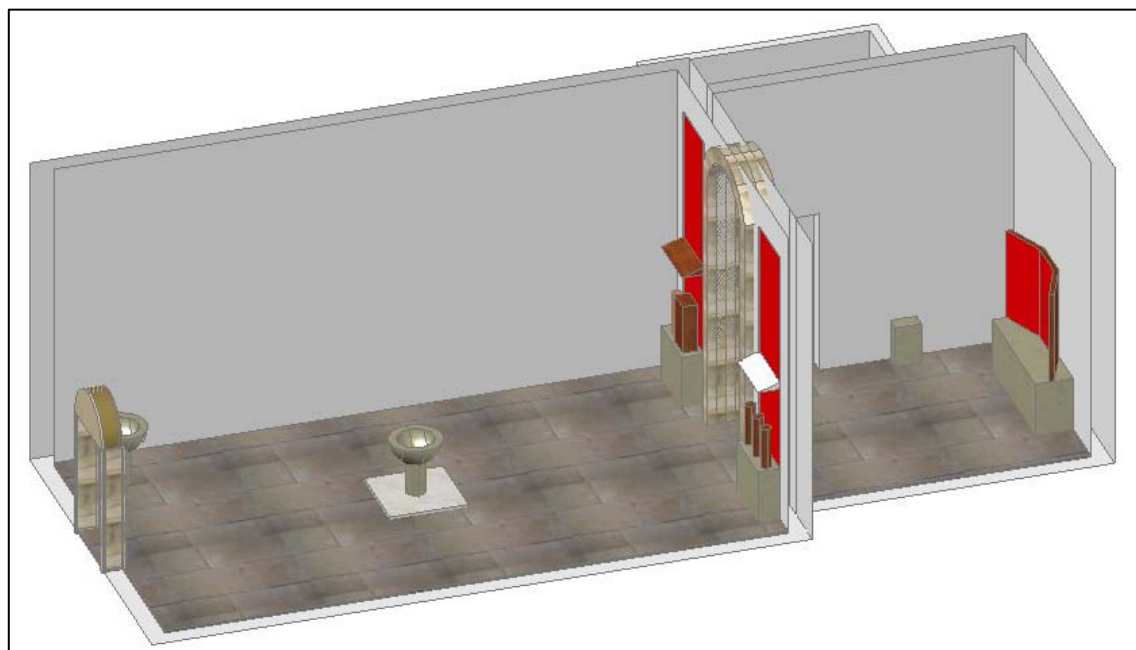
- 1 – Alpendre
- 2 – Entrada principal e Campanário (acima do portal)
- 3 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: S. Sebastião, S. Roque, Nª Sª
- 4 – Altar colateral (Epístola) – imagens: as mesmas que na visitação de 1518
- 5 – Capela-mor
- 6 – Altar-mor – Tríptico: Natividade, Epifania, Circuncisão
- 7 – Sacrário
- 8 - Sacristia

1.2.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



1.2.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Igreja	Nª Sª dos Mártires (Velha)	_____	<u>Capela-mor</u> : forrada de castanho; <u>Sacristia</u> : telhado sem forro, telha assente no ripado; <u>Corpo da igreja</u> : telha vã; <u>Alpendre</u> : forrado de canas	Altar-mor; 2 altares colaterais	<u>Pedra e cal</u> (capela-mor, sacristia, corpo de igreja, alpendre); <u>Madeira</u> (imagens); <u>Pedreria</u> (sacrário, campanário); <u>Castanho</u> (sacrário, forro corpo da igreja, alpendre); <u>Alvenaria</u> (altares colaterais); <u>Bordo</u> (portas do sacrário); <u>Cana</u> (alpendre); <u>Marfim</u> (cofre do SS)

1.2.4. QUADRO Nº2 – INVOCAÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Cacela	Igreja de Nª Sª dos Mártires (Velha)	Mistério da Epifania; Natividade; Circuncisão	Altar-mor	Tríptico
			Visitação de Nª Sª e de São João; São Sebastião; Nossa Senhora e Santa Isabel	Ombreira do arco triunfal (lado do Evangelho)	Fresco; Vulto em barro; Vulto em madeira
			Santa Luzia, São Lázaro, Santo Antão; Nossa Senhora, São Brás, Santa Catarina	Ombreira do arco triunfal (lado do Epístola)	Fresco; Vulto em madeira

1.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Cacela	Igreja de N ^a S ^a dos Mártires (Velha)	1 Cruz grande prateada com quatro esmaltes; 1 Crucifixo de vulto; 1 Missal; 1 Baptistério; 1 <i>Alanpada com suas cadeas que estaa ante o Santo Sacramento;</i> 2 <i>bacyos d’acofra de Frandes pera oferta com Adão e Eva no meio;</i> 1 <i>Paulla</i> lavrada de seda carmesim; 1 <i>Paulla com huns Deus</i> lavrados de seda de cores com uma franja de <i>retros</i> verde;	1 Vestimenta de estamena roxa com savastro de cruz vermelho de bastidor por cima com uma imagem de N^a S^a e umas estrelas; 1 Vestimenta de chamalote <i>alyonado</i> com savastro de cetim verde; 1 Saio de N^a S^a de pano branco <i>quartapysado</i> de cetim de muitas cores; 1 Saio de <i>fustão</i> branco debruado de veludo preto; 1 Saio de N^a S^a de pano branco barrado a três barras de veludo preto; 1 Camisa de N^a S^a de linho lavrada de seda carmesim; 1 Saio de pano branco fino barrado de veludo preto do Menino Jesus; 1 Cinta com guarnição de prata de N^a S^a; 1 Frontal de Arras; 1 Frontal de Arras com um crucifixo com a imagem de N^a S^a de um lado e São João do outro; 1 Frontal de <i>verdura</i>; 1 Cortina de sarja vermelha e verde de quatro panos; 4 Toalhas de <i>Frandes</i> para o altar; 1 Saio de chamalote preto de N^a S^a; 1 Toalha de mesa de <i>Frandes</i>; 3 Toalhas de ponto real; 2 <i>Almeyzares</i>;

				1 Vestimenta de pano de <i>Frandes</i> pintado com savastro verde borlado com a imagem de N^a S^a e uns ramos; 1 <i>Almeyzar</i> roxo com umas bandas de seda vermelha e verde; 2 Panos da Guiné brancos de listas azuis; 1 Alcatifa nos degraus do altar-mor.
--	--	--	--	--

2. IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO

2.1. VISITAÇÃO DE 1554

O Santo Sacramento encontrava-se dentro de uma caixa de metal forrada de *bocaxim* com os seus corporais limpos, metido num sacrário no altar-mor, por pintar.

Os Santos Óleos estavam dentro das âmbulas de estanho, junto da **pia de baptismo**. Esta encontrava-se junto da porta principal do lado do Evangelho assente num patamar de pedraria de dois degraus, sobre uma coluna de pedra; não tinha grades mas delas tinha necessidade.

A igreja estava situada a *ponente* afastada um pouco da praia.

A **capela-mor** era de abóbada *de rosa*⁷⁴ de alvenaria; as

suas paredes de alvenaria eram bem guarnecidas, com altura de 28 palmos (660cm); o arco triunfal tinha *chave e represas de pedraria*⁷⁵ e o chão era de lajes de 21 palmos (462cm) de largura e de comprimento.

O **arco triunfal** era de pedraria, com os seus pilares laterais rematados por capitéis lavrados de romano com altura igual à das paredes da capela-mor e largura de 15 palmos (330cm). No fecho do arco encontrava-se a espada da Ordem de São Tiago numa pedra. Não tinha grades mas delas tinha necessidade.

Na **capela-mor** estava um **altar** de alvenaria de 10 palmos (220cm) de comprimento, 5 de altura (110cm) e 4 de largura (88cm); sobre ele estava um retábulo de bordo branco de 5 painéis por pintar, com um encaixe em branco, uma imagem de Nossa Senhora de madeira e a seus pés um sacrário. O altar estava sobre um patamar



Fig. 2 – Igreja de Nª Sª da Assunção actual Igreja Matriz de Cacela Velha

⁷⁴ *Idem, ibidem*. Pág. 249

⁷⁵ *Idem, ibidem*. Pág. 249. Pensamos referir-se aos componentes de um arco de pedraria: chave e aduelas (= represas).

lajeado de seis degraus de pedraria. Na parede da ousia não tinha fresta nenhuma mas tinha dela necessidade.

A **sacristia** era quadrada de paredes de alvenaria com 20 palmos (440cm) de comprimento e largura quase igual e de altura 12 (264cm). O tecto era emmadeirado de castanho, *emcanicado de novo*, e de uma só água. Tinha uma **fresta** na banda do *levante* de boa claridade. Tinha que ser dotada de alguns armários.

Saindo da capela-mor para a banda do sul junto à parede da banda do *levante* estava um **altar de alvenaria** que tinha de comprimento 11 palmos (242cm), 5 de altura (110cm) e 4 de largura (88cm). Sobre o altar achava-se um retábulo da Flandres de duas portas com a representação do Mistério da Epifania no interior, numa das portas a Natividade e na outra a Circuncisão.

Da outra banda do norte tinha outro **altar** de igual configuração ao anterior, com um painel de Flandres com as representações de São Sebastião, Santo António e São Luís.

O **corpo da igreja** era de **três naves** de paredes de alvenaria com 30 palmos (660cm) de altura. Tinha 4 arcos de alvenaria de ponto em cada banda, com as colunas e capitéis de pedraria. A nave do meio era emmadeirada de asnas de castanho e *emcaniçada* de duas águas. As naves laterais eram emmadeiradas de castanho e *emcaniçadas* de uma só água. O chão encontrava-se meio lajeado de novo; havia de se mandar acabar.

A **porta principal** de arco de volta perfeita era de pedraria. Os capitéis dos pilares laterais eram lavrados de romano, com um medalhão em cada ponta. Sobre o portal estava um escudo com a espada da Ordem e, sobre este, um *brandão*⁷⁶ acesso de pedraria, novo e bem acabado, com portas de bordo, lavradas de romano de figuras e medalhões novos e bons, com dois postigos. O portal tinha 15 palmos (330cm) de altura e 7 e meio (165cm) de largura.

Do lado do Evangelho tinha uma **escada** de pau movediça para um campanário. A *Visitação* diz-nos que era necessário fazer-se uma escada de pedra no exterior com uma porta para se ascender ao **campanário**.

⁷⁶ *Idem, ibidem*. Pág. 250

Da banda do sul, na primeira coluna, estava uma **pia de água benta** e uma fresta sem *amçerado*⁷⁷ nem vidraça⁷⁸.

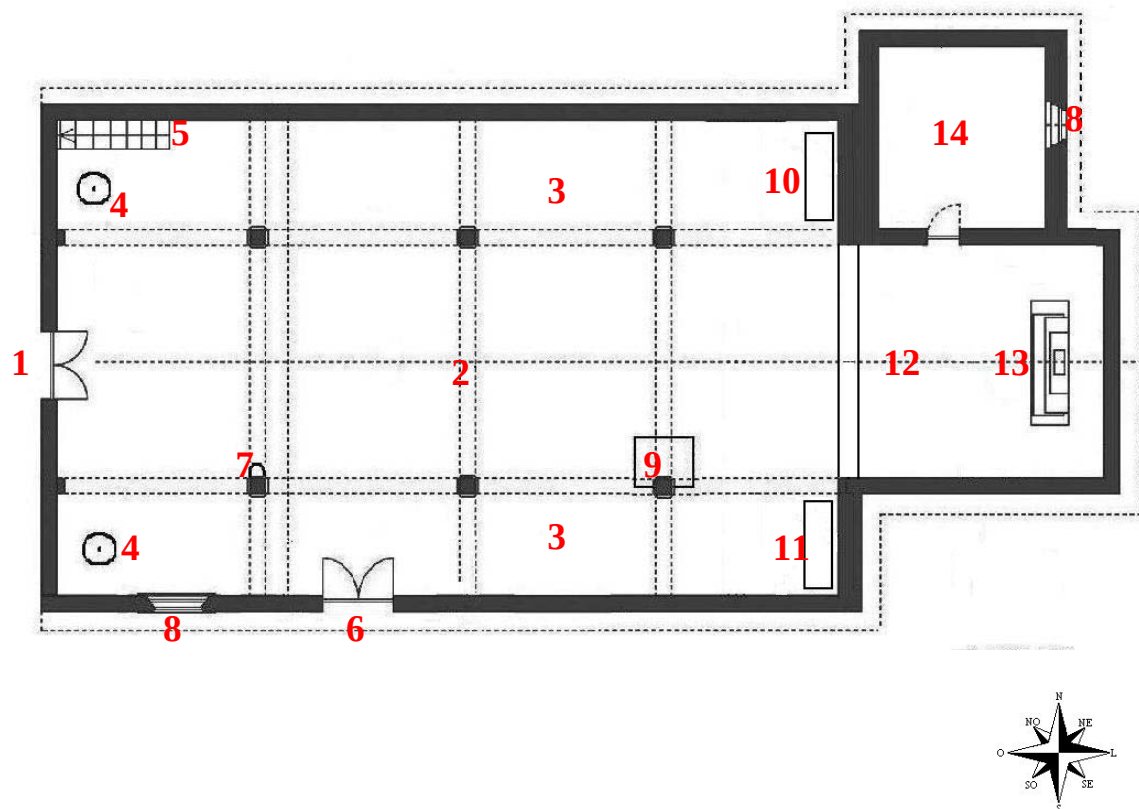
Na mesma banda tinha uma porta lateral de pedraria de volta perfeita com altura de 11 palmos (220cm) e 6 de largura (132cm). Tinha umas portas de castanho novas e bem fechadas com um postigo. Junto desta porta estava uma **pia de água benta** de pedra.

Ainda na mesma banda, junto do cruzeiro, encontrava-se um **púlpito** de pedraria com uma coluna e *asento* de pedraria.

⁷⁷ *Idem, ibidem.* Pág. 250

⁷⁸ *Sem amçerado nem vidraça* quer dizer que a fresta era vazada.

2.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

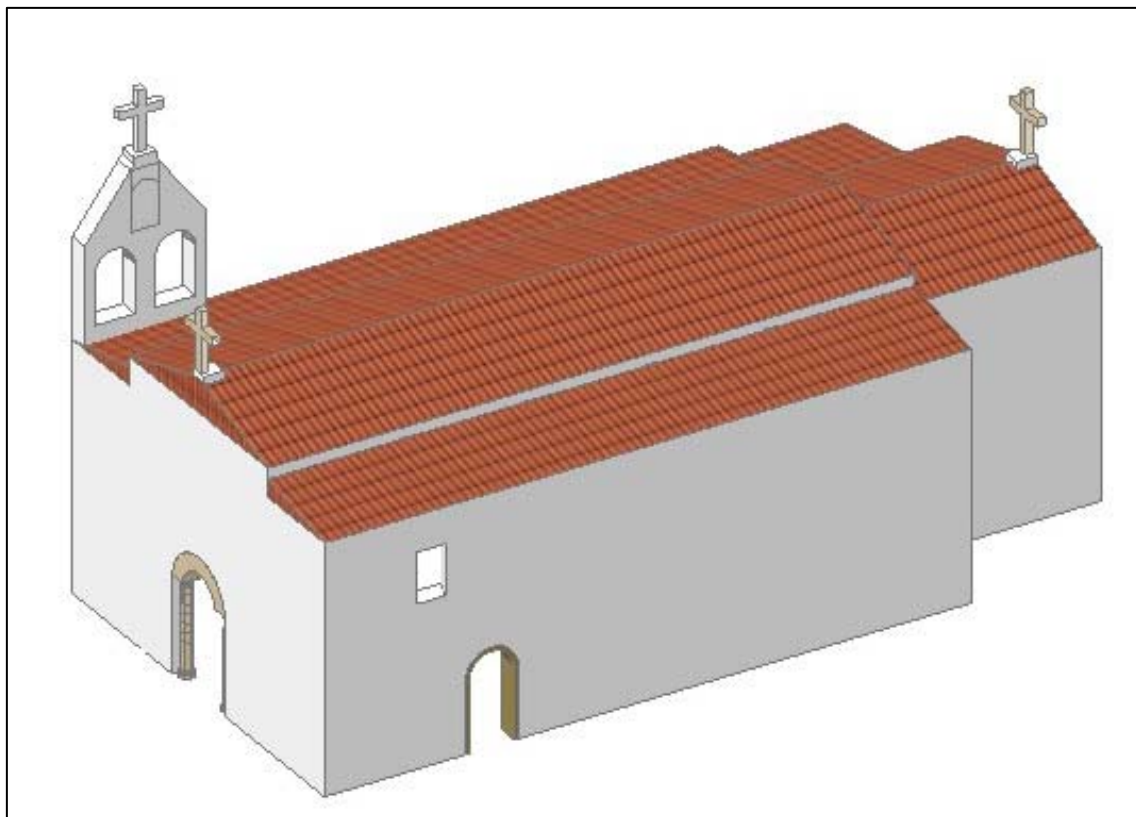


LEGENDA:

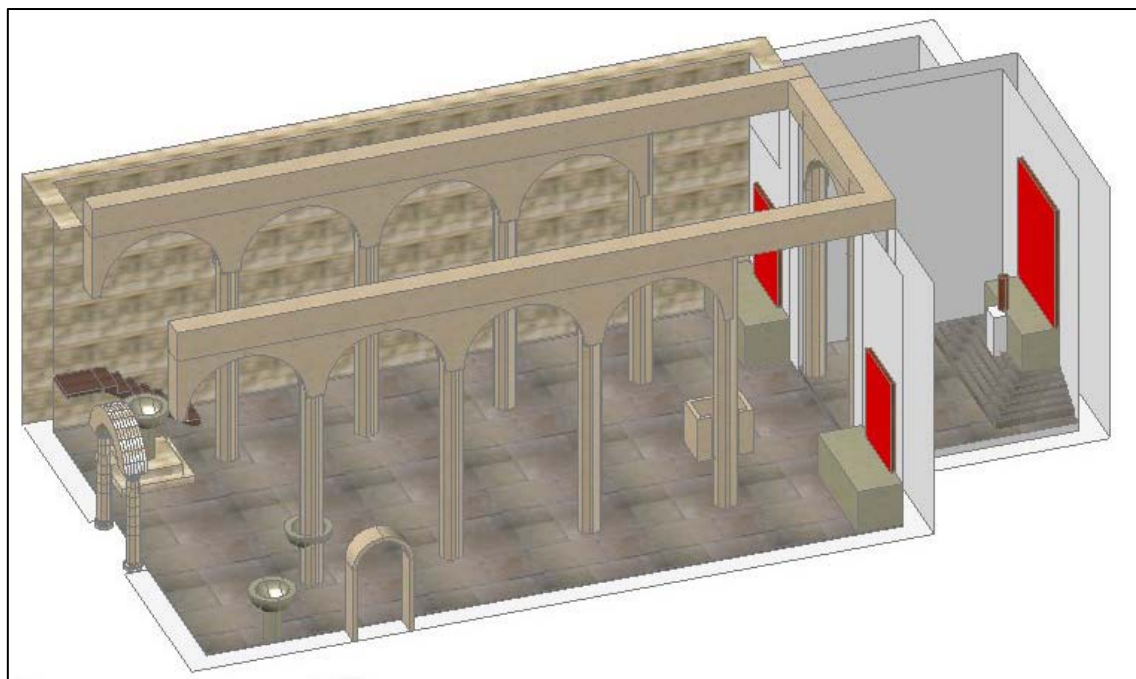
- 1 – Entrada principal
- 2 – Nave central
- 3 – Naves Laterais
- 4 – Pia baptismal
- 5 – Escada movediça (acesso ao campanário)
- 6 – Entrada lateral
- 7 – Pia de água benta
- 8 – Frestas
- 9 – Púlpito
- 10 – Altar colateral (Evangelho) – pintura: São Sebastião; Santo António; Santo Luís
- 11 – Altar colateral (Epístola) – pintura: Mistério da Epifania; Natividade; Circuncisão
- 12 – Capela-mor
- 13 – Altar-mor – 5 painéis por pintar; imagem: Nossa Senhora
- 14 – Sacristia

2.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



2.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1554	Igreja	Nª Sª da Assunção	Longitudinal; 3 naves	<u>Capela-mor</u> : abóbada de <u>rosa</u> ; <u>Sacristia</u> : de canas de uma só água; <u>nave central</u> : asnas de castanho e de canas de duas águas; <u>Naves laterais</u> : castanho e de canas de uma só água	Altar-mor; 2 altares colaterais	<u>Pedraria</u> (patamar da pia, arco triunfal, patamar do altar-mor, portal lateral, colunas e capitéis do corpo da igreja, portal principal e ornamento superior, porta lateral, púlpito); <u>Pedra</u> (coluna da pia, pia lateral); <u>Alvenaria</u> (capela-mor, altar-mor, sacristia, altares colaterais, corpo da igreja e arcos); <u>Bordo</u> (retábulo-mor); <u>Madeira</u> (imagens, escada movediça); <u>Castanho</u> (sacristia, naves, portas laterais); <u>Cana</u> (sacristia); <u>Ferro</u> (cobertura da nave central)

2.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1554	Cacela	Igreja de Nª Sª da Assunção	Nª Sª	Altar-mor	Vulto em madeira
			Mistério da Epifania; Natividade; Circuncisão	Altar colateral (lado do Epístola)	Retábulo (com pinturas) de Flandres de duas portas (Tríptico)
			São Sebastião; Santo António; Santo Luís	Altar colateral (lado do Evangelho)	(?)

2.1.5. QUADRO N º 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1554	Cacela	Igreja de Nª Sª da Assunção	2 Missais: 1 romano, 1 sevilhano; 1 Baptistério Romão; Livros de casamentos, baptizados e óbitos. 1 Cálice de prata branco, de pé redondo, lavrado de <i>rodízios</i>, de cano liso, o nó do meio redondo, vaso e patena lisa; 1 Cálice de prata branco, de pé redondo lavrado de <i>colleres</i> de ramos, o cano liso, o nó do meio redondo lavrado de rosas, o vaso e patena liso; 1 Coroa de prata lavrada de folhagem com <i>huns rotis</i> da mesma prata lavrada; 1 <i>Alanpada</i> de <i>açofer</i>; 6 Castiçais de <i>açofer</i>; 2 Galhetas; 1 Caldeira de <i>asperges</i>;	4 Corporais; 1 Vestimenta de chamalote lionado com savastro do mesmo encarnado, franjada de amarelo, forrada de bocaxim; 1 Vestimenta de chamalote preto com savastro de cetim preto, franjada de fios torcidos de cores, forrada de bocaxim; 1 Vestimenta de chamalote vermelho com savastro de cetim verde, franjada de fios torcidos de cores, forrada de <i>fustão</i> branco.

2.2. VISITAÇÃO DE 1565

O **portal principal** era de pedraria lavrado ao romano, bem feito e com grandes medalhões, e, em cima, com o *hábito* de Santiago lavrado em pedra com duas vieiras.

O **corpo da igreja** era de **três naves** com oito pilares e num deles, junto da porta principal, estava uma pia de água benta e noutro, mais chegado ao cruzeiro, estava o **púlpito**, bem lavrado, todo de pedraria.

A igreja estava **pavimentada** de lajes de pedra e repartida em covas.

A cobertura era toda **emadairada de castanho** de asnas forrada de canas com quatro linhas de ferro.

Junto do **arco cruzeiro** estavam **dois altares** de alvenaria assentes num patamar de pedraria de um só degrau. O **altar** do lado da Epístola era da invocação da *Visitação* com um retábulo pequeno de portas pintadas com o Mistério da Epifania. O do lado do Evangelho era da invocação de São Luís com um retábulo da mesma invocação.

O **arco cruzeiro** era todo de pedraria, lavrado em grande obra ao romano; no fecho achava-se o *hábito* de Santiago igualmente lavrado em pedra.

À **capela-mor** ascendia-se através de um degrau e era toda lajeada de pedra. Tinha um patamar de 3 degraus, onde assentava o **altar-mor** de alvenaria, com um retábulo de bordo branco e *emcostado* a si tinha uma imagem de Nossa Senhora de vulto. A **cobertura** era abobadada e os arcos sobre ao quais estava armada eram de pedraria.

No **arco cruzeiro** tinha dois **confessionários** (Fig. 4) feitos na parede com as suas grades de ferro, de maneira a que fica o confessor da banda da capela e o penitente no corpo da igreja, muito bem metidos e de boa maneira.



Fig. 3 – Campanário da Igreja da Assunção de Cacela – 1750

Na **capela-mor** do lado do Evangelho estava um portal de pedraria que dava acesso para **sacristia** que era feita toda de pedra e barro, emadeirada de castanho, com cobertura de uma água forrada de canas.

O **corpo da igreja** era muito alto e estava bem guarneado e caiado e tinha duas frestas na parede.

A **pia baptismal** era de pedra e estava num



Fig. 4 – Projecção tridimensional dos confessionários do arco cruzeiro

patamar de pedra de dois degraus, do lado do Evangelho junto á entrada principal; estava cercada de grades fechadas. Dentro do circuito das grades estavam dois armários onde se guardavam os Santos Óleos e os livros de baptismo, casamentos e óbitos.

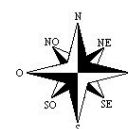
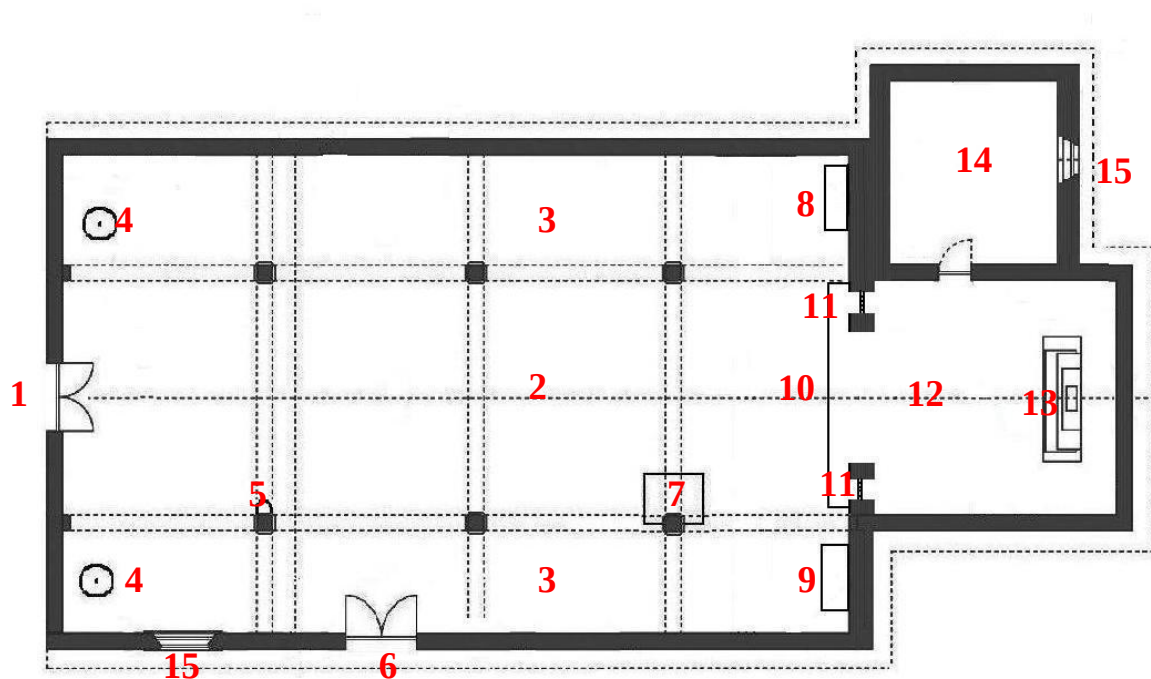
O **campanário** estava sobre a parede da Igreja no lado Norte e é de pedraria. Tinha dois sinos – um grande e outro mais pequeno.

Determinações particulares:

Determinou-se a feitura de: um encaixe sobre o arco cruzeiro e um crucifixo de vulto para se colocar no dito encaixe; uma cruz dourada para o altar-mor; umas grades na capela-mor de bordos torneados e fechadas com sua chave; uma capa de asperges de *chamalote* preto com *savastro* de veludo para a Quaresma.

Determinou-se que se compre: uma caldeira para a água benta de asperges; uma caixa para os *corporaes*; duas caixas para os dois cálices novos; rasgar a fresta da capela-mor feita de pedraria e colocar-lhe uma vidraça; corrigir o campanário e os sinos e fazer uma escadaria de pedraria no exterior para o acesso ao campanário, isto é, serem tocados pelo exterior da igreja para assim não causar estragos no telhado; forrar o corpo da igreja de madeira de pinho ou castanho.

2.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

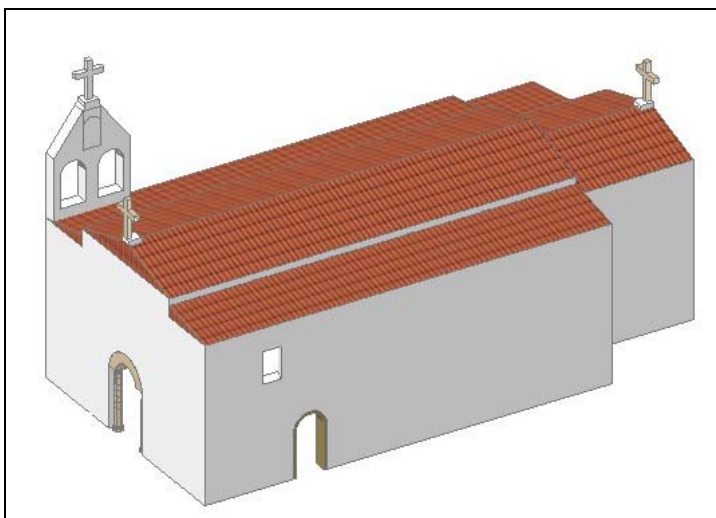


LEGENDA:

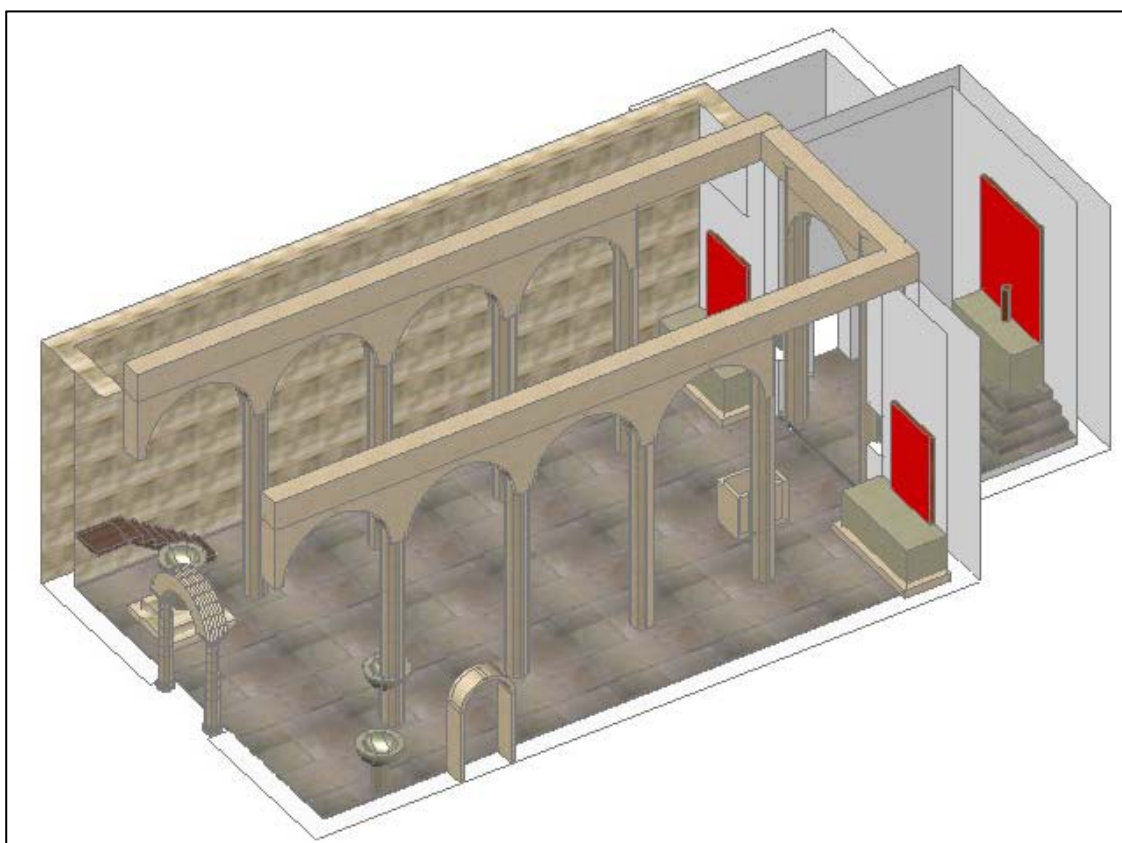
- | | |
|-----------------------|--|
| 1 – Entrada principal | 8 – Altar colateral (Evangelho) – S. Luís |
| 2 – Nave central | 9 – Altar colateral (Epistola) – Visitação; Mistério da Epifania |
| 3 – Naves laterais | 10 – Degrau |
| 4 – Pia baptismal | 11 – Confessionários |
| 5 – Pia de água benta | 12 – Capela-mor |
| 6 – Entrada lateral | 13 – Altar-mor – imagem: Nossa Senhora |
| 7 – Púlpito | 14 – Sacristia |
| | 15 – Frestas |

2.2.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



2.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Igreja	Nª Sª da Assunção	Longitudinal; 3 Naves	<u>Capela-mor</u> : Abobadada; <u>Sacristia</u> : 1 água	Altar-mor; 2 altares colaterais	<u>Pedraria</u> (portal principal; púlpito; patamar; arco triunfal, arcos da capela-mor); <u>Pedra</u> (pia, patamar, hábito de S. Tiago); <u>Castanho</u> (cobertura, sacristia); <u>Cana</u> (cobertura, sacristia); <u>Ferro</u> (cobertura); <u>Alvenaria</u> (altares); <u>Bordo</u> (retábulo-mor); <u>Pedra e barro</u> (sacristia); <u>Pedra e cal</u> (corpo da igreja)

2.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Cacela	Igreja de Nª Sª da Assunção	Nª Sª	Altar-mor	Vulto em madeira
			S. Luís	Altar colateral (lado do Evangelho)	Retábulo
			Visitação; Mistério da Epifania	Altar colateral (lado da Epístola)	Retábulo (com pinturas)

2.2.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1565	Cacela	Igreja de N^a S^a da Assunção	3 Cálices de prata; 1 Coroa de prata; 2 Missais: 1 romano; 1 Sevilhano; 1 Baptistério; 6 Castiçais pequenos; 1 Cruz de madeira forrada de folha de Flandres	1 Frontal de chamalote branco com barras de cetim carmesim com sanefa de cetim carmesim franjado; 1 Frontal de chamalote carmesim e azul com a sua sanefa; 1 Frontal de cetim da Índia rachado e no meio uma banda de cetim azul; 1 Vestimenta de damasco branco com savastro de veludo carmesim; 1 Vestimenta de chamalote lionado com savastro de chamalote carmesim; 1 Vestimenta de chamalote preto com savastro de cetim preto; 1 Cape de asperges de damasco verde com savastro de veludo carmesim; 2 Saias da imagem de N^a S^a de damasco branco barrada de veludo carmesim; de cetim carmesim barrada de veludo preto; 6 Toalhas dos altares: 5 de Flandres.

3.ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES

3.1. VISITAÇÃO DE 1554

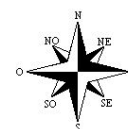
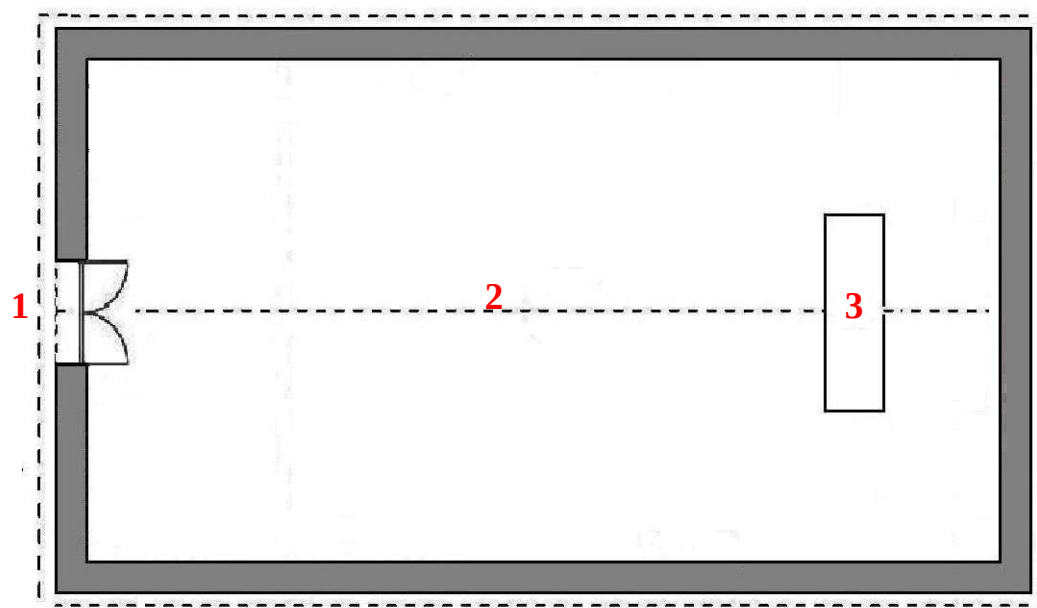
Esta ermida era somente uma casa⁷⁹ com a cobertura em madeira de castanho, telhada de *valladio* de duas águas. De comprimento tinha 65 palmos (14,3 metros) e de largura 21 (4,62 metros). Tinha um **altar** de alvenaria, com 10 palmos (220cm) de comprimento, 5 de altura (110cm) e 4 de largura (88cm), com uma Nossa Senhora de vulto em madeira. Tinha um **portal** de alvenaria de ponto (volta perfeita) com altura de 9 palmos (198cm), de largura 5 (110cm), com umas portas bem fechadas.



Fig.4 – Actual Ermida de Nossa Senhora dos Mártires

⁷⁹ A expressão *casa* é usada para um templo de espaço único.

3.1.1. ESQUEMA DA PLANTA



LEGENDA:

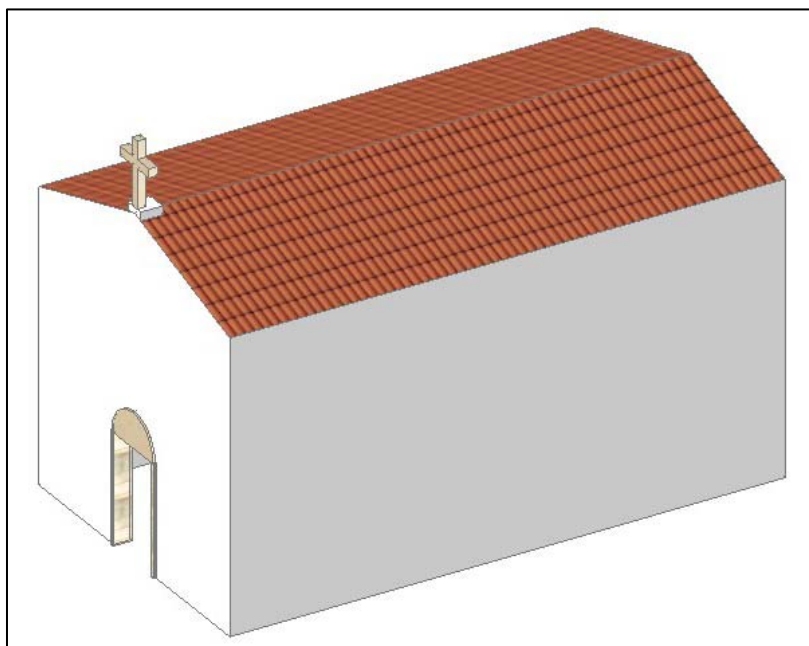
1 – Entrada principal

2 – Nave

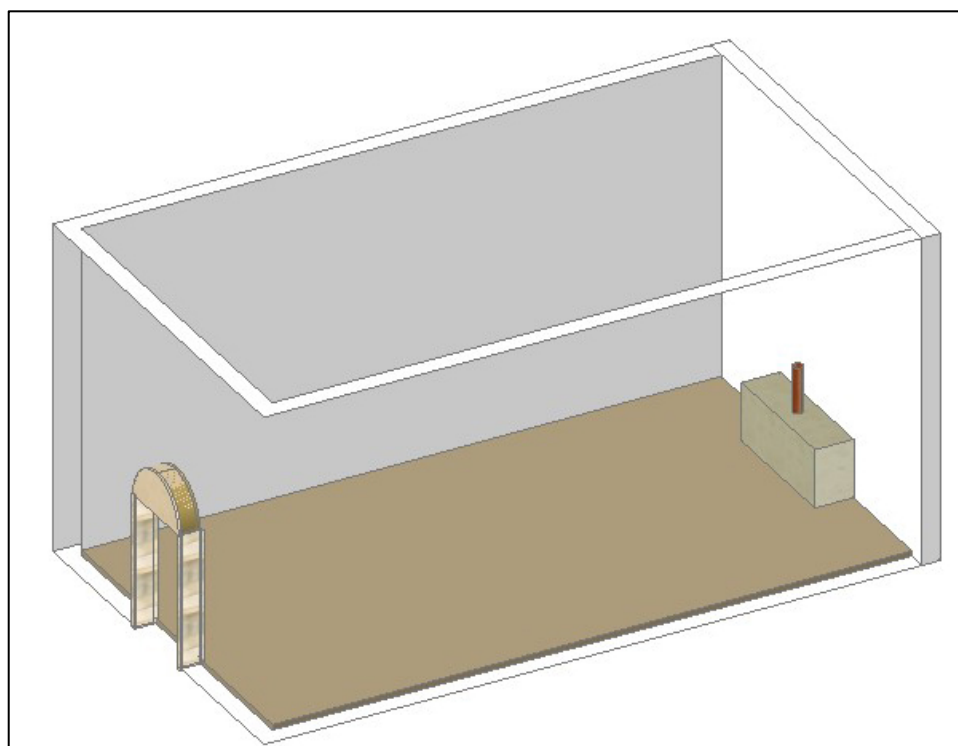
3 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora

3.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



3.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1554	Ermida	Nª Sª dos Mártires	Espaço único	<i>Valladio</i> ; 2 águas	Altar-mor; 2 altares colaterais	<u>Alvenaria</u> (altar, portal); <u>Madeira</u> (imagem)

3.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1554	Cacela	Ermida de Nª Sª dos Mártires	Nª Sª	Altar-mor	Vulto em madeira

CAPÍTULO III

BREVE RESENHA HISTÓRICA DE MARTIM LONGO



Os trabalhos arqueológicos realizados na freguesia revelaram uma importante ocupação no período Calcolítico, com escassos vestígios de uma anterior presença durante o Neolítico, da qual há a destacar a Anta da Castelhana. Localizado na fronteira com o concelho de Tavira, este monumento funerário terá sido construído no período de transição do quarto para o terceiro milénio ou para os primeiros séculos deste.

Durante o Período Romano e Medieval ocorreu um incremento do povoamento, tal como parecem evidenciar os dados conhecidos para a aldeia de Martinlongo, sede de freguesia, existentes nos róis de besteiros dos anos de 1385/1422. Estes primeiros valores demográficos eram já significativos, quando comparados com as restantes localidades da região algarvia.

O século XVI foi um período de grande prosperidade, chegando os seus habitantes a acorrer ao litoral algarvio aquando dos rebates dos Mouros. A partir dos finais do século XVII viveu outro período de riqueza. Como curiosidade refere-se a existência de uma pequena comunidade africana inscrita na Confraria de Nossa Senhora do Rosário, que não era muito vulgar em regiões do interior.

Martinlongo sempre foi e ainda hoje se mantém como o principal centro populacional do Concelho, ultrapassando a vila de Alcoutim.

CAPÍTULO IV

VISITAÇÃO DA COMENDA DE MARTIM LONGO

1.IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

1.1 VISITAÇÃO DE 1518

A igreja tinha a **capela-mor** derrubada.

O **corpo** era de três naves. Tinha no **altar** colateral do lado do Evangelho, três imagens de Nossa Senhora de vulto e sobre o altar uma cortina de pano branco.

A **cobertura** da igreja era de telha-vã e os arcos da nave eram de tijolo sobre esteios de pedraria.

O **portal** principal era de pedraria.

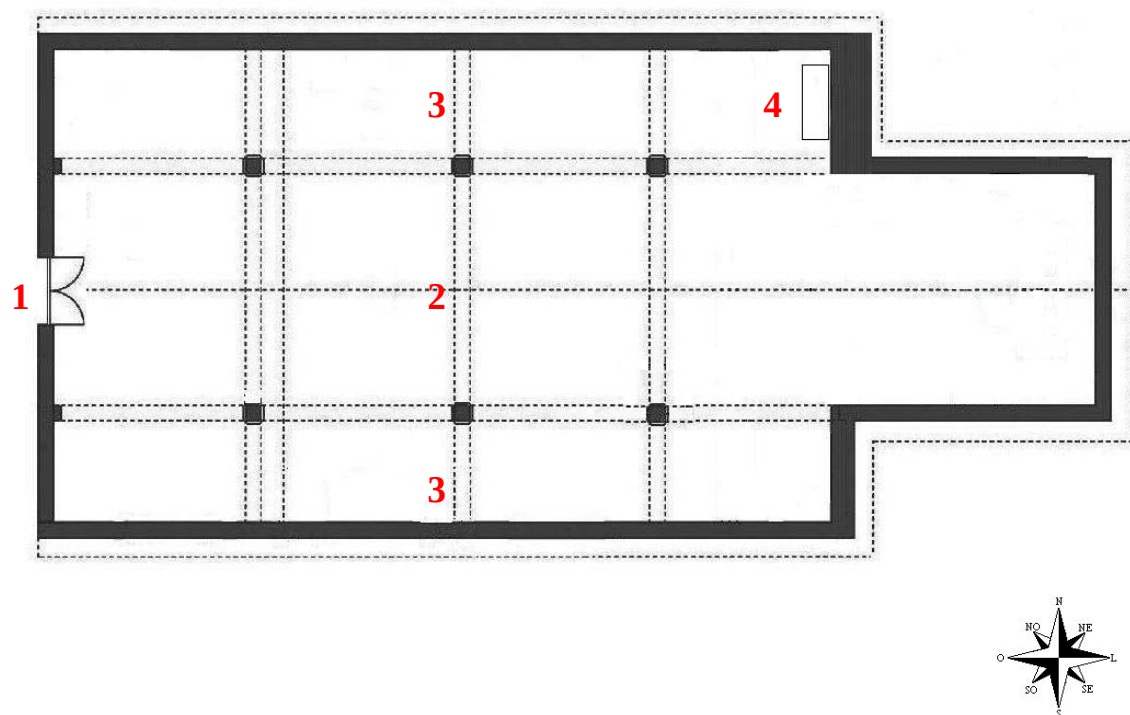
A **pia baptismal** era monolítica sobre um pilar de pedra.

Determinações particulares:

Os moradores (fregueses) da aldeia de Martim Longo ficaram incumbidos de construir, à sua custa, a igreja de novo.

A capela-mor, como estava derrubada, ficou de ser feita, à custa de Bispo, do Cabido de Silves e do Comendador.

1.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

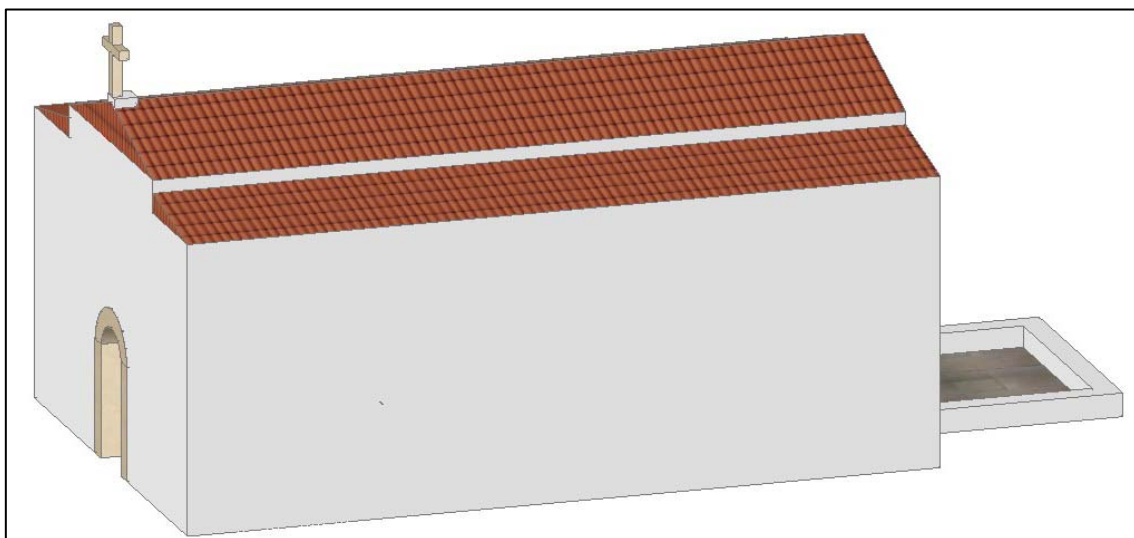


LEGENDA:

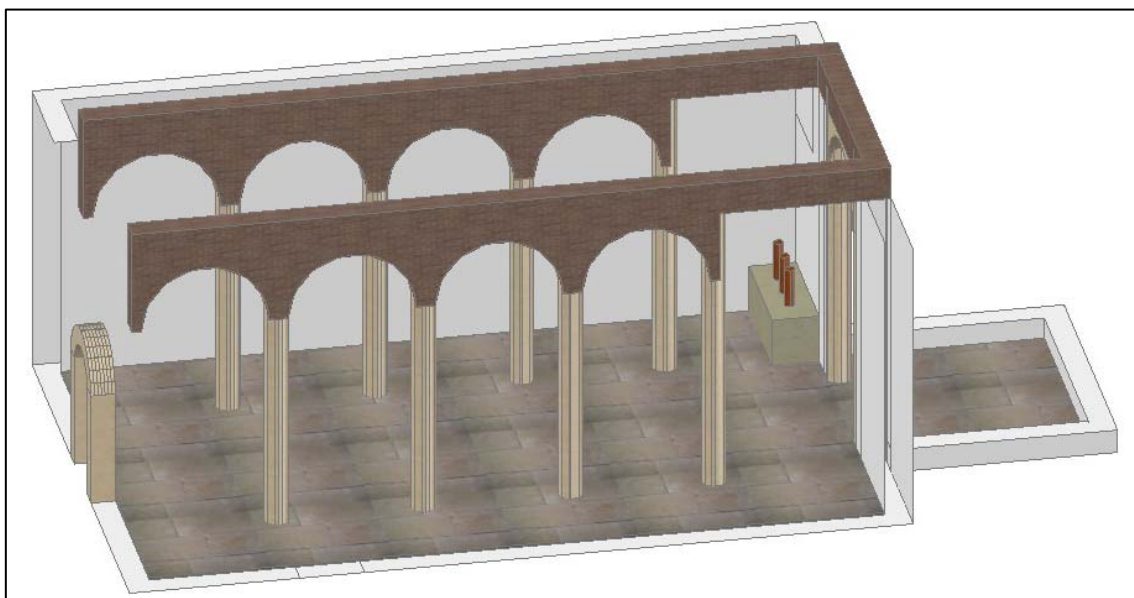
- 1 – Entrada principal
- 2 – Nave central
- 3 – Naves Laterais
- 4 – Altar colateral – imagens: três Nossas Senhoras

1.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



1.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Igreja	Nª Sª da Conceição	Longitudinal; 3 Naves	<u>Corpo</u> : telha-vã	Altar colateral	<u>Pedraria</u> (portal principal e lateral, esteios); <u>Pedra</u> (pia baptismal); <u>Tijolo</u> (arcos)

1.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Igreja de Nª Sª da Conceição	3 Nª Sª	Altar-mor	Vulto

1.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

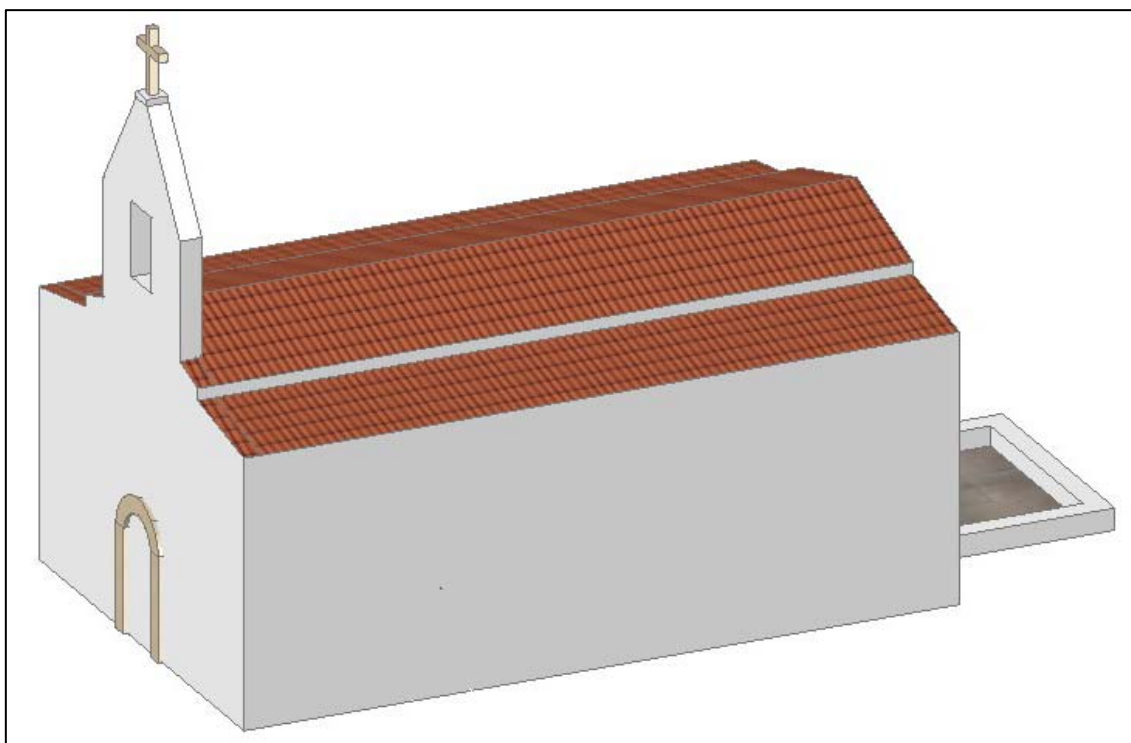
ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Martim Longo	Igreja de Nª Sª da Conceição	1 Cruz de prata com crucifixo dourado; 1 Cálice de prata branco com patena; 1 Cálice de prata com patena; 1 Custódia de prata branca com vidraças e uma cruzita em cima; 1 Turíbulo d'açofar velho; 2 Missais; 1 Campainha de comungar; 1 Estante do altar; Um <i>obradeiras</i> de duas hóstias; 1 Arca em que se guardam os ornamentos;	1 Manto de Damasco aveludado uns cordões e <i>savastro</i> de veludo carmim com cordões de ouro, sem alva; 1 Manto de <i>chamalote</i> preto sem alva; 1 Vestimenta d'<i>ustedada</i> vermelha comprida nova e boa; 1 Vestimenta de pano de toalhas, velha e comprida; 1 Frontal de lençol novo; Uns <i>Manteos</i> no altar; 3 Mesas de <i>manteos</i> usados;

1.2. VISITAÇÃO DE 1534

A igreja encontrava-se como na *Visitação* de 1518, ainda com a capela-mor derrubada, mas agora com um **campanário** com um sino sobre a porta principal.

1.2.1. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



1.2.2. QUADRO Nº 1 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Martim Longo	Igreja de N^a S^a da Conceição	1 Cálice de prata branco com patena; 2 Castiçais de cano pequenos; 2 Galhetas d'estanho; 1 Roda de campainhas de 13 campainhas;	6 <i>manteos</i> novos; Umas toalhas da Flandres; 1 Saio de N ^a S ^a de cetim azul; 1 Saio pequeno do Menino Jesus de veludo preto; 1 Frontal de verdura de Ras usado;

1.3. VISITAÇÃO DE 1565

A **cobertura da capela-mor** era de abóbada de dois arcos em cruz com a chave em pedraria.

O **altar-mor** era de pedra e cal com um frontal de *chamalote* branco e carmim com toalhas da Flandres. Tinha um retábulo de cinco painéis bom e dourado pintado a óleo. No centro tinha a imagem de Nossa Senhora de vulto e o **sacrário**. Ascendia-se para o altar-mor através de três degraus de alvenaria. A capela era ladrilhada de tijolo.

O **arco cruzeiro** era de pedraria de ponto, fechado com grades de castanho.

O **corpo da igreja** era de três naves, com quatro arcos de cada lado de alvenaria, assentes em colunas de pedra.

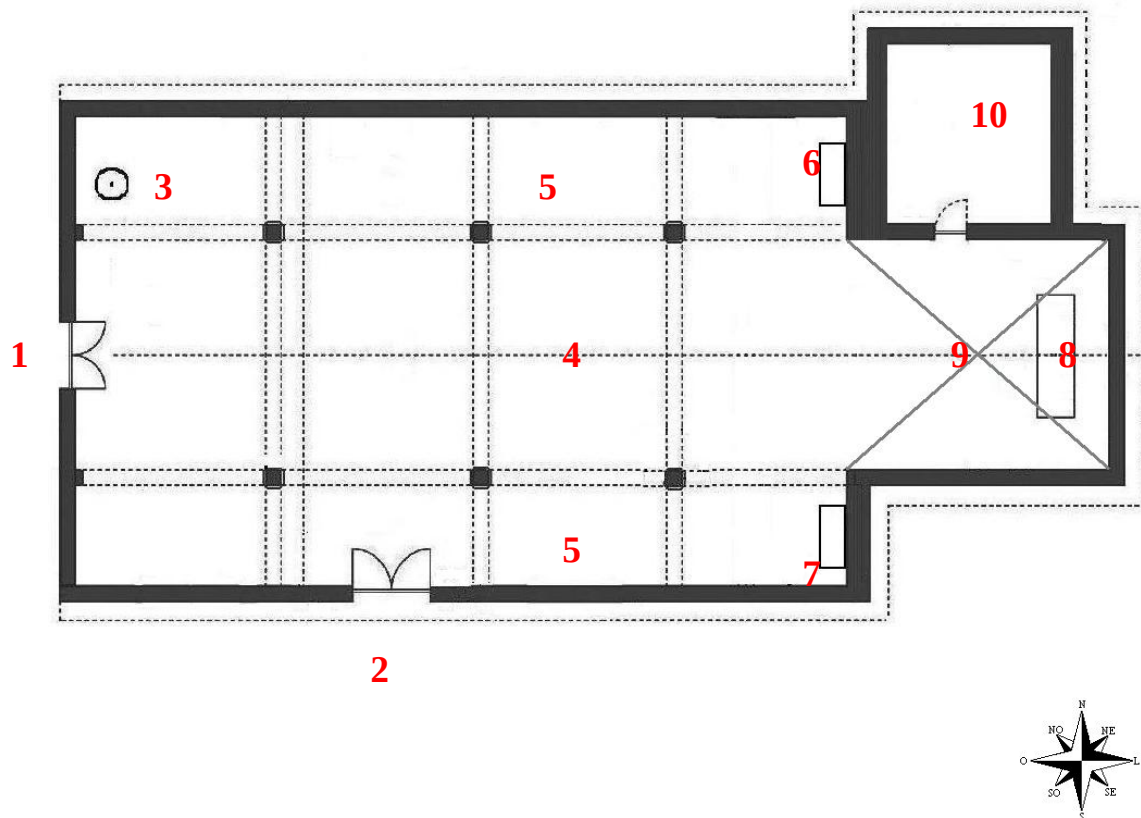
No lado do Evangelho tinha um **altar colateral** de alvenaria com a imagem de São Luís de vulto. No **altar colateral** do lado do Epístola estava um retábulo de três painéis com a imagem de vulto de Nossa Senhora da Graça com o Menino ao colo no centro.

O **portal principal** era de pedraria de volta perfeita. No lado da Epístola tinha um **portal lateral** semelhante ao principal.

A **pia baptismal** encontrava-se junto à entrada principal do lado do Evangelho e era feita de pedra lioz.

O **campanário** situava-se do lado do Evangelho junto ao portal principal.

1.3.1. ESQUEMA DA PLANTA

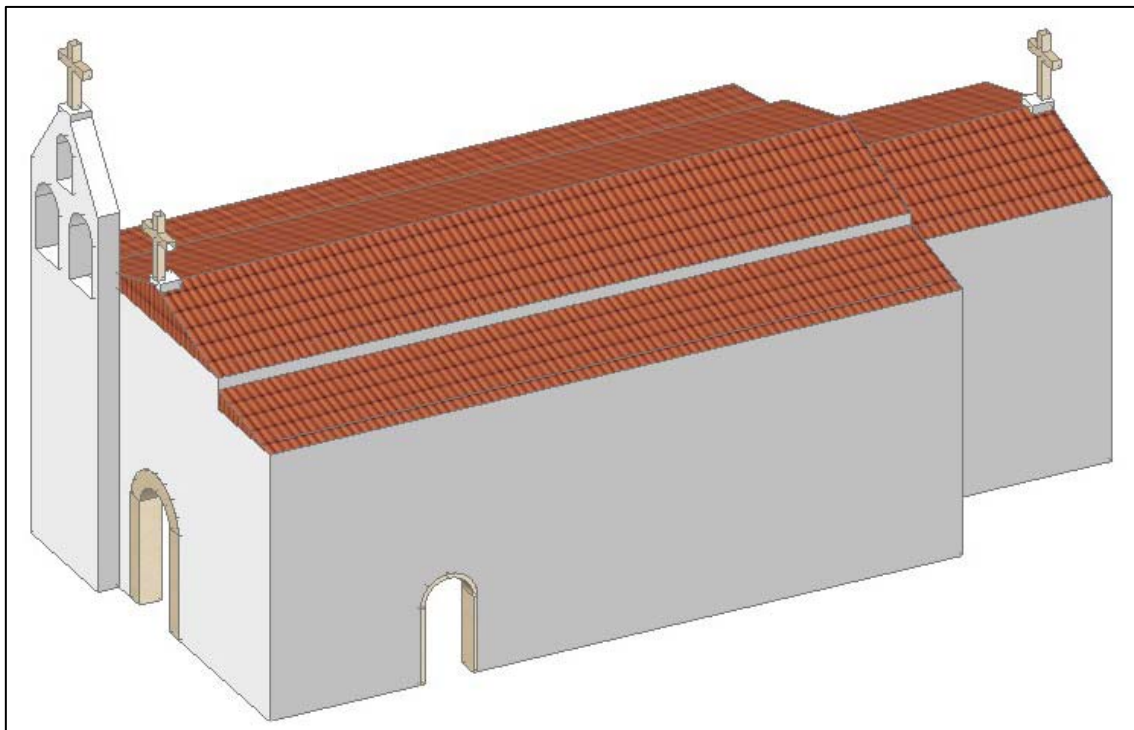


LEGENDA:

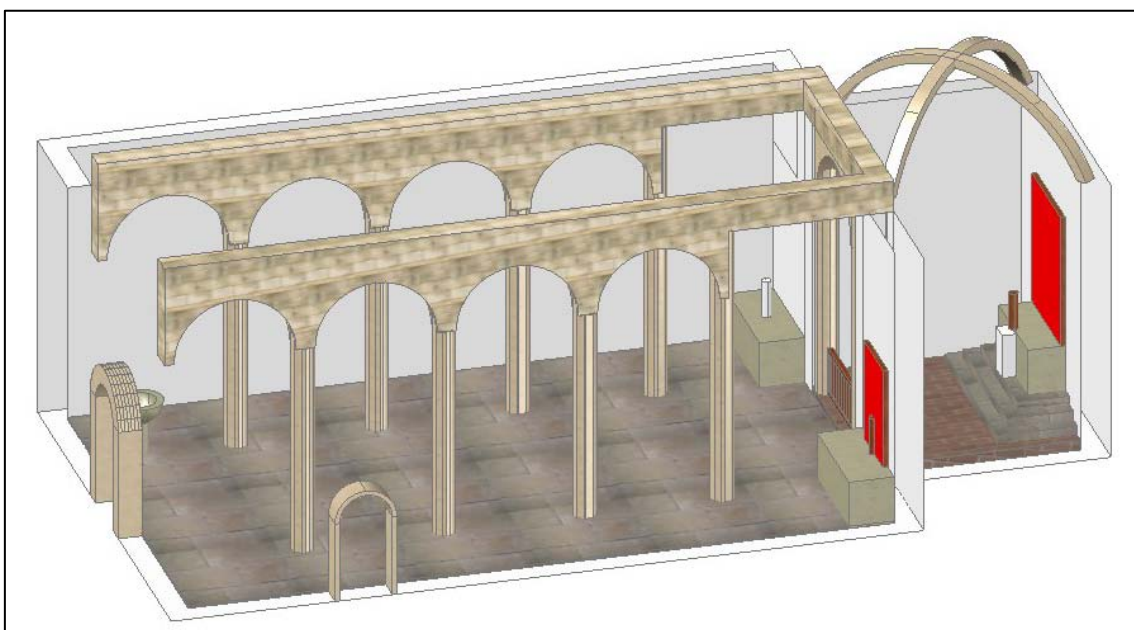
- 1 – Entrada principal
- 2 – Entrada lateral
- 3 – Pia baptismal
- 4 – Nave central
- 5 – Naves laterais
- 6 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: São Luís
- 7 – Altar colateral (Epístola) – imagens: Nossa Senhora da Graça com o Menino
- 8 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora
- 9 – Abóbada de cruz
- 10 – Sacristia

1.3.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



1.3.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Igreja	Nª Sª da Conceição	Longitudinal	<u>Capela-mor</u> : abóbada de cruzaria	Altar-mor e 2 colaterais	<u>Pedra</u> (altar-mor, abóbada, sacristia, colunas, portal); <u>Cal</u> (altar-mor) <u>Alvenaria</u> (degraus; arcos, altares colaterais); <u>Tijolo</u> (capela-mor); <u>Barro</u> (sacristia); <u>Madeira de castanho</u> (grades);

1.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Igreja de Nª Sª da Conceição	Nª Sª	Altar-mor	Vulto
		São Luís	Altar colateral (Evangelho)	Vulto
		Nª Sª da Graça com o Menino	Altar colateral (Epístola)	Vulto

1.3.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1565	Martim Longo	Igreja de Nª Sª da Conceição	1 Cruz de prata branca; 1 Custódia de prata sem vidraças; 1 Cálice de prata com patena; 1 Turíbulo de prata; 2 Missais romanos; 2 Castiçais; 1 Baptistério	1 Vestimenta de cores compridas; 1 Vestimenta preta de <i>chamalote</i> carmim com <i>savastro</i> de tafetá amarelo; 1 Frontal de tafetá amarelo encarnado e roxo;

2.ERMIDA DE SANTO ESTÊVÃO

2.1. VISITAÇÃO DE 1534

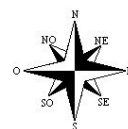
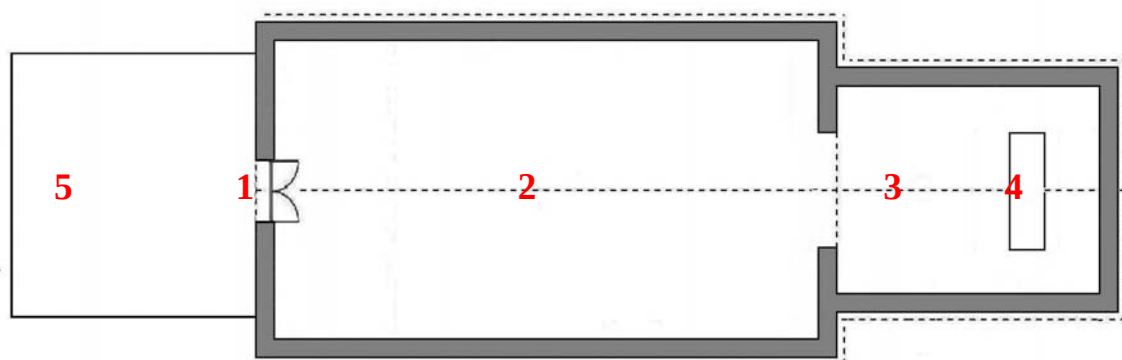
As **paredes** eram de pedra e barro, *acafeladas e apyncaladas* no interior e no exterior.

A **capela-mor** e o **corpo** eram emadeirados de carvalho e forrados de canas na cobertura.

O **altar-mor** era de pedra e barro *acafelado* de cal. Sobre ele tinha uma imagem de Santo Estêvão de vulto grande.

O **arco** da capela-mor era de tijolo e o **portal** era de pedraria com portas novas bem trabalhadas e com fechadura. Em frente ao portal tinha um **alpendre** de meias paredes de pedra e barro *acafelado* de cal e lajeado por cima das paredes, por lajes de pedra com esteios de pau. O **portal** do alpendre era de pedraria.

2.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

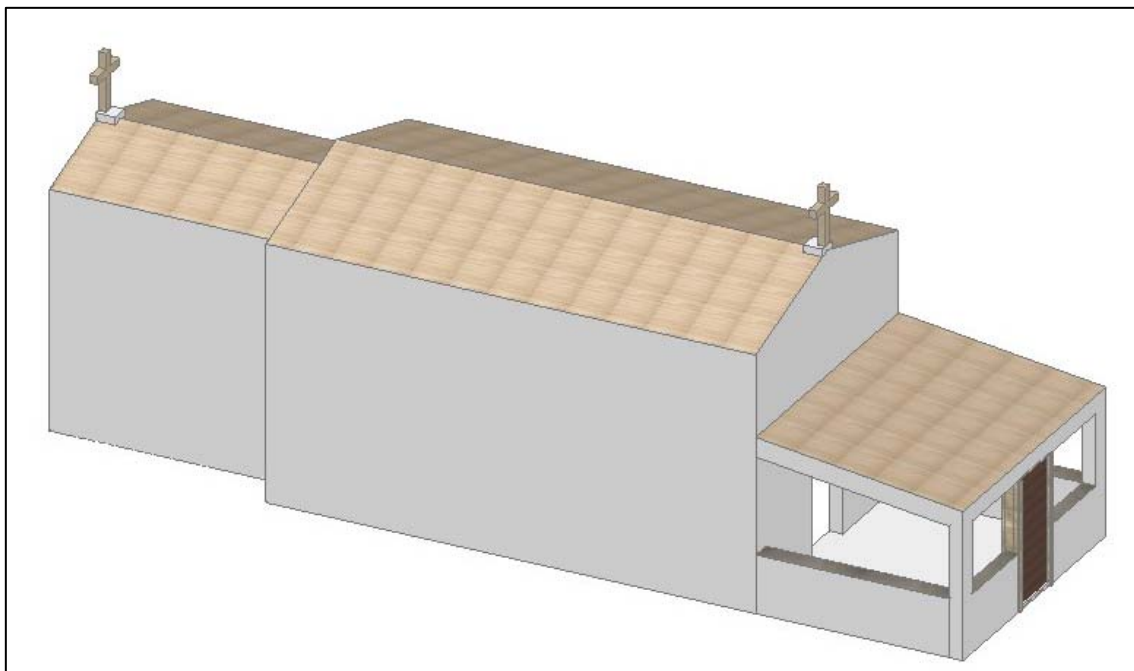


LEGENDA:

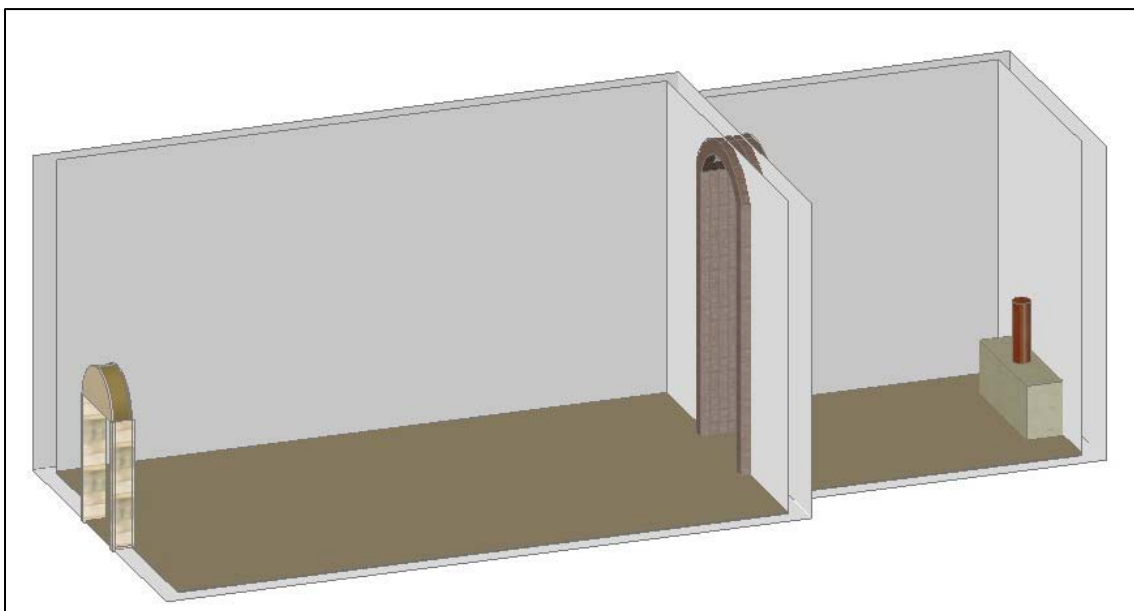
- 1 – Entrada principal
- 2 – Nave
- 3 – Capela-mor
- 4 – Altar-mor – imagens: Santo Estêvão
- 5 - Alpendre

2.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



2.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	Santo Estêvão	1 nave	<u>Alpendre</u> : lajes de pedra	Altar-mor	<u>Pedra</u> (paredes, altar-mor); <u>Barro</u> (paredes, altar-mor); <u>Canas e Carvalho</u> (forro das paredes); <u>Tijolo</u> (arco da capela-mor); <u>Pedraria</u> (portal)

2.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Ermida de Santo Estêvão	Santo Estêvão	Altar-mor	Vulto

2.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Martim Longo	Ermida de Santo Estêvão	1 Cálice de prata branco com patena; 1 Cálice de chumbo; 2 Castiçais <i>d'acofra</i> de cano; 1 Cruz de latão bem trabalhada; 1 Missal <i>Romão</i> ; 1 Caldeira de cobre pequena para a água benta; 2 Campainhas de metal; 1 Pia baptismal de barro sobre um pilar de alvenaria; 1 <i>Cireo Pasoall</i> de cera branca e dois <i>cyreos</i> manuais brancos; 1 Turíbulo <i>d'acofra</i> ; 1 Arca de castanho com fechadura, onde se guardam as alfaias.	1 Vestimenta comprida de <i>usteda</i> verde usada; 1 Frontal de pano <i>d'estopa</i> pintado; 1 Cortina de quatro ramos de pano de linho branca; 6 Toalhas lavradas de ponto real e brancas novas; 1 Manto de vestimenta de pano da Índia pintado de novo; 1 Manto de pano de linho novo; 1 Toalha da Flandres nova; 1 Alva de pano de linho velha; 1 <i>beatylha</i> de algodão; 4 Mantos bons; 1 Camisa de pano de linho do Santo Estêvão;

2.2. VISITAÇÃO DE 1565

A **capela-mor** era emadeirada (coberta) de castanho e encançada de três águas. As paredes eram de pedra e barro. O **altar-mor** era de alvenaria com a imagem de São Estêvão de vulto e pintada na parede.

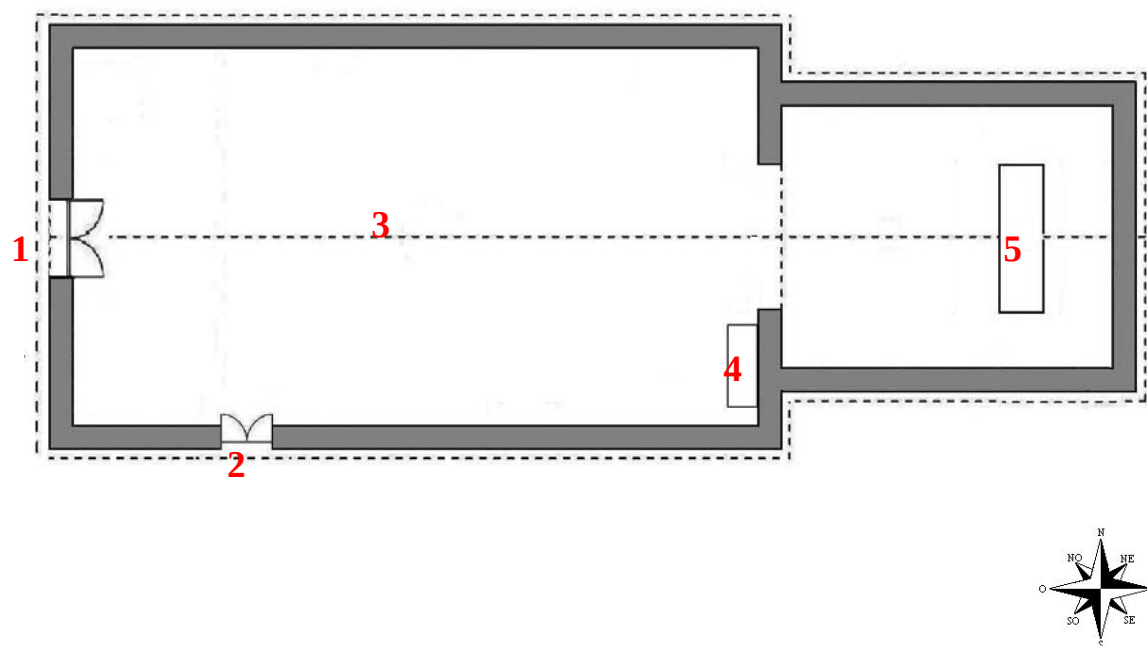
O **arco cruzeiro** e as paredes laterais estavam feitos de novo.

No lado da Epístola encontrava-se um **altar colateral** de alvenaria com a imagem de Nossa Senhora da Conceição de vulto, muito velha.

No lado do Epístola encontrava-se uma **porta lateral**.

Na parede do Evangelho estava um **campanário** construído de novo de alvenaria.

2.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

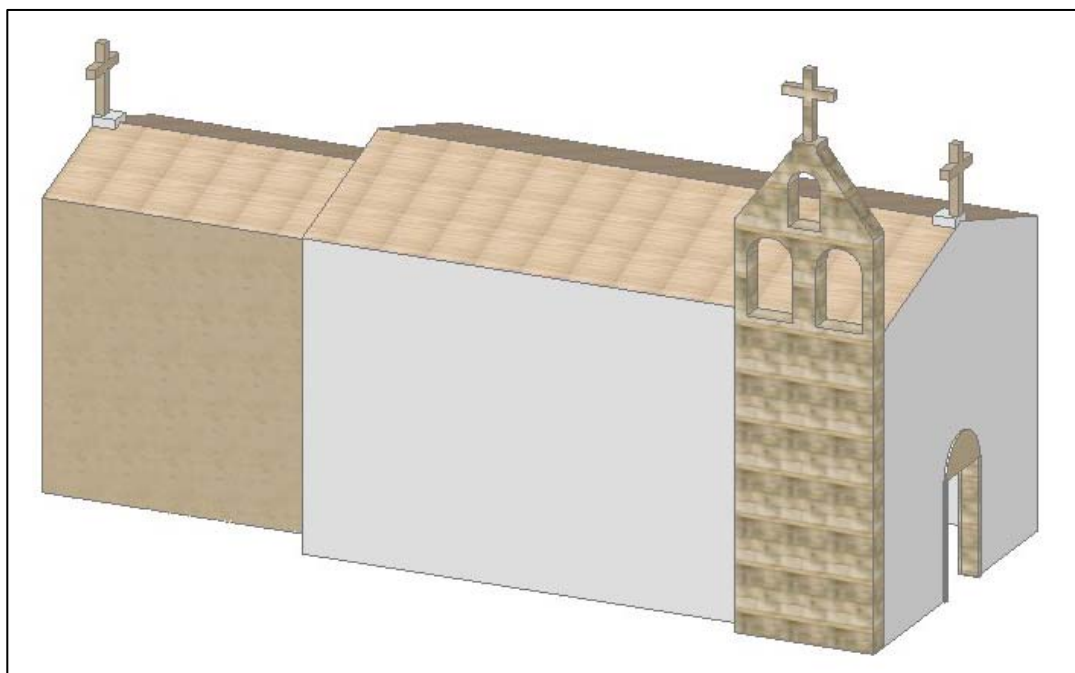


LEGENDA:

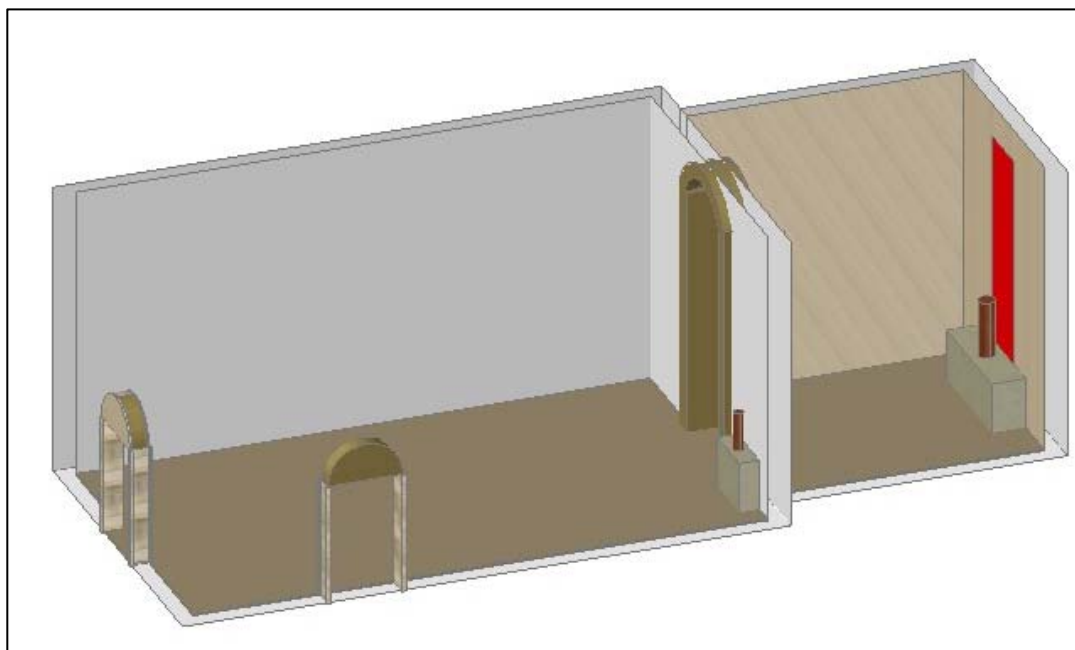
- 1 – Entrada principal
- 2 – Entrada lateral
- 3 – Nave
- 4 – Altar colateral (Epístola) – imagens: Nossa Senhora da Conceição
- 5 – Altar-mor – imagens: São Estêvão de vulto e pintado

2.2.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



2.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Capela	São Estêvão	Longitudinal	<u>Capela-mor</u> : três águas	Altar-mor e 1 colateral	<u>Pedra</u> (paredes); <u>Alvenaria</u> (altares); <u>Barro</u> (paredes); <u>Madeira de castanho</u> (capela-mor);

2.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Capela de São Estevão	São Estêvão	Altar-mor	Vulto
		Nª Sª da Conceição	Altar colateral (Epístola)	Vulto

3. ERMIDA DE SÃO DOMINGOS

3.1. VISITAÇÃO DE 1534

A Ermida era de uma só *casa* com capela-mor. As suas **paredes** eram de pedra e barro *acafelladas e apyncaladas* no interior e exterior.

Tinha dois **portais** de alvenaria com portas de castanho.

A **cobertura** era de telha-vã.

A separar o corpo da ermida da capela-mor encontrava-se um **arco** de alvenaria.

No **altar-mor** tinha uma imagem de São Domingos de vulto, um Menino Jesus e pintado na parede o Espírito Santo com Nossa Senhora e os Apóstolos.

No **altar colateral** do lado do Evangelho estavam pintados a *matiz* Nossa Senhora, Santa Ana e Santo António. No do lado da Epístola tínhamos a Santa Bárbara.

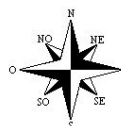
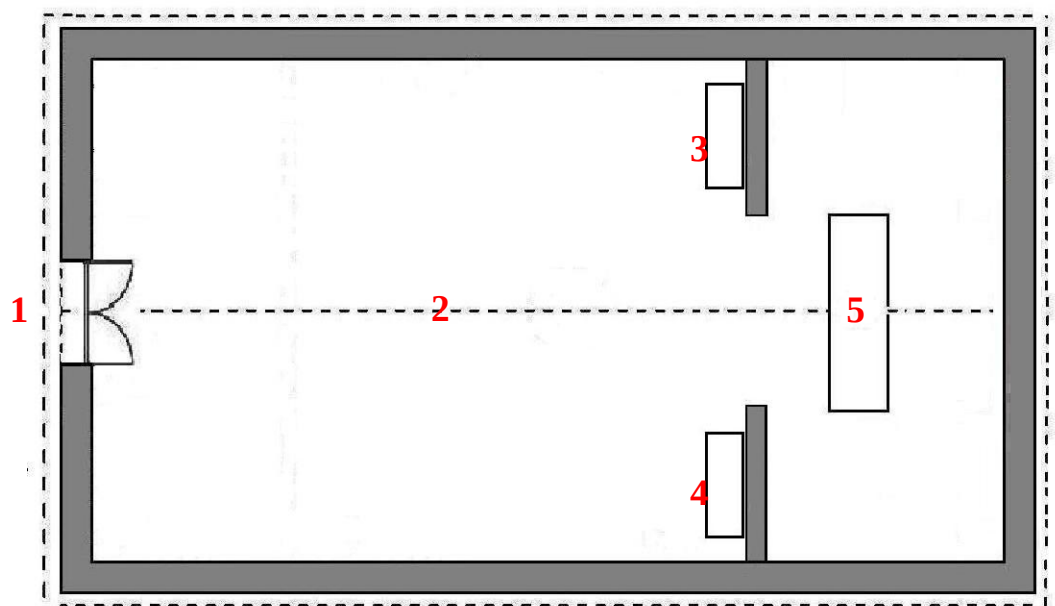
Tinha uma **pia baptismal** grande de barro.

Sobre o portal principal tinha um **campanário** de tijolo com um sino.



Fig. 5 – *Aspecto actual da Ermida de São Domingos*

3.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

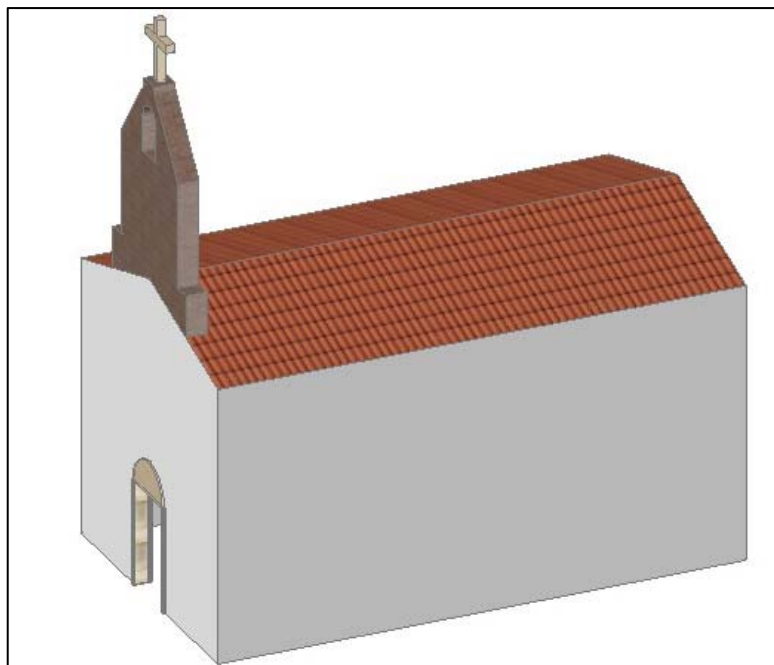


LEGENDA:

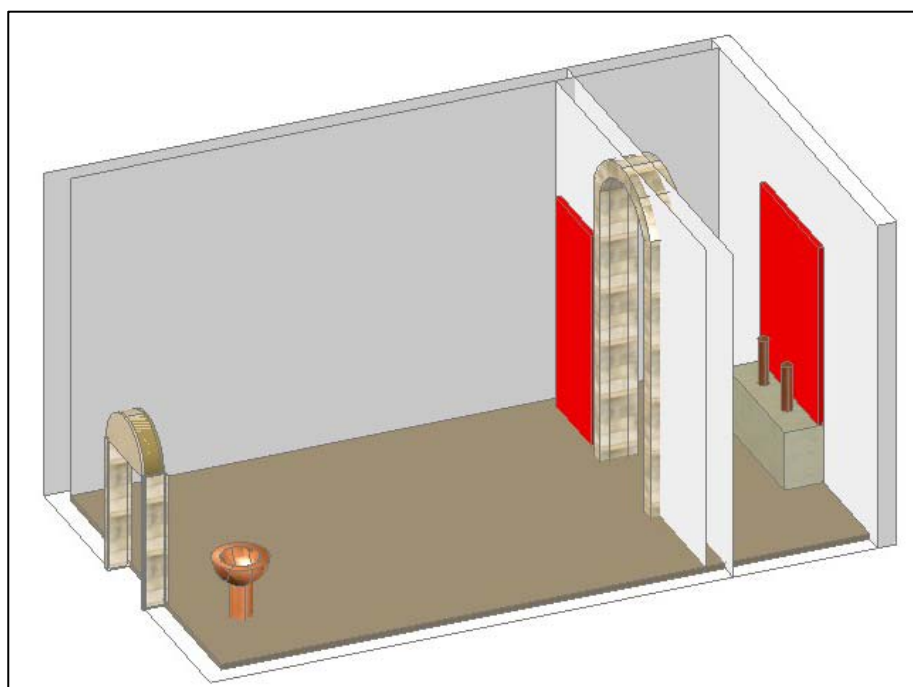
- 1 – Entrada principal
- 2 – Nave
- 3 – Altar colateral (Evangelho) – frescos: Nossa Senhora; Santa Ana; Santo António
- 4 – Altar colateral (Epístola) – Santa Bárbara
- 5 – Altar-mor – imagens: São Domingos; Menino Jesus. frescos: Espírito Santo com Nossa Senhora e os Apóstolos

3.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



3.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	São Domingos	Espaço único	<u>corpo</u> : telha-vã	Altar-mor e 2 colaterais	<u>Pedra</u> (paredes, pia de água benta); <u>Barro</u> (paredes, pia baptismal); <u>Canas e Carvalho</u> (forro das paredes); <u>Tijolo</u> (campanário); <u>Alvenaria</u> (arco) <u>Pedraria</u> (portal)

3.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Ermida de São Domingos	São Domingos e um Menino Jesus	Altar-mor	Vulto
		Espírito Santo Com Nossa Senhora e os Apóstolos		Fresco
		Nossa Senhora; Santa Ana; Santo António	Altar colateral (Evangelho)	Pintura a <i>matiz</i>
		Santa Bárbara	Altar colateral (Epístola)	(?)
		Crucifixão; Nossa Senhora e São João	Arco do cruzeiro	Fresco

3.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Martim Longo	Ermida de São Domingos	1 Cruz de prata branca com crucifixo 1 Cálice de prata com sua patena branco 1 Missal <i>misteguo</i> Romão; 1 Baptistério; 1 Caldeira de cobre para a água benta; 1 Turibulo novo; 4 Galhetas de estanho;	1 Vestimenta nova <i>d'estamemha</i> vermelha com <i>savastro</i> sem franja, comprida. 1 Vestimenta de <i>solya</i> preta usada, comprida; 10 <i>mantes</i> de linho e <i>d'estopa</i> ; 2 Toalhas de ponto real; 1 Frontal de pano da Índia; 2 Campainhas; 50 <i>Cireos</i> de uma Confraria de Nossa Senhora;

4. ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO

4.1. VISITAÇÃO DE 1565

A ermida era de uma *casa* com cobertura de duas águas. As paredes eram de pedra e barro.

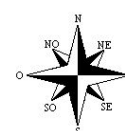
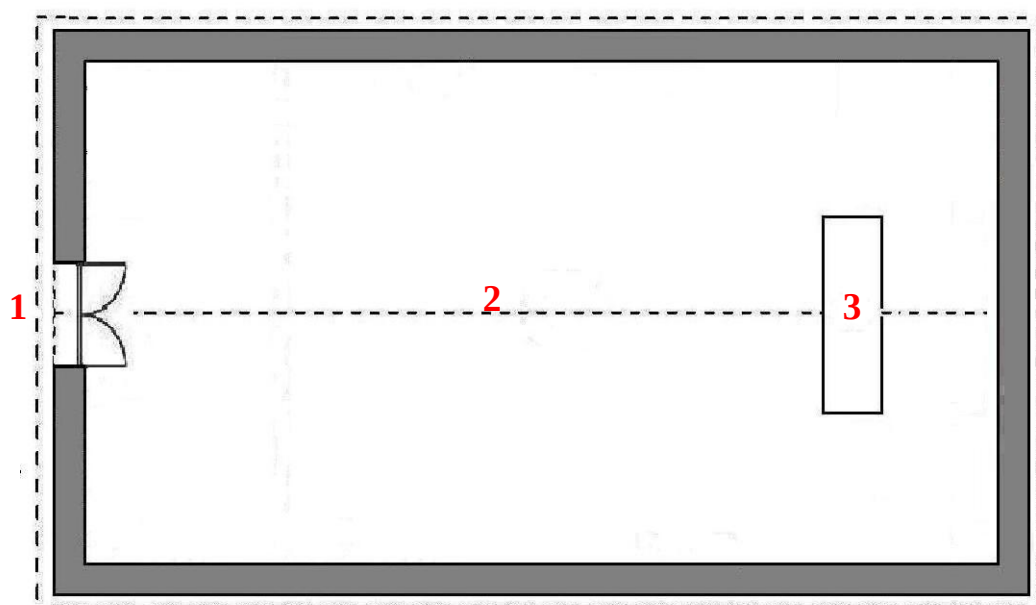
O **altar-mor** era de alvenaria com a imagem de São Sebastião pintada na parede, mas já muito gasta.

O **portal** era de alvenaria.



Fig. 6 – *Actual Ermida de São Sebastião*

4.1.1. ESQUEMA DA PLANTA



LEGENDA:

1 – Entrada principal

2 – Nave

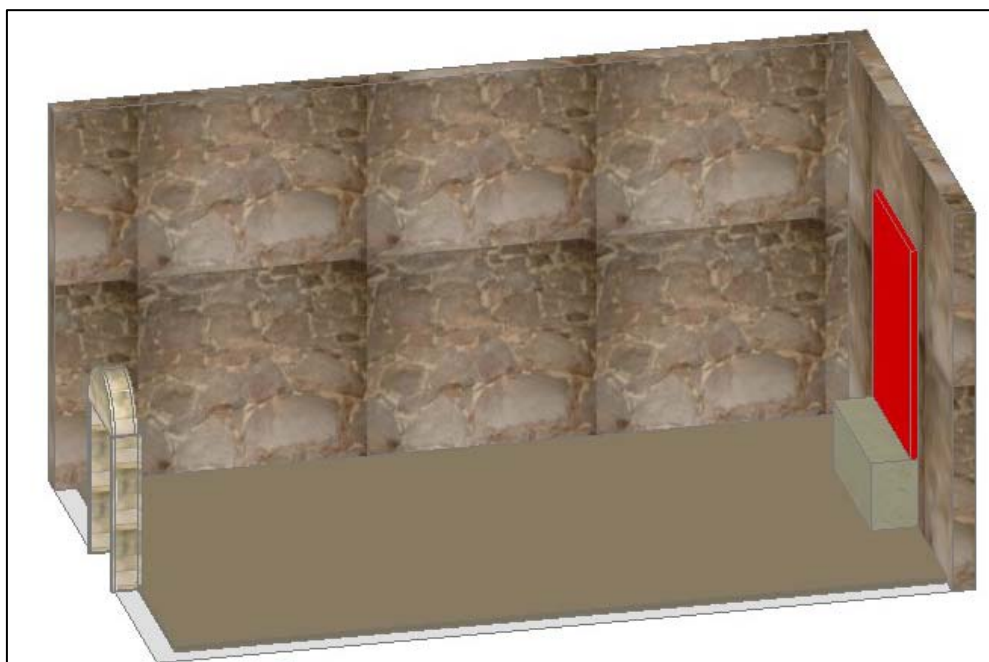
3 – Altar-mor – fresco: São Sebastião

4.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



4.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	São Sebastião	Espaço único	<u>2 águas</u>	Altar-mor	<u>Pedra</u> (paredes); <u>Barro</u> (paredes); <u>Alvenaria</u> (altar; portal);

4.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Ermida de São Sebastião	São Sebastião	Altar-mor	Fresco

5. ERMIDA DE SANTA JUSTA

5.1. VISITAÇÃO DE 1565

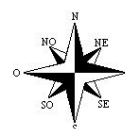
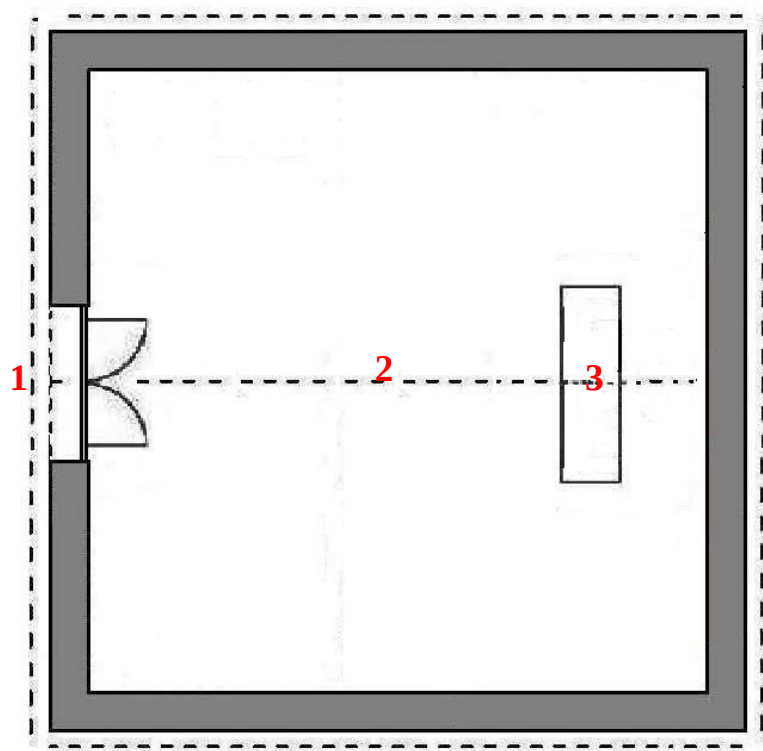
As paredes eram de pedra e barro e era coberta por telha-vã. Era mais larga do que comprida.

No **altar-mor**, de alvenaria, encontrava-se a imagem de Santa Justa de vulto muito velha e outra imagem pintada na parede.



Fig. 7 – Actual Ermida de Santa Justa

5.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

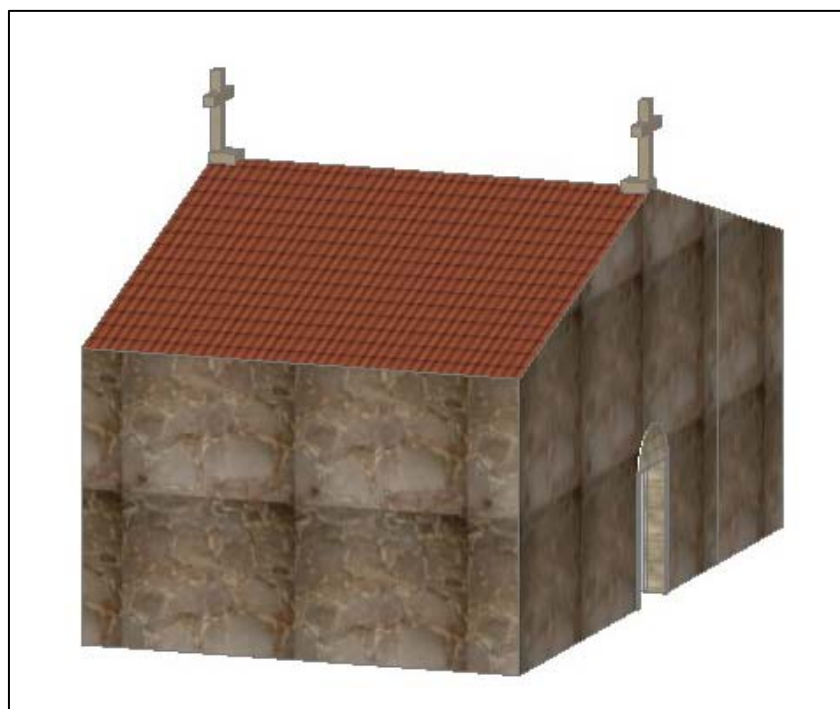


LEGENDA:

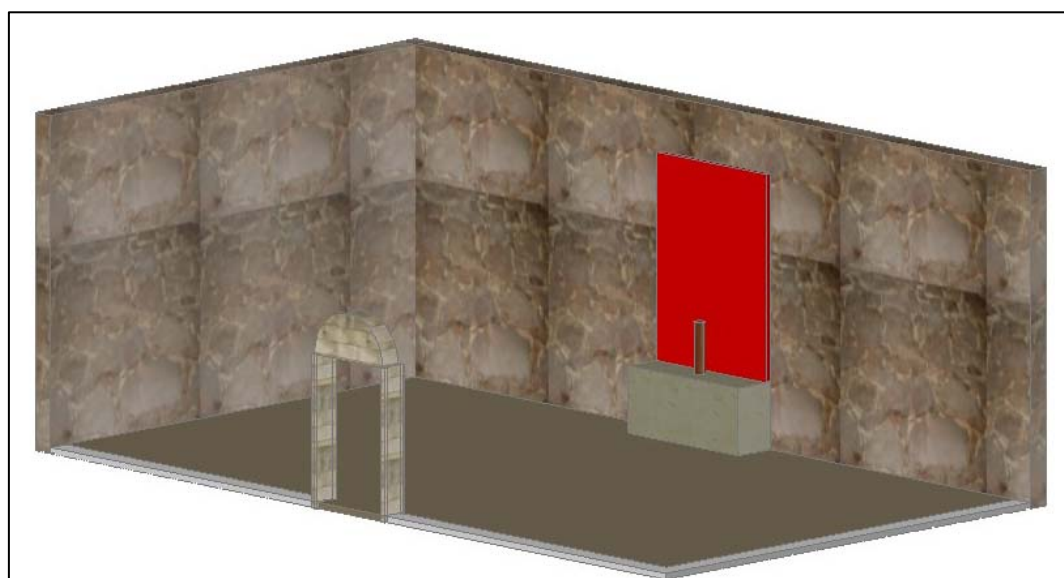
- 1 – Entrada principal
- 2 – Nave
- 3 – Altar-mor – imagens: Santa Justa

5.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



5.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	Santa Justa	Espaço único	<u>2 águas</u>	Altar-mor	<u>Pedra</u> (paredes); <u>Barro</u> (paredes); <u>Telha-vã</u> (cobertura);

5.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Ermida de Santa Justa	Santa Justa	Altar-mor	Vulto e Fresco

6. ERMIDA DE SÃO PEDRO

6.1. VISITAÇÃO DE 1565

A **capela-mor** era coberta de madeira de castanho e encançada (forrada de canas) de três águas. As paredes eram de pedra e cal e o **altar** de alvenaria. Tinha um frontal novo de cetim falso, amarelo, azul e verde, com franja e, em cima, umas toalhas de Flandres.

Tinha um **retábulo** de bordo novo com o seu guarda-pó que estava ainda por pintar. No meio tinha um encaixe onde estava a imagem de S. Pedro de vulto bem pintada. Subia-se ao altar por três degraus de pedraria.

O arco do cruzeiro era de alvenaria redonda.

A capela tinha quatro varas (440 cm) de largo e quatro de comprido e estava toda feita de novo. Saindo da capela-mor, do lado do Epístola, havia um **altar** de alvenaria com um frontal de tafetá amarelo e roxo com toalhas de Flandres e com uma imagem nova de vulto, de Nossa Senhora com o Menino. Do lado do Evangelho estava outro **altar** da mesma maneira com uma cruz de madeira. Em cima tinha um frontal de fustão branco com uma toalha de Flandres. Os fregueses diziam que se fez este altar para ter uma imagem de Santo António.

As paredes do corpo da igreja eram todas de pedra e cal e feitas de novo. O **portal** principal era de pedraria de ponto e tinha portas de castanho velhas. Havia outro portal travesso da banda do Sul de pedraria de ponto mas com portas boas.

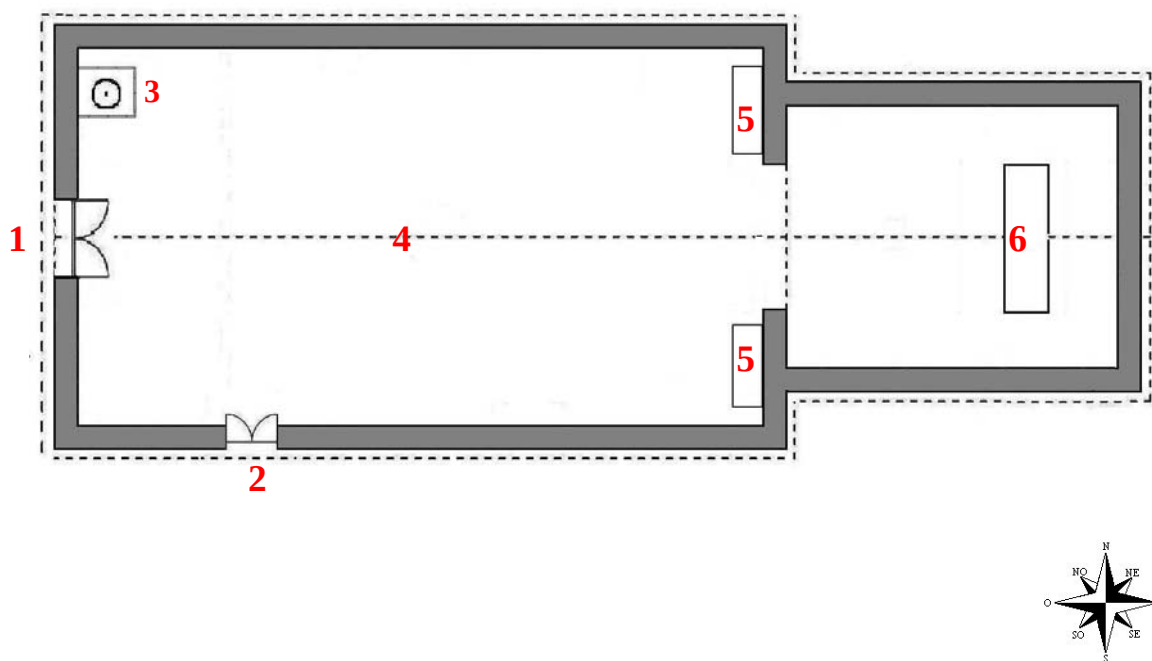
O **campanário** novo estava junto da porta principal pelo lado do Evangelho, pegado à parede Norte. Era de alvenaria e tinha um sino bom.

A **pia de baptizar** estava no canto Norte à entrada da igreja, cercada de grades de bordo. Era de pedra *liox redonda*. Estava sobre um patamar de pedraria e era coberta por uma base de tábuas.



Fig. 8 – Pormenor - pia baptismal

6.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

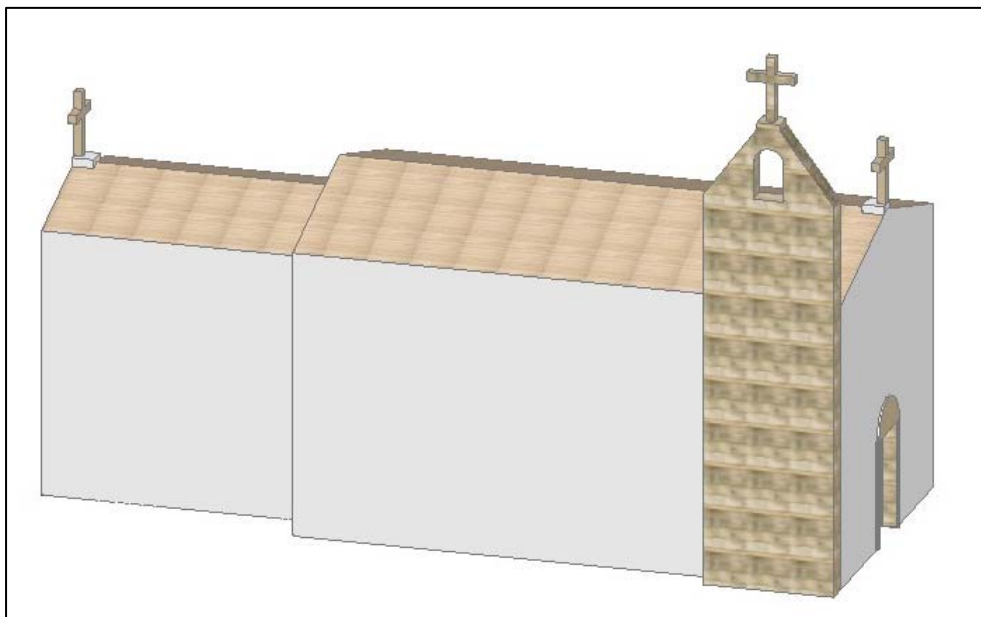


LEGENDA:

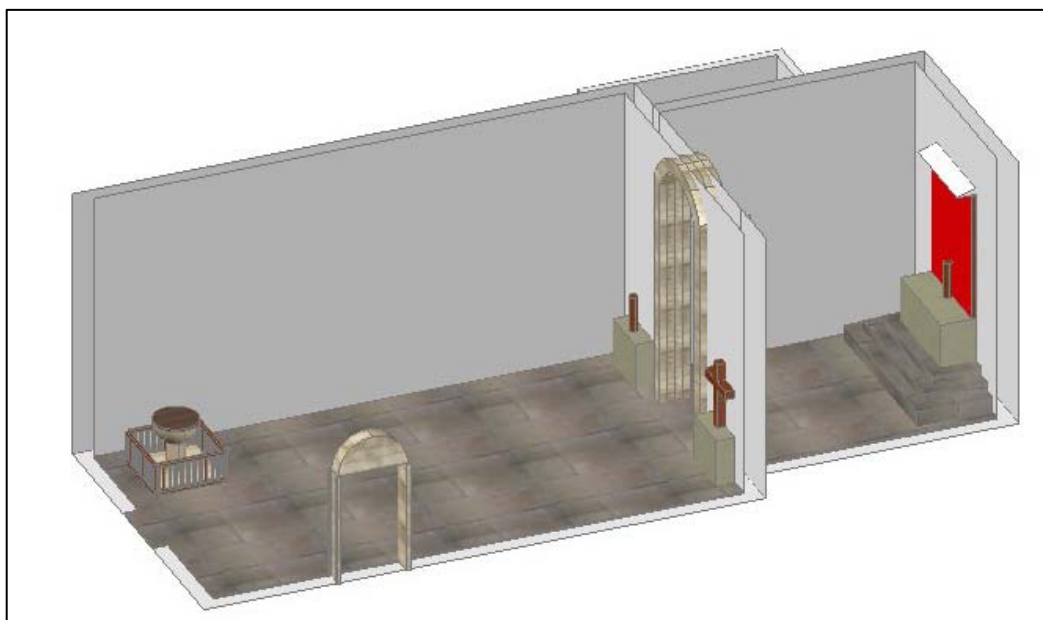
- 1 – Entrada principal
- 2 – Entrada lateral
- 3 – Pia baptismal
- 4 – Nave
- 5 – Altar colateral (Evangelho)
- 6 – Altar colateral (Epístola) – imagem: Nossa Senhora com o Menino
- 7 – Altar-mor – imagem: São Pedro

6.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



6.1.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	S. Pedro	Longitudinal 1 Nave	Três águas	Altar-mor; 2 altares colaterais;	Pedra (paredes); Cal (Paredes); Madeira de castanho (cobertura, portal); Canas (cobertura); Alvenaria (altares, arco do cruzeiro, campanário); Pedraria (degraus altar-mor, portais);

6.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Martim Longo	Ermida de S. Pedro	S. Pedro; Nossa Senhora com o Menino;	Altar-mor; Altar colateral (Epístola)	Vulto; Vulto;

6.1.5. QUADRO Nº 4 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1565	Martim Longo	Ermida de S. Pedro	1 Cruz de latão com seu crucifixo; 1 Cálice de prata branca de obra romana; 1 Turíbulo de latão; 1 Missal romano velho e roto; 1 Baptistério romano;	1 Vestimenta de veludo carmesim com <i>savastro</i> de veludo azul-escuro; 1 Vestimenta de damasco velha; Frontais dos altares e suas toalhas; Umas cortinas do altar-mor de pano de linho;

CAPÍTULO V

BREVE RESENHA HISTÓRICA DE TAVIRA



A existência de castros e monumentos megalíticos situa no Neolítico (4.000 a 1.500 a.C.) a presença humana no concelho de Tavira, associada, no Calcolítico e períodos seguintes, à exploração mineira que floresceu no nordeste algarvio e, também, às trocas comerciais com o Mediterrâneo.

É no litoral, porém, que se dá o maior povoamento após a conquista romana (séc. 1 a.C.), devido à importância económica da pesca e da indústria de salga de peixe. Data desse período a importante cidade de Balsa, situada perto de Tavira, ligada por estrada a Ossonoba (Faro) e Baesuris (Castro Marim).

Durante o domínio islâmico (sécs. VIII a XIII), Tavira torna-se, pelo valor estratégico do seu castelo e do seu porto, uma das principais povoações do Algarve. São os Cavaleiros da Ordem Militar de Santiago, pela mão de D. Paio Peres Correia, que ocupam Tavira a 11 de Junho de 1242⁸⁰, prosseguindo a acção de reconquista cristã iniciada com tomada de posse da vizinha Cacela. Em 1244⁸¹, D. Sancho I doou o padroado da igreja aos santiaguistas, por carta de 9 de Janeiro desse ano, em retribuição pela sua tomada.

⁸⁰ LOPES, João Baptista da Silva – O.c. p.350

⁸¹ *Idem, ibidem.* p.350

A conquista de Ceuta (1415) e, em seguida, de outras praças do Norte de África influencia de forma decisiva a vida de Tavira nos sécs. XV e XVI, tornando-a no principal porto de apoio às guarnições portuguesas. No ano de 1442 Tavira tinha um hospital criado pela confraria de Santa Maria⁸². D. Afonso III dá-lhe foral de vila que D. Manuel reformula elevando Tavira à categoria de cidade por carta de 17 de Março de 1520⁸³.

A epidemia de peste de 1645/46, o progressivo assoreamento da ligação com o mar, impedindo a entrada de navios, e os estragos do terramoto de 1755 são alguns dos factores que contribuíram para, nos finais do séc. XVIII, Tavira ter perdido grande parte da sua importância económica.

A pesca do atum – de que Tavira foi o principal centro algarvio – e a indústria de conservas deram nova vida à cidade nas últimas décadas do séc. XIX (até meados do séc. XX). Hoje, Tavira é uma cidade em crescimento, que tem na pesca e no turismo dois vectores importantes do seu dinamismo.

⁸² *Idem, ibidem.* p.359

⁸³ *Idem, ibidem.* p.352

CAPÍTULO VI

VISITAÇÃO DA COMENDA DE TAVIRA

1. IGREJA DE SANTA MARIA DE TAVIRA

1.1. VISITAÇÃO DE 1518

O **sacrário** encontrava-se na capela-mor do lado do Evangelho, no interior dum armário pintado, inserido num arco. O Santo Sacramento estava numa caixa forrada de veludo carmim, bem limpo e conservado. Os três Óleos Santos encontravam-se dentro do referido armário numa caixa de pau.

A **pia baptismal** era de uma pedra muito boa e estava só sobre um pilar pedra. Encontrava-se no lado do Evangelho junto à porta principal, tapada por um tabuado fechado com um cadeado.

A **capela-mor** era de abóbada e tinha um altar de alvenaria forrado de azulejos. Sobre o altar estava um retábulo de imagens pequenas de vulto que ocupava todo o altar. Nas extremidades do altar encontravam-se duas imagens de vulto de Nossa Senhora.

Ascendia-se ao altar-mor por quatro degraus de pedra.

A capela-mor era toda lajeada e fechada com grades.

No lado do Evangelho estava uma **capela** de invocação de Jesus, a qual era abobadada e tinha um altar de madeira, o qual tinha um sepulcro com o Nosso Senhor. Sobre o altar tinha a Crucifixão com Nossa Senhora e São João. Esta capela era cerrada com grades.

Do lado do Epístola tinha outra **capela** da invocação de Nossa Senhora do Pranto com um altar de alvenaria, com a imagem de Nossa Senhora do Pranto, de São Nicolau e de São Vicente, todas de vulto. Para além das imagens, também tinha um



Fig. 9 – *Aspecto actual da Igreja de Santa Maria*

retábulo de imagens pequenas como o do altar-mor. Também estava cerrada com grades.

O **corpo da igreja** era de três naves de pedraria com os esteios de mármore. No lado da Epístola encontrava-se o **altar colateral** da invocação dos Mártires com um moimento com sete escudos. Sobre o altar tinha a imagem de São Roque, São João Baptista e São Pedro de Vulto.

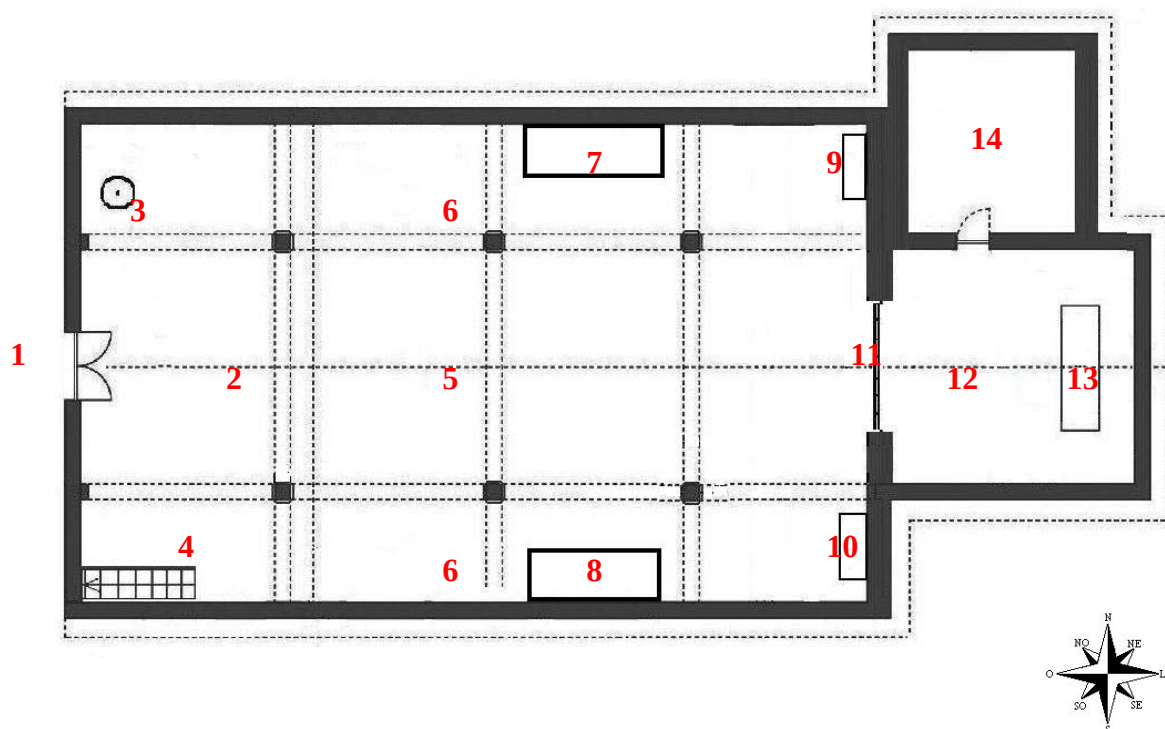
No lado do Evangelho encontrava-se o **altar colateral** da invocação de Nossa Senhora da Confraria. O altar era de alvenaria e sobre ele estava a imagem de vulto de Nossa Senhora com o Menino Jesus ao colo. Tinha um retábulo com guarda-pó com as imagens de São João e São Pedro pintadas a *matiz*.

Sobre a **porta principal**, de pedraria, encontrava-se o **coro-alto** de madeira com uns órgãos grandes e bons. Ascendia-se ao coro-alto a partir de uma **escada** de pedra no lado do Epístola.

No lado do Evangelho encontrava-se a **sacristia** construída de pedra e cal e coberta de telha-vã.

Sobre a parede do lado do Epístola tinha um **campanário** de dois sinos.

1.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

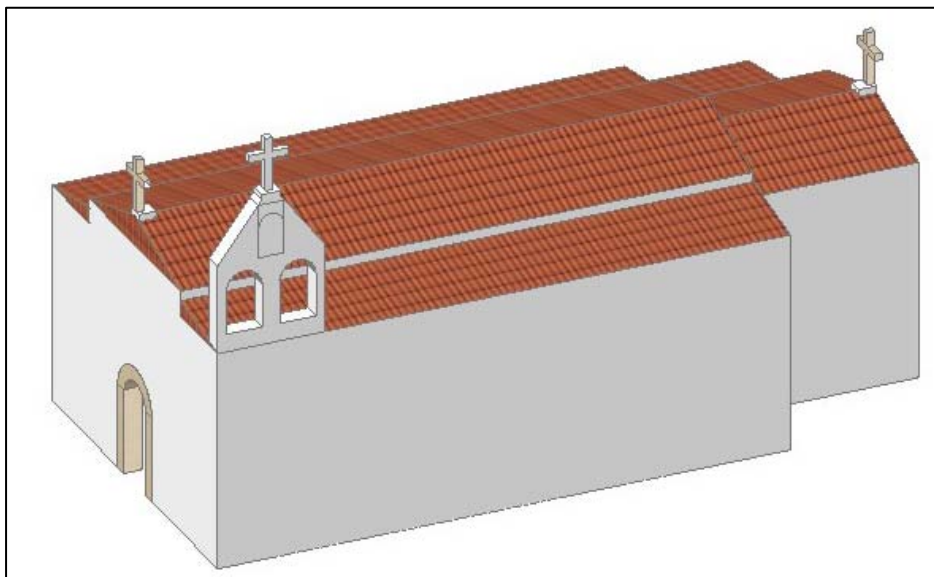


LEGENDA:

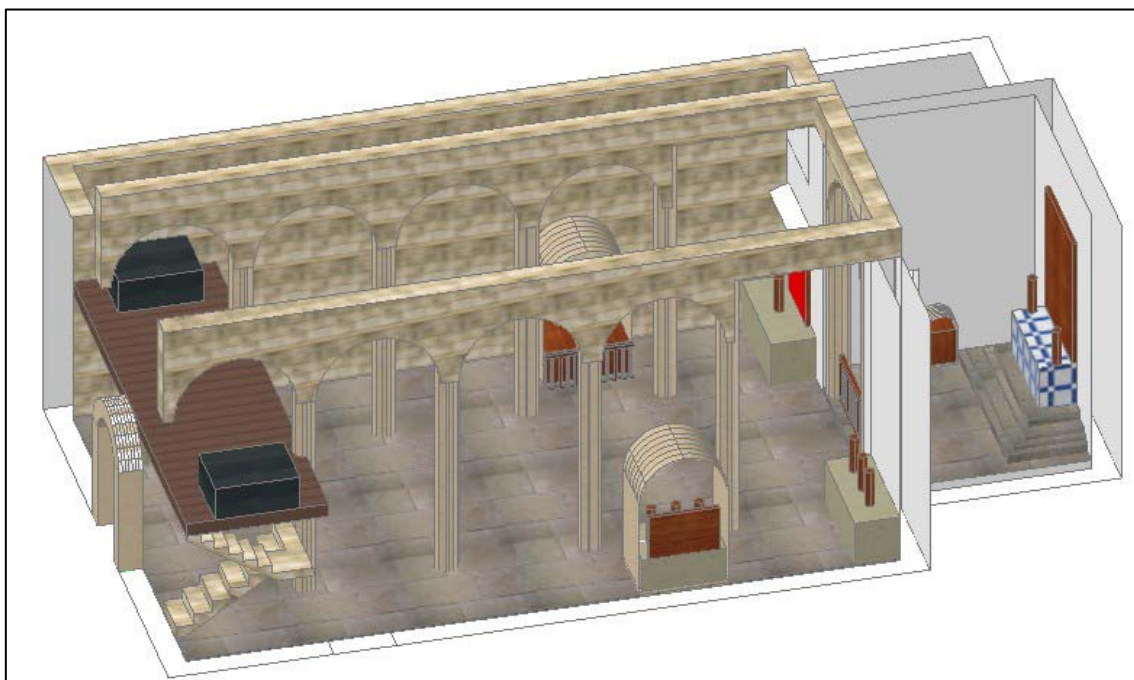
- 1 – Entrada principal
- 2 – Coro-alto
- 3 – Pia Batismal
- 4 – Escadas
- 5 – Nave central
- 6 – Naves laterais
- 7 – Capela lateral: (Evangelho) – imagens: Nosso Senhor; Crucifixão; Nossa Senhora; São João
- 8 – Capela lateral (Epístola) – imagens: Nossa Senhora do Pranto; São Nicolau; São Vicente
- 9 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: Nossa Senhora com o Menino ao colo; pintura: São Pedro e São João
- 10 – Altar colateral (Epístola) – imagens: São Roque; São João Baptista e São Pedro
- 11 – Grades
- 12 – Capela-mor
- 13 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora
- 14- Sacristia

1.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



1.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Igreja	Santa Maria	Longitudinal 3 Naves	<u>Capela-mor:</u> abóbada; <u>Capelas laterais:</u> abobadadas; <u>Sacristia:</u> telha-vã	Altar-mor; 2 colaterais; 2 das capelas laterais.	<u>Alvenaria</u> (altar-mor, altar da capela lateral, altar colateral); <u>Azulejos</u> (altar-mor) <u>Pedra</u> (pia baptismal, pilar, escada, sacristia); <u>Pedraria</u> (portal, naves); <u>Madeira</u> (altar, coro-alto); <u>Mármore</u> (esteios); <u>Cal</u> (sacristia)

1.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Igreja de Santa Maria	Nossa Senhora	Altar-mor	Vulto
		Crucifixão, com Nª Sª e São João	Capela lateral (Evangelho)	(?)
		Nª Sª do Pranto, São Nicolau e São Vicente	Capela lateral (Epístola)	Vulto
		Mártires, São Roque, São João Baptista e São Pedro	Altar coltareal (Epístola)	Vulto
		Nossa Senhora com o Menino ao Colo São Pedro e São João	Altar coltareal (Evangelho)	Vulto Pintadas a <i>matiz</i>

1.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Tavira	Igreja de Santa Maria	1 Cálice de prata todo dourado som patena com quatro pedras ricas no vaso e com três campainhas penduradas; 1 Cálice de prata branco lavrado no pé e no vaso; 1 Custódia de prata toda dourada com a cruz a encimar e com vidraças, velha; 1 Cálice de prata branco com patena, novo e bom; 1 Santal de canto escrito em pergaminho de letra de pena; 1 Domingal de lenda e canto escrito em pergaminho velho e bem encadernado; 1 Oficial escrito em pergaminho; 1 Santal de lenda velha e mal encadernado; 1 Breviário escrito em pergaminho de letra de pena velho e mal encadernado; 1 Saltério escrito em pergaminho novo e bem encadernado; 1 Epistolário escrito em pergaminho de letra de pena novo e bom e bem encadernado; 1 Missal escrito em pergaminho de letra de pena velho e bem encadernado; 1 Missal de letra de forma do costume de Sevilha bem encadernado; 2 Missais manuais de forma bem encadernados; 2 Ceptros de pau com as maçãs douradas em hábitos de São Tiago; 4 Pares de galhetas; 8 Castiçais <i>d'açofar</i>; 1 Caldeira de água benta;	1 Vestimenta comprida com dalmática de damasco carmesim com <i>savastro</i> de bocado; 1 Vestimenta comprida de damasco verde com <i>savastro</i> borlado de imagens; 1 Vestimenta comprida de damasco preto com <i>savastro</i> borlado de figuras; 1 Vestimenta comprida <i>d'estamenha</i> vermelha com <i>savastro</i> de <i>chamalote</i> alionado; 1 Vestimenta de pano pintado; 1 Vestimenta de linho; 1 Capa de damasco amarelo com <i>savastro</i> de veludo carmim; 1 Capa de <i>chamalote</i> azul; 1 Capa de <i>zarzaganía</i> 5 Toalhas de altares; 6 <i>Manteos</i>; 6 Frontais; 3 Panos de figuras; 2 Cortinas de linho velhas;

1.2. VISITAÇÃO DE 1534

Tinha **sacrário** como estava referido na visitação passada que fez o licenciado Francisco Barradas. Estava limpo e conservado diante (como cumpre estar) de uma lâmpada acesa.

No **altar-mor** tinha agora um **retábulo** grande de madeira de seis panos e no meio uma *charolla* com a imagem de vulto de Nossa Senhora com o seu filho no colo. No registo superior do retábulo estava pintada a Assunção de Nossa Senhora ao centro, a Anunciação de Nossa Senhora do lado do Evangelho e a Apresentação no Templo do lado do Epístola. No registo inferior encontrava-se, do lado do Evangelho, o Nascimento de Nossa Senhora e, do lado do Epístola, Nossa Senhora com José, tudo pintado de matiz e dourado.

Tinha um guarda-pó dourado, por baixo pintado de azul com estrelas douradas e no meio Deus Pai pintado.

O **altar colateral do lado do Evangelho** era de madeira e bom; tinha cinco painéis e no meio uma *charolla* em que estava a imagem de vulto de Nossa Senhora com o Menino. Nos dois painéis da parte do Evangelho estavam pintados S. João e S. Vicente nos, do lado do Epístola S. Pedro e S. Brás, tudo bem pintado e dourado, e com um guarda-pó dourado, por baixo pintado de azul com estrelas douradas.

O **altar colateral do lado do Epístola**, dos Mártires, tinha agora um retábulo de madeira de três painéis onde no meio estava pintado São Tiago armado a cavalo assim como aparece aos cristãos nas batalhas. Da parte do Evangelho, no outro painel, estava pintado S. Pedro e no painel da parte do Epístola Santo António dourado; tinha guarda-pó de *marmaria* por cima, dourado e por baixo pintado de azul com estrelas douradas.

A **pia de baptizar** foi encontrada como na visitação passada.

Achou-se agora, no corpo da igreja da parte do Evangelho, uma **capela** de abobadada que tinha dezassete chaves de pedra com vasos e verdugos de pedraria, que tinha na chave do meio as armas dos Mello e noutra chave o hábito de São Tiago. Tinha um altar de alvenaria com dois degraus também de alvenaria e um retábulo de madeira pequeno com muitas imagens pequenas de vulto.

Em relação às alfaias litúrgicas e aos livros encontraram-se os que estão referidos na visitação passada mais os que passamos e enumerar na tabela desta visitação.

Determinações:

Que se façam *almafegas* de veludo carmesim com *savastros de borcado* do teor do dito manto com as suas alvas e estolas e manípulos para que sirvam no local do pontifical.

Que se comprasse um oficial para officiar as missas e a igreja e um frontal de seda verdadeira.

O altar do cruzeiro do lado do Epístola tinha um retábulo acima do moimento que estava baixo e com um tabuleiro de alvenaria estreito e mal ligado. Mandou-se, assim, ao Comendador, levantar o retábulo e moimento e fazer um tabuleiro com dois degraus de pedraria. Isto teria que se fazer nos oito meses próximos sob pena de multa de mil reais. Também se mandou colocar o hábito de pedra sobre a porta principal.

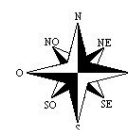
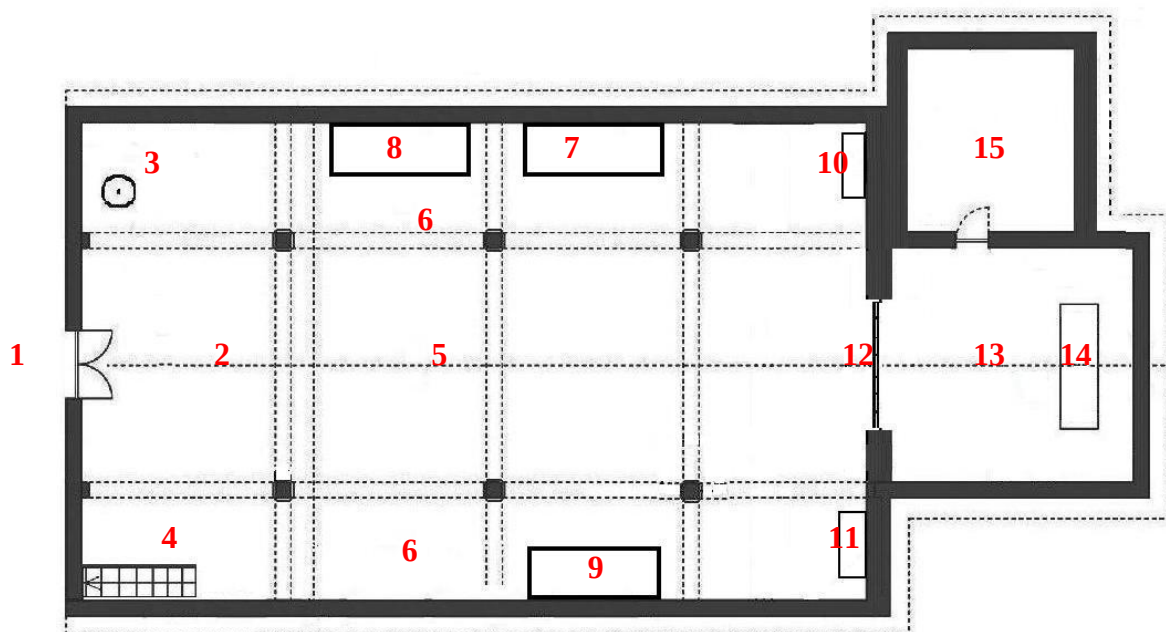
Foi igualmente mandado, aos moradores da cidade, corrigir o corpo da igreja, porque chovia muito dentro desta. Que se mandasse *encaniçar* as três naves da dita igreja por cima das asnas e *encalar* por cima das canas para que as telhas do telhado sejam ensopadas na cal e as coberturas de cima sejam de canudo.

Também se determinou o mesmo processo para a sacristia que sofria dos mesmos problemas.

Quanto ao corpo da igreja foi mandado acafelar e pintar as paredes.

Mandaram desfazer o altar da capela dos Lançarote de Mello porque o altar estava mal. No arco do altar mandaram fazer uma capela da banda de fora da igreja em que bem possa caber a pia, que estava mal feita. Também era preciso fazer umas grades que tapassem todo o arco e umas grades de madeira em volta da pia.

1.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

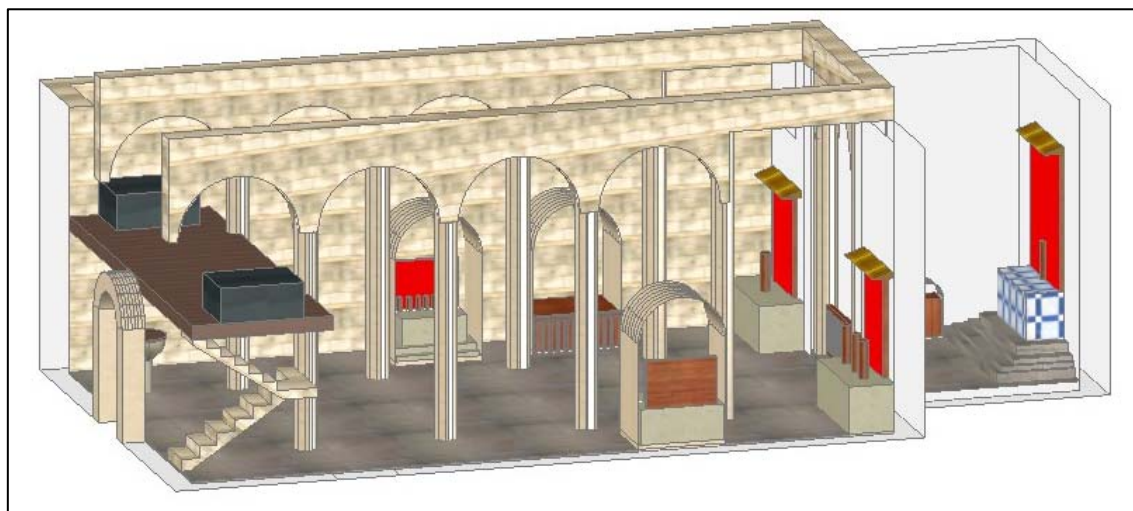


LEGENDA:

- 1 – Entrada principal
- 2 – Coro-alto
- 3 – Pia Batismal
- 4 – Escadas
- 5 – Nave central
- 6 – Naves laterais
- 7 – Capela lateral (Evangelho) – imagens: Nosso Senhor; Crucifixo; Nossa Senhora; São João
- 8 – Capela lateral (Evangelho). Mello
- 9 – Capela lateral (Epístola) – imagens: Nossa Senhora do Pranto; São Nicolau; São Vicente
- 10 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: Nossa Senhora com o Menino ao colo; pintura: São João, São Vicente, São Pedro e São Brás
- 11 – Altar colateral (Epístola) – pintura: São Tiago; São Pedro; Santo António
- 12 – Grades
- 13 – Capela-mor
- 14 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora com o Menino; pintura: Assunção, Anunciação, Apresentação no Templo, Nascimento de Nossa Senhora; Nossa Senhora com José
- 15- Sacristia

1.2.2. ESQUEMA 3D

INTERIOR



1.2.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Igreja	Santa Maria	Longitudinal 3 naves	· _____	Altar-mor 2 Altares colaterais 1 Altar na capela lateral do lado do Evangelho	Madeira (retábulos);

1.2.4. QUADRO Nº 2 - INVOCAÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Tavira	Igreja de Santa Maria	Nossa Senhora com o Menino	Altar-mor	Vulto de madeira
			Assunção de Nossa Senhora		Pintura s/ madeira
			Anunciação de Nossa Senhora		Pintura s/ madeira
			Apresentação no Templo		Pintura s/ madeira
			Nascimento de Nossa Senhora		Pintura s/ madeira
			Nossa Senhora com S. José		Pintura s/ madeira
			Nossa Senhora com o Menino	Altar colateral do lado do Evangelho	Vulto
			S. João		Pintura s/ madeira
			S. Vicente		Pintura s/ madeira
			S. Pedro		Pintura s/ madeira
			S. Brás		Pintura s/ madeira

			Mártires		
			S. Tiago		Pintura s/ madeira
			S. Pedro	Altar colateral do lado do Epístola	Pintura s/ madeira
			Santo António		Pintura s/ madeira

1.2.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Tavira	Igreja de Santa Maria	1 Cruz de prata branca com pé de prata com seis castelos muito bem obrados; 1 Cálice de prata branco com patena; 1 Turíbulo de prata grande com seis marcos de prata 1 Naveta de prata branca com escotilha e colher de prata; 1 Coroa de prata branca de Nossa Senhora; 4 Ceptros de prata branca; 1 Cruz de ferro dourado com uma rosa no meio com um rubi falso e duas campainhas de prata branca e um anjo de prata branca em cima com as asas de prata; 7 Castiçais velhos; 9 Castiçais pequenos novos e velhos; 2 Bacios de latão; 1 Bacia pequena de latão; 3 Missais <i>mistegos</i>, um grande de letra de forma sevilhano e dois meios bem encadernados;	1 Vestimenta de pano azul da Judea adamascado com <i>savastro</i> borlado com a imagem de Nossa Senhora; 1 Manto da Guiné pintado usado; 1 Vestimenta da Flandres pintada com <i>savastro</i> vermelho; 1 Manto de vestimenta de <i>chamalote</i> verde com <i>savastro</i> de cetim azul usado; 1 Manto de <i>zarzegania</i> de cores usado; 1 Manto de barras de veludo carmesim e de cetim de cores com <i>savastro</i> de <i>borcado</i>; 1 Vestimenta de pano da Flandres pintada com <i>savastro</i> vermelho borlada de <i>frolles</i> usada; 1 Vestimenta de toalhas de Flandres branca com <i>savastro</i> borlado; 1 Vestimenta de cetim branco falso com <i>savastro</i> de damasco <i>lyonado</i>; 1 Vestimenta vermelha <i>d'estamenha boa</i>; 1 Vestimenta de cetim falso preto com <i>savastro</i> de cetim azul;

				1 Vestimenta de damasco preto com <i>savastro</i> de damasco pardo; 1 Vestimenta de damasco branco com <i>savastro</i> de cruz de veludo carmesim; 1 Vestimenta de sarja vermelha com <i>savastro</i> borlado com a imagem de Nossa Senhora; 1 Manto de veludo carmesim com <i>savastro</i> de brocado e franjado de <i>retros</i> azul; 1 Alcatifa nova que serve de frontal; 3 Toalhas de Flandres usadas que servem nos altares; 1 Frontal de <i>godemecyll</i> dourado com uma imagem de S. Pedro no meio; 1 Frontal de <i>lambell</i> novo; 3 Frontais de pano de linho pintados novos com figuras; 1 Pano de armar de Arras grande de figuras; 1 Pano de armar de sarja vermelha com seu guarda-pó franjado; 1 Vestimenta de tafetá preto com <i>savastro</i> de veludo preto e debruada do dito veludo;
--	--	--	--	--

1.3. VISITAÇÃO DE 1538

Nenhuma das determinações passadas foi cumprida.

O **sacrário** e **altares** foram visitados e acharam estar o Sacramento decentemente colocado e os altares e corporais limpos.

Os ornamentos e as pratas estavam limpos e era tudo conteúdo da visitação passada.

O visitador achou que depois de Diogo Tavares ser prior da Igreja de Santa Maria se fizeram as seguintes coisas: um sacrário que custou cem cruzados; o altar de pedraria com o seu tabuleiro lajeado e degraus de pedraria branca que custou vinte cruzados; um retábulo muito bom que custou mais de trinta mil reais no altar da capela-mor; um retábulo no altar de Nossa Senhora e no altar um tabuleiro lajeado com seis degraus que custou mais de trinta cruzados; no altar dos Mártires um altar em tabuleiro e degraus que custou quatro mil reais; na cripta de Jesus outro retábulo com degraus.

O altar dos Mártires precisava de umas correições para cobrir o retábulo e o altar de ser ornamentado.

1.4. VISITAÇÃO DE 1565

Foi encontrada quase tudo como na visitação passada, embora se registassem algumas diferenças que passamos a enunciar.

O **retábulo do altar-mor** estava dourado e pintado; tinha cinco painéis e no meio um *emcasamento* em que estava a imagem de Nossa Senhora de vulto. No meio do guarda-pó estava pintada a Trindade.

A **capela-mor** não tinha grades e junto do arco cruzeiro pela parte de dentro da capela estavam dois arcos pequenos que eram serventia para a sacristia e para duas capelas. A vidraça da capela-mor estava quebrada, fazendo com que entrasse chuva e vento.

As colunas e os arcos do **corpo da igreja** estavam limpos mas o madeiramento e o forro estavam velhos e eram preciso novos.

A **capela do lado do Evangelho** tinha um retábulo dourado e pintado e no meio um crucifixo de vulto. Na **capela do lado do Epístola** estava um altar e sobre este um retábulo pintado e dourado da invocação da Trindade, ambos da Confraria dos Pretos.

No altar em que estavam os **Mártires Cavaleiros da Ordem** (Santiago) estava um retábulo com o seu guarda-pó onde estava pintado São Tiago a cavalo. Na **outra ombreira** da parte do Evangelho estava um **retábulo de quatro painéis** pintado e dourado com o seu guarda-pó por cima (altares colaterais).

A sacristia foi encontrada tal como na Visitação passada. Tinha um sobrado forrado de bordos, por cima de telha vã muito estragada, por onde chovia.

Foi visitado o **sacrário** que estava na capela-mor na parte do Evangelho, numa capela pequena de abóbada de pedraria forrada de bordos em branco, que tinha por fora toda a frontaria de pedraria com porta de madeira dourada à maneira de um retábulo, onde estava pintado a Ceia de Nosso Senhor na dita pedraria com três charolas de pedra douradas e seu guarda-pó por cima pintado.

Acharam nesta igreja umas **reliquias de S. Brás**, que estavam num cofre pequeno dentro da capela do Santíssimo. “São tão antigas que não haa memoria/nem lembrança de como vierão ter a esta/igreja. São visitadas de todos os Bispos/conforme a veneração que estão tidas nesta/casa, e as reliquias são hum pedaço de hum/queixo e

outro de huma costa de comprimento de hum/dedo cada um, e as levão em proçisão dia de São/Brasa aa sua Irmida e a casa dos doentes por sua devoção”⁸⁴.

A **pia de baptizar** foi também visitada e achada no corpo da igreja, na entrada do lado do Evangelho. Era de uma só pedra, bem feita, e tinha uma capa de tabuado fechada com um cadeado. Estava sem grades e num patamar de três degraus. Junto da pia estava um armário de pedraria com portas, onde estavam os Santos Óleos.

O **campanário** estava sobre a parede da capela da parte do Epístola. No campanário estavam três sinos muito bons e uma campainha. Porém não estava o campanário como convém a uma cidade tão nobre; as escadas de madeira estavam muito velhas.

Não se achou o crucifixo no arco cruzeiro e nos altares acharam-se alguns crucifixos pintados de vulto.

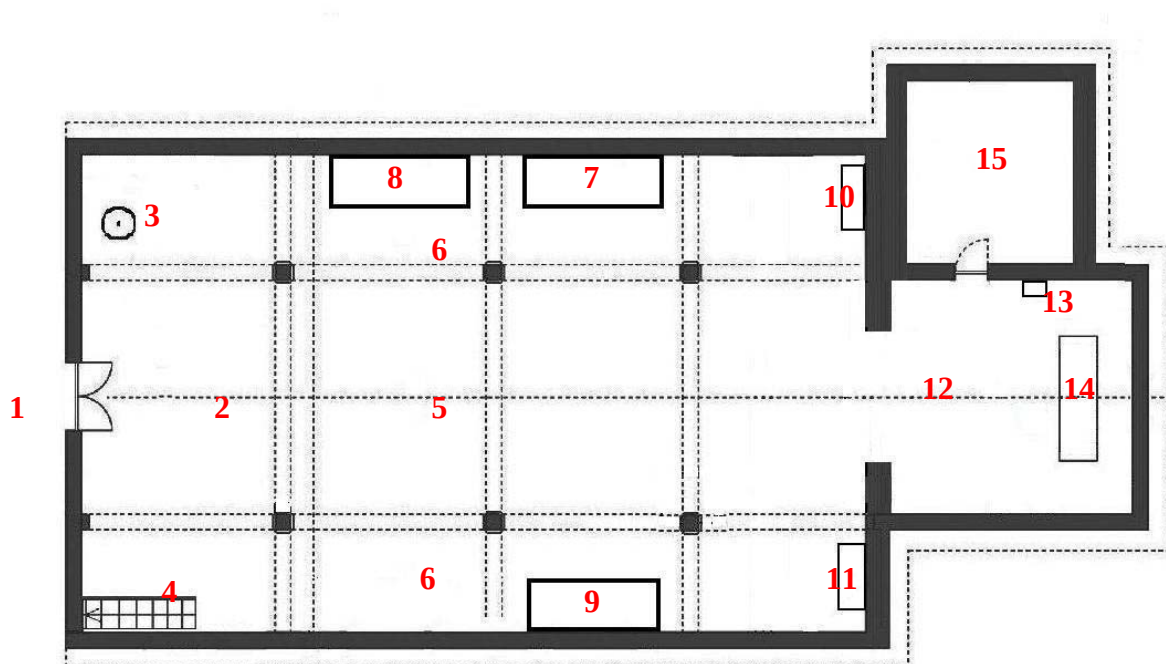
Achou-se o hábito de São Tiago sobre a porta principal bem feito e em pedra.

Determinações particulares:

Mandou-se fazer: grades na capela-mor e nas outras duas e na pia de baptizar; consertar o armário dos Santos Óleos; uma vidraça na fresta do altar-mor de feição e cor dos espelhos; três tábuas com as palavras da sacra; comprar um missal grande para o altar-mor; uma caldeira para a água benta; forrar as pedras de ara que havia na igreja de *canhamaço*; comprar uma caixa para os Santos Óleos e outra para os corporais; fazer seis guardas para os corporais; comprar um tacho com colher para fazer as hóstias para a igreja; fazer seis fundos para os cales e uma dúzia de *samginghos*; renovar as imagens do altar de Nossa Senhora da Piedade; comprar um baptistério; comprar três cruzes de madeira douradas; comprar três toalhas de Flandres para o altar-mor e outros altares; lajear a capela da Trindade e consertar o degrau da pia de baptizar; consertar a cruz grande de latão e dourá-la para poder servir nos enterramentos dos defuntos; forrar de pinho a sacristia e consertar o telhado; fazer duas *sobrepelizes* para os moços que ajudam nas missas; fazer um pontifical de damasco carmesim com *savastros* de veludo; dois frontais dos altares colaterais de Nossa Senhora e dos Mártires; três vestimentas de *chamalote* de cores com *savastros* de seda; pintar o sacrário por dentro com estrelas douradas;

⁸⁴ HUGO, Cavaco – O.c. p.366

1.4.1. ESQUEMA DA PLANTA

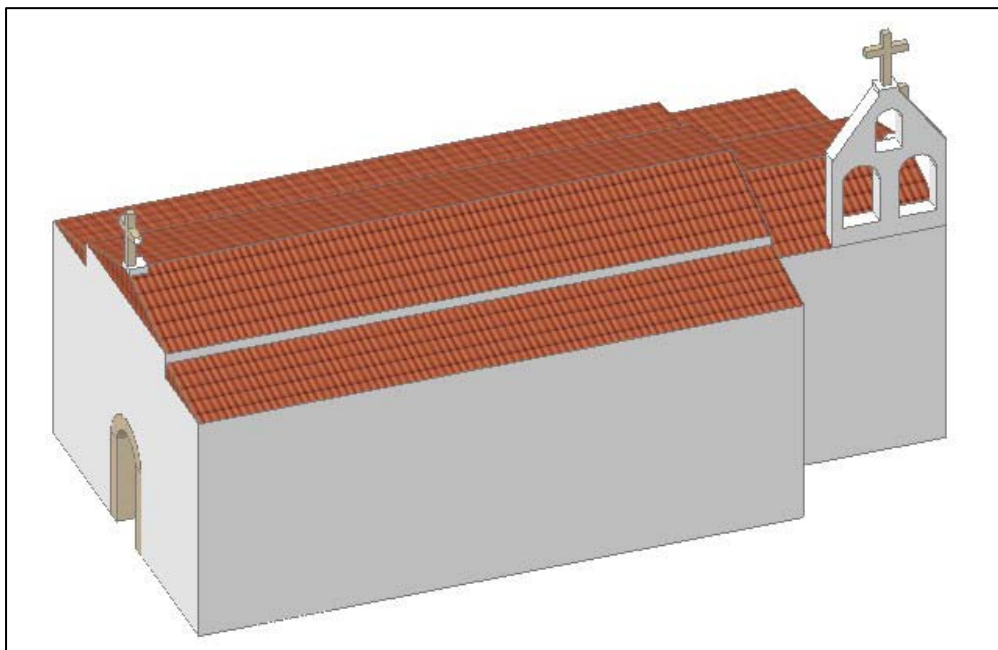


LEGENDA:

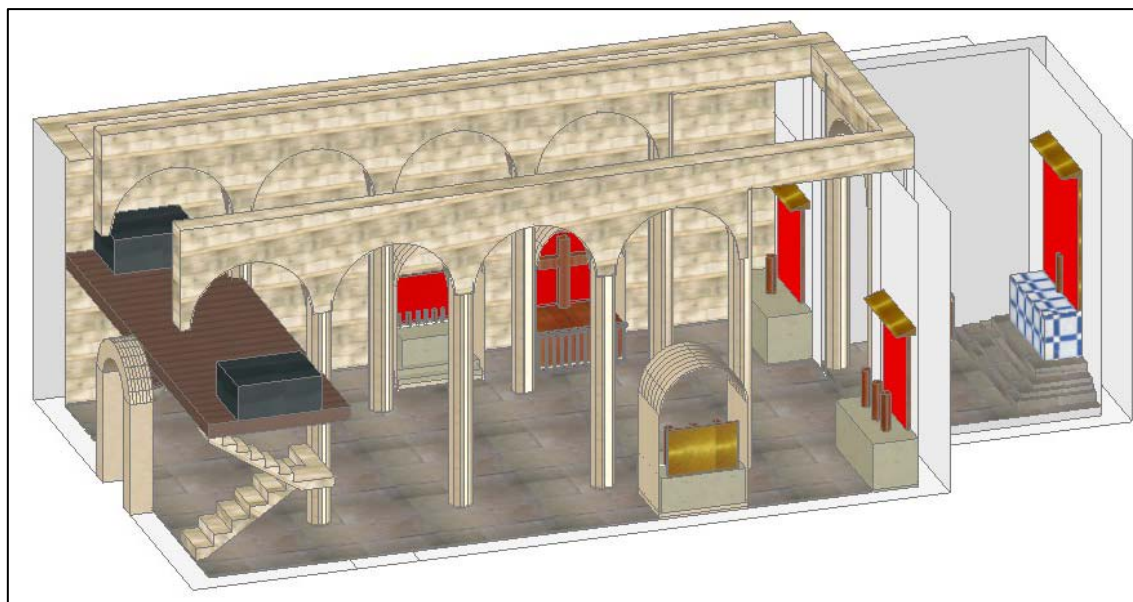
- 1 – Entrada principal
- 2 – Coro-alto
- 3 – Pia Batismal
- 4 – Escadas
- 5 – Nave central
- 6 – Naves laterais
- 7 – Capela lateral: (Evangelho) – imagens: Nosso Senhor; Crucifixão; Nossa Senhora; São João
- 8 – Capela lateral (Evangelho). Mello
- 9 – Capela lateral (Epístola) – imagens: Nossa Senhora do Pranto; São Nicolau; São Vicente
- 10 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: Nossa Senhora com o Menino ao colo; pintura: São João, São Vicente, São Pedro e São Brás
- 11 – Altar colateral (Epístola) – pintura: São Tiago; São Pedro; Santo António
- 12 – Capela-mor
- 13 – Sacrário
- 14 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora com o Menino; pintura: Assunção, Anunciação, Apresentação no Templo, Nascimento de Nossa Senhora; Nossa Senhora com José
- 15- Sacristia

1.4.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



1.4.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Igreja	Santa Maria	Longitudinal 3 naves	Abóbada de pedraria (capela lateral da capela-mor)	Altar-mor 2 Altares colaterais 1 Altar na capela lateral do lado do Evangelho	Madeira (retábulos); Pedraria (corpo da igreja, capelas laterais, hábito de Santiago, pia)

1.4.4. QUADRO Nº 2 - INVOCACÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCACÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Tavira	Igreja de Santa Maria	Nossa Senhora com o Menino Assunção de Nossa Senhora Anunciação de Nossa Senhora Apresentação no Templo Nascimento de Nossa Senhora Nossa Senhora com S. José	Altar-mor	Vulto de madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira
			Nossa Senhora com o Menino S. João S. Vicente S. Pedro S. Brás	Altar colateral do lado do Evangelho	Vulto Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira

			Mártires S. Tiago S. Pedro Santo António	Altar colateral do lado do Epístola	Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira Pintura s/ madeira
--	--	--	---	--	---

1.4.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1565	Tavira	Igreja de Santa Maria	6 Cálices, dois antigos e quatro de feição nova de obra romana; 1 Cruz de prata sobre dourada; 1 Cruz de ferro sobre dourada com uma rosa no meio e uma pedra e em cima um anjinho de prata; 1 Turíbulo de prata de obra romana grande com cadeias compridas; 1 Naveta de prata com colher velha; 2 Maças de prata que servem nas procissões; 6 Missais; 4 Livros de canto <i>domingall santorall e antifonayros</i>; 6 Castiçais velhos; 1 Bacia de oferta muito velha; 1 Bula de perdões de cardeais com selos pendentes; 1 Bula da confraria de Jesus de cinco festas;	1 Vestimenta de veludo carmesim com <i>savastro</i> de <i>borcado</i>; 1 Vestimenta de damasco azul com <i>savastro</i> de veludo carmesim com suas dalmáticas do mesmo teor; 6 Vestimentas com suas alvas, umas de <i>chamalote</i> e outras de seda; 1 Vestimenta de <i>chamalote</i> preto muito velha com a sua alva; 2 Dalmáticas de <i>chamalote</i> preto sem alvas; 1 Capa de damasco carmesim com <i>savastro</i> de veludo verde usada; 1 Capa de damasco alaranjado com <i>savastro</i> de veludo verde usada; 1 Frontal de <i>chamalote</i> branco e verde velho; 1 Capa de damasco branco com <i>savastro</i> de veludo; 1 <i>Paleo</i> de tafetá roxo e carmesim com suas varas; 6 Toalhas de Flandres; 8 Toalhas nos altares da igreja; 5 Panos de armar de Arras dois bons e três velhos; 1 Alcatifa usada que serve no altar-mor;

2. ERMIDA DE SÃO DOMINGOS

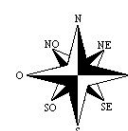
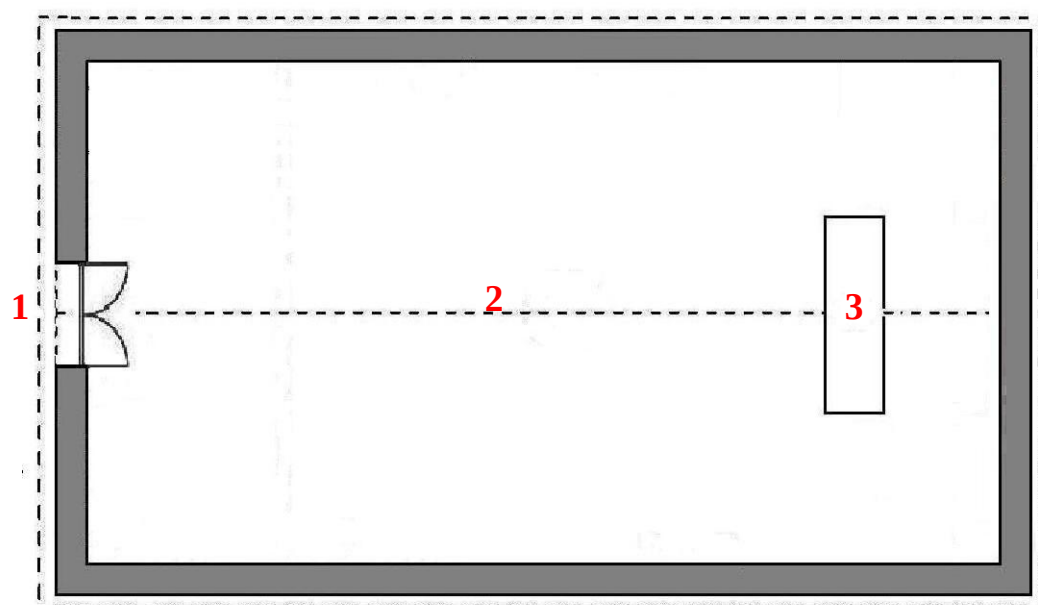
2.1. VISITAÇÃO DE 1518

A ermida era muita pequena e de uma só *casa*. Tinha um **altar** alvenaria com a imagem de São Domingos de vulto e um crucifixo. A cobertura era feita de telha-vã.



Fig. 10 – *Actual Ermita de São Domingos*

2.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

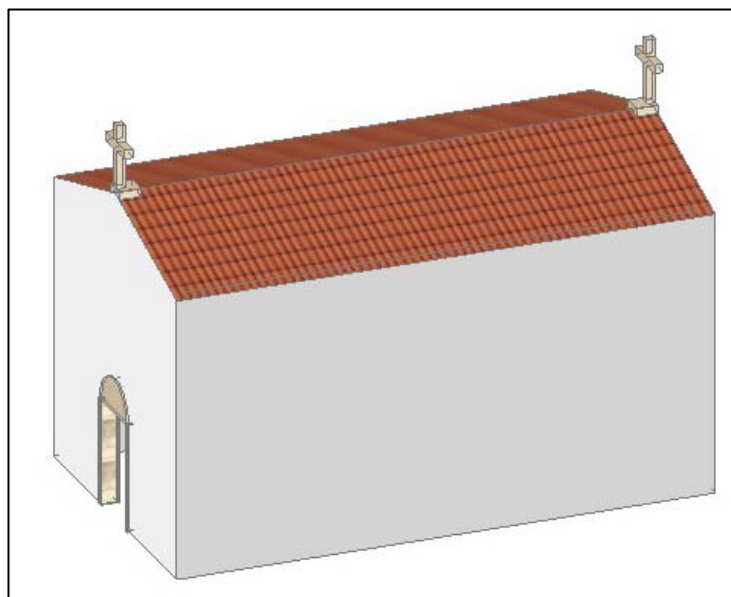


LEGENDA:

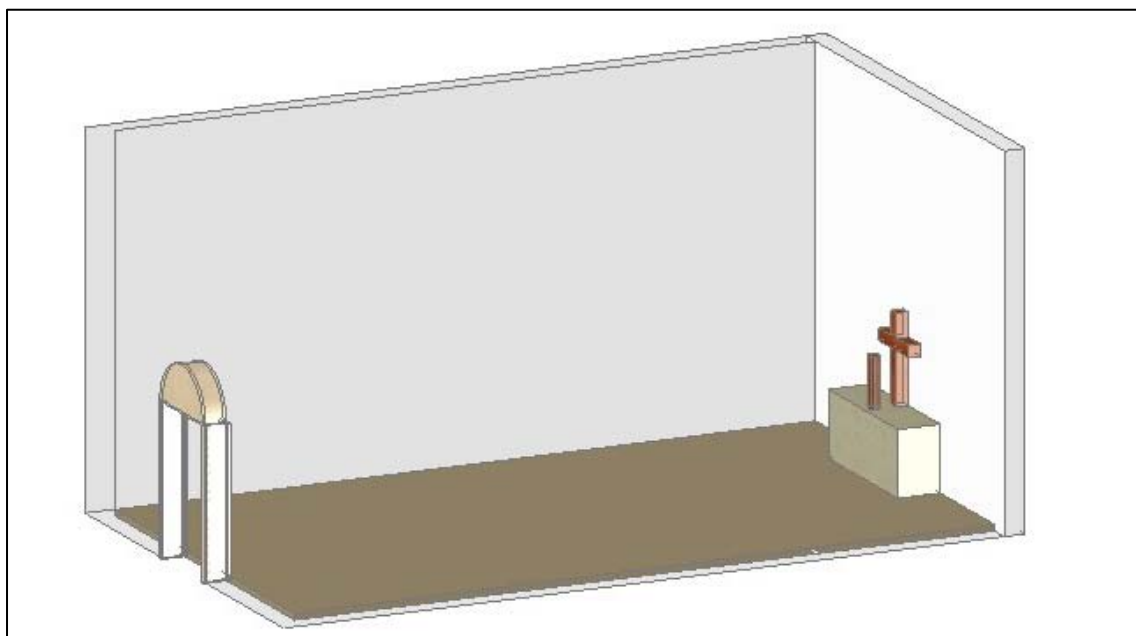
- 1 – Entrada principal
- 2 – Nave
- 3 – Altar-mor – São Domingos; Crucifixo

2.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



2.1.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Ermida	Sã Domingos	Espaço único	Telha-vã	Altar-mor	Alvenaria (altar);

2.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Tavira	Ermida de S. Domingos	S. Domingos; Crucifixo	Altar-mor;	Vulto

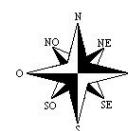
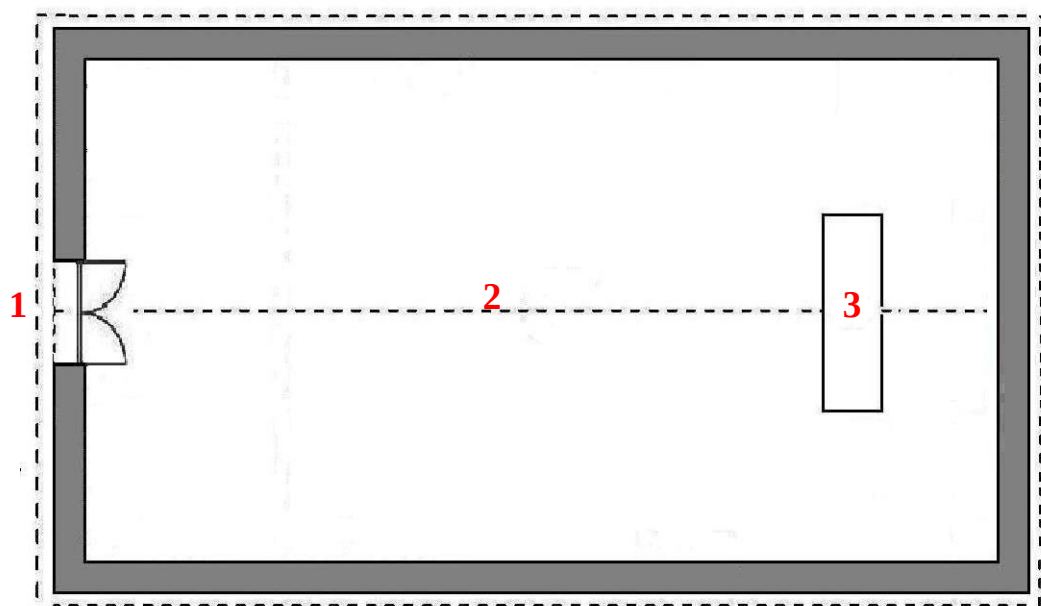
2.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Tavira	Ermida de São Domingos	1 pedra d'ara;	1 Vestimenta comprida usada; 1 Frontal de linho pintado Umas toalhas do altar

2.2. VISITAÇÃO DE 1534

Estava agora feita de novo. As paredes eram de pedra e cal. O corpo da igreja, ainda descoberto, tinha um portal de pedraria e não tinha ornamentos nenhuns, somente um frontal de pano de linho pintado no **altar** com a imagem de São Domingos, de vulto.

2.2.1. ESQUEMA DA PLANTA



LEGENDA:

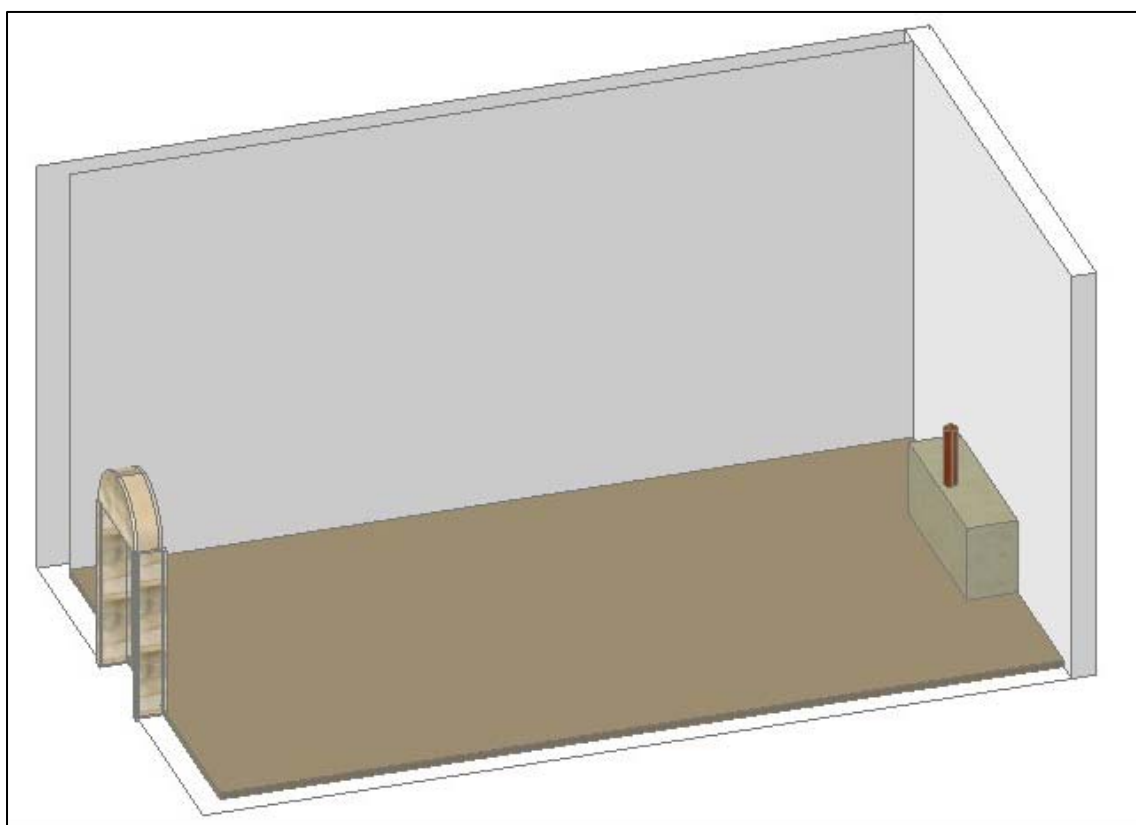
1 – Entrada principal

2 – Nave

3 – Altar-mor – imagem: São Domingos

2.2.2. ESQUEMA 3D

INTERIOR



2.2.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	São Domingos	Nave única	Capela-mor: amadeirada de castanho e forrada de canas	Altar-mor	Pedraria: (portal) Pedra (paredes); Cal (paredes); Madeira (coberturas); Canas (forro)

2.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Tavira	Ermida de São Domingos	São Domingos;	Altar-mor;	Vulto;

2.2.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Tavira	Ermida de São Domingos	2 Galhetas de estanho	Mantos e toalhas velhas que servem no altar;

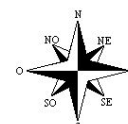
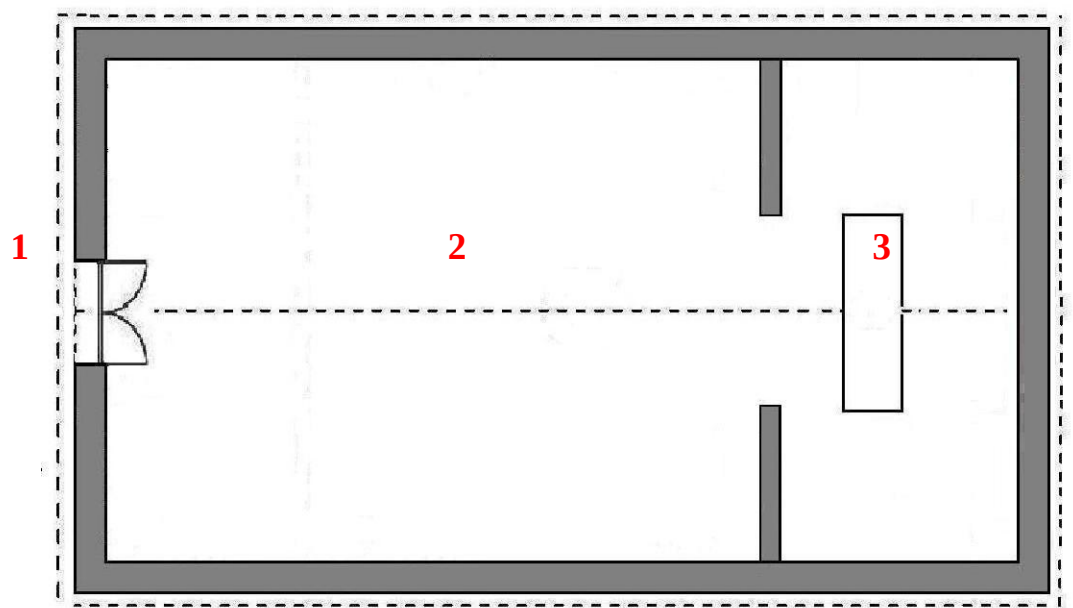
2.3. VISITAÇÃO DE 1565

Tinha um altar onde estava um **retábulo** velho pintado com uma imagem de vulto de S. Domingos.

Sobre o arco do cruzeiro estava um crucifixo de vulto.

No **campanário** tinha uma campainha.

2.3.1. ESQUEMA DA PLANTA



LEGENDA:

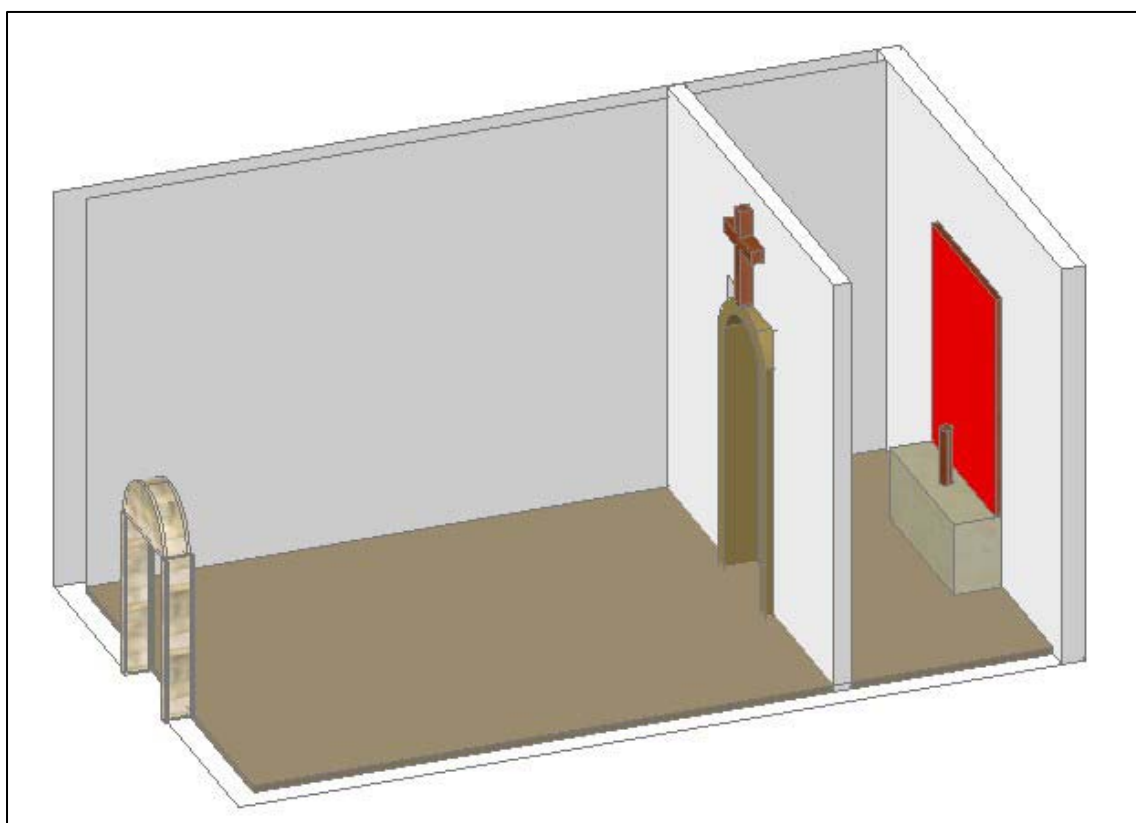
1 – Entrada principal

2 – Nave

3 – Altar-mor – imagem: São Domingos

2.3.2. ESQUEMA 3D

INTERIOR



2.3.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	São Domingos	Nave única	Capela-mor: amadeirada de castanho e forrada de canas	Altar-mor	Pedraria (portal) Pedra (paredes); Cal (paredes); Madeira de castanho (coberturas); Canas (forro)

2.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Tavira	Ermida de São Domingos	São Domingos;	Altar-mor;	Vulto;

3. ERMIDA DE SANTA ANA

3.1. VISITAÇÃO DE 1518

A ermida de uma só casa tinha na **capela-mor** um altar de pedra com a imagem de vulto de Santa Ana com Nossa Senhora com o Menino ao Colo. A capela-mor era cerrada com grades.

O corpo da ermida era de pedra e cal com um arco no meio. Tinha um **altar colateral** do lado Evangelho, com um altar de pedra e barro com uma imagem de vulto de Santa Ana com uma cortina azul velha. Do lado da Epístola tinha **outro altar** da mesma invocação com a mesma santa de vulto com uma cortina branca velha.

No fecho do **arco** tinha um crucifixo com uma cortina de linho.

(Actualmente nesta ermida existe uma escola de recuperação e restauro de arte sacra tavirense (fig. 13).)

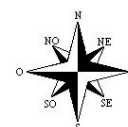
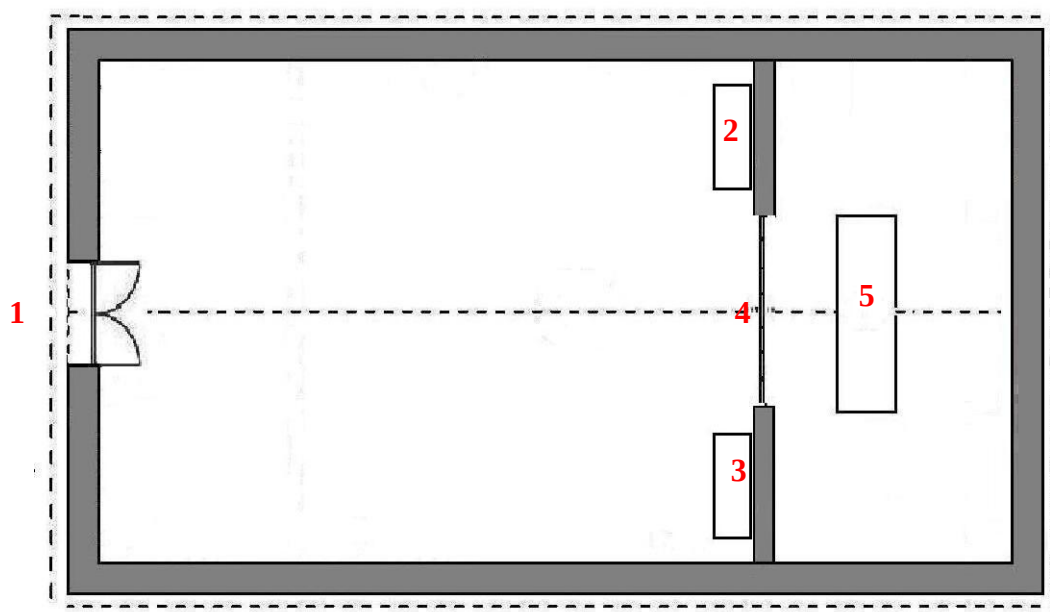


Fig. 11 e 12 – *Fachada principal e lateral do aspecto actual da ermida de Santa Ana*



Fig. 13 – *Interior da ermida de Santa Ana*

3.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

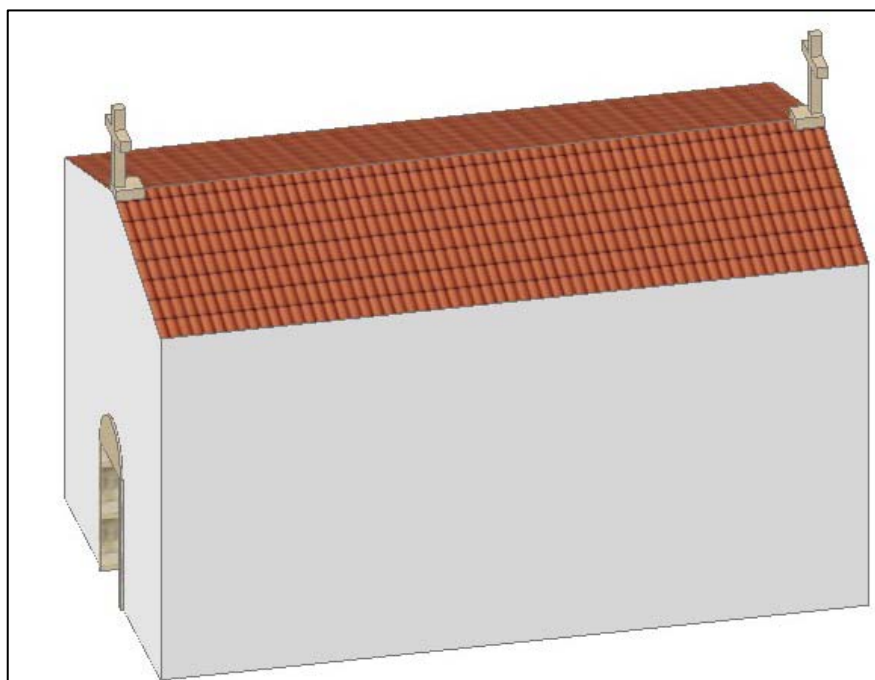


LEGENDA:

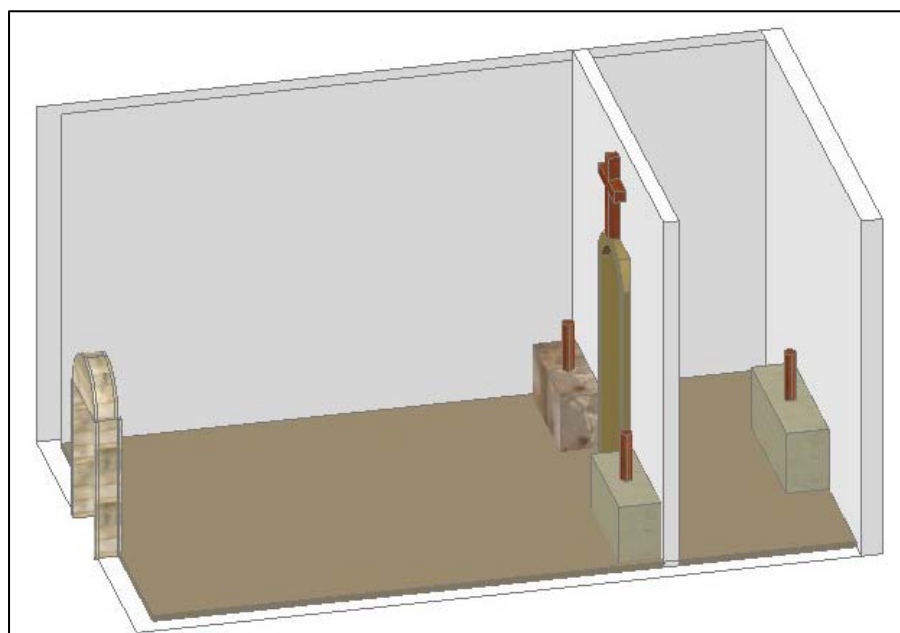
- 1 – Entrada principal
- 2 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: Santa Ana
- 3 – Altar colateral (Epístola) – imagens: Santa Ana
- 4 – Grades
- 5 – Altar-mor – imagens: Santa Ana; Nossa Senhora com o Menino

3.1.2. ESQUEMA 3D

Exterior



INTERIOR



3.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Ermida	Santa Ana	Espaço único	_____	Altar-mor; 2 colaterais;	<u>Pedra</u> (paredes, altares); <u>Barro</u> (altares colaterais); <u>Cal</u> (paredes)

3.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Ermida de Santa Ana	Santa Ana e Nossa Senhora com o Menino	Altar-mor	Vulto
		Santa Ana	Altar coltareal (Epístola)	Vulto
		Santa Ana	Altar coltareal (Evangelho)	Vulto

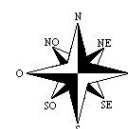
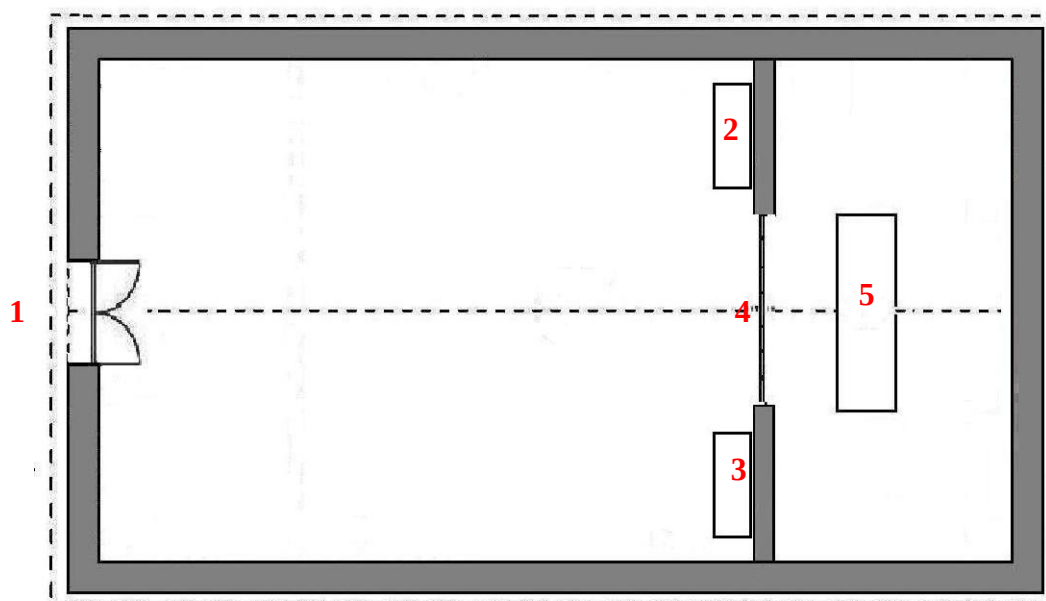
3.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Tavira	Ermida Santa Ana	1 Cruz de prata dourada com crucifixo; 1 Cálice de prata dourado com uns esmaltes na maçã; 1 Missal místico Romão velho; 4 Castiçais d'açofar velhos e quebrados; 1 Par de galhetas; 1 Estante de pé com um livro com que oficiam missa; 1 Arca velha em que se guardavam os ornamentos;	6 <i>Manteos</i> e tolhas velhas e rotas; 6 Toalhas de estante de ponto real velhas e rotas; 1 Toalha de ponto real nova de estante; 1 Toalha de ponto real nova de estante; 2 Vestimentas de pano da Flandres pintado com alvas e estolas e manípulos, sem cinta nem amito, velhas e rotas; 2 Vestimentas de linho compridas, velhas e rotas; 2 Frontais de linho, pintados e velhos; 1 Frontal com a imagem de Santa Ana, muito velho de Ras;

3.2. VISITAÇÃO DE 1534

Para além do que estava na Visitação passada foi encontrado: a capela coberta de novo com madeira e forrada de canas; uma cortina de sarja vermelha com guarda-pó com franja que está no altar; no altar do lado do Epístola tinha outra cortina de sarja vermelha e um **retábulo** pequeno com **Santo António** pintado de matiz.

3.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

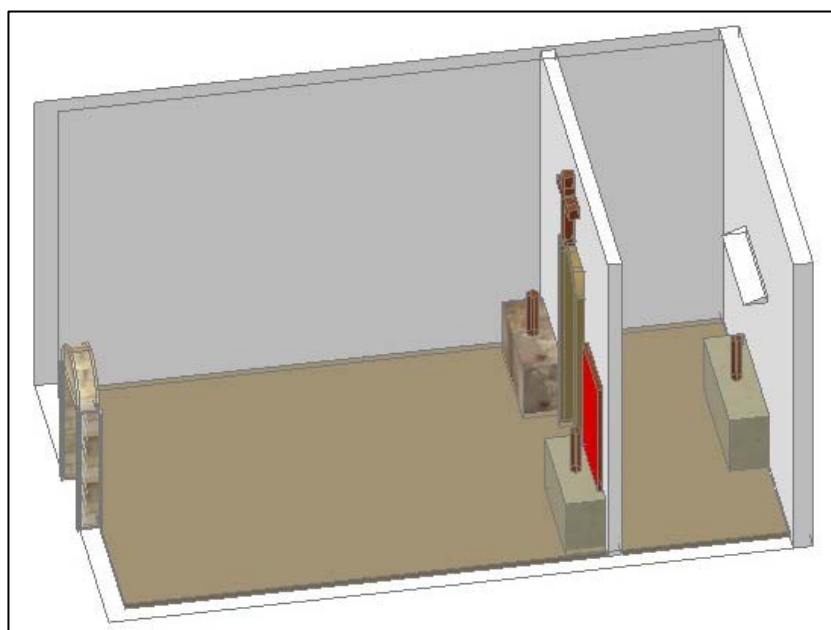


LEGENDA:

- 1 – Entrada principal
- 2 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: Santa Ana
- 3 – Altar colateral (Epístola) – imagens: Santa Ana; pintura: Santo António
- 4 – Grades
- 5 – Altar-mor – imagens: Santa Ana; Nossa Senhora com o Menino

3.2.2. ESQUEMA 3D

INTERIOR



3.2.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	Santa Ana	_____	_____	Altar lateral lado do Epístola	Madeira (cobertura); Canas (cobertura);

3.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Tavira	Ermida de Santa Ana	Santo António;	Altar lateral lado do Epístola;	Pintura s/ madeira;

3.2.5. QUADRO Nº 4 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Tavira	Ermida de N^a S^a dos Mártires	1 Cruz de prata branca com pé redondo; 1 Cálice dourado grande e muito bom com patena de prata; 1 Missal <i>mistego</i> de forma novo com camisa de peno <i>d'estopa</i>; 1 Bula de perdões com dezoito selos;	1 Vestimenta de toalhas de Flandres branca com <i>savastro</i> de pano de linho azul; 7 Toalhas de ponto real rotas e rasgadas;

3.3. VISITAÇÃO DE 1565

Era feita toda de pedra e cal.

Na **capela** estava um altar de uma só pedra sobre quatro esteios e tapado de pedra e cal. Tinha um retábulo pintado e dourado de cinco painéis onde estava um *encasamento* com a imagem de Santa Ana. A capela tinha cobertura de madeira de castanho.

No corpo de igreja, nas **ombreiras do arco**, estavam **dois altares**. Na parte do Evangelho estava um *lambell* e uns *manteus* e em cima uma tábua a modo de retábulo onde estava pintado Santo António.

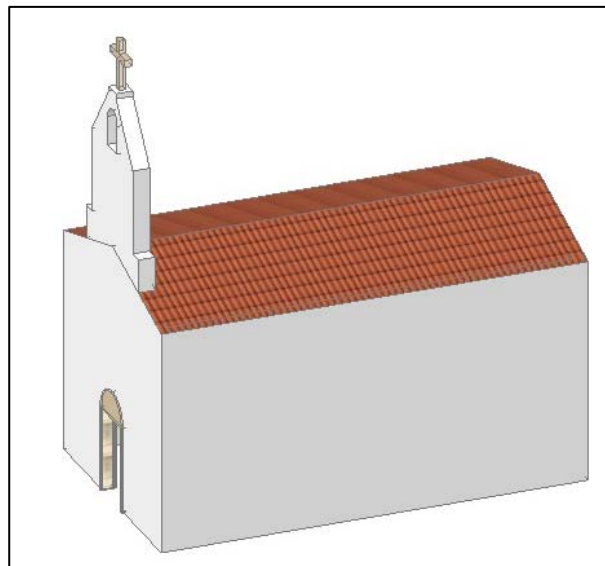
Estava coberta por madeira de castanho e forrada de canas.

O **campanário** estava sobre a porta principal.

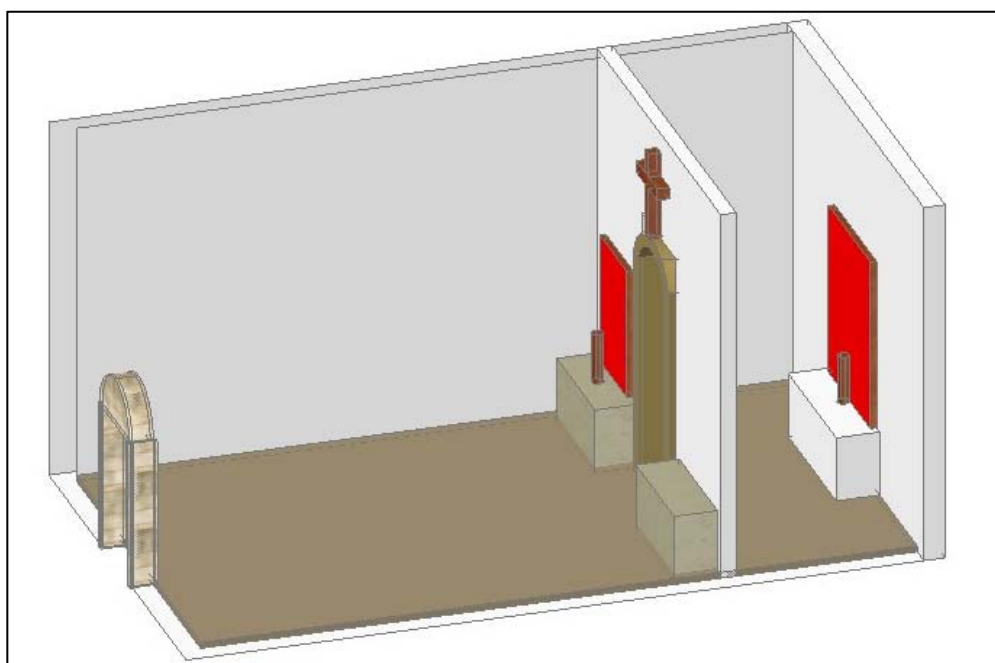
Sobre o arco do cruzeiro estava um crucifixo de vulto.

3.3.1. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



3.3.2. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	Santa Ana	_____	_____	Altar-mor; 1 Altar colateral;	Pedra (paredes, altar); Cal (paredes); Madeira (retábulo, cobertura capela-mor e corpo da ermida); Canas (forro)

3.3.3. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Tavira	Ermida de Santa Ana	Santa Ana;	Altar-mor;	Vulto;
			Santo António;	Altar colateral do lado do Evangelho	Pintura s/ madeira;

4. ERMIDA DE SÃO BRÁS

4.1. VISITAÇÃO DE 1518

O corpo e a **capela-mor** eram de pedra e cal, cobertos de telha-vã.

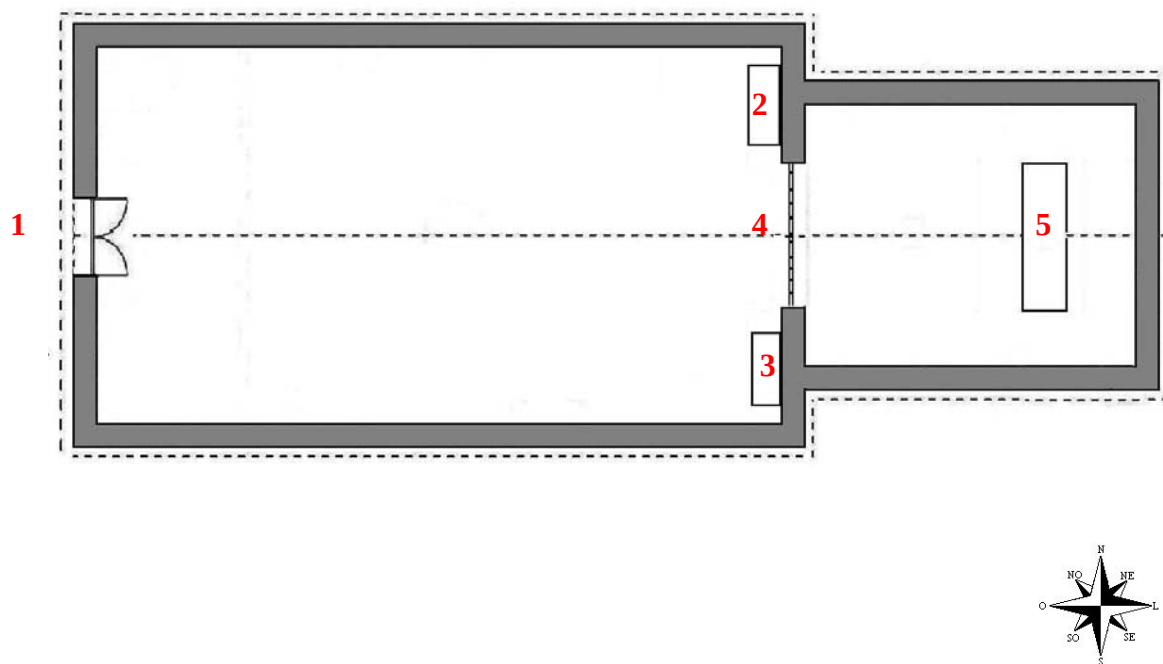
O **altar-mor** era de pedra e cal e sobre ele estava a imagem de São Brás, grande, de vulto. A capela estava cerrada com grades.

No altar colateral do lado do Evangelho, havia um **altar** de pedra e barro *acafelado* com uma imagem de Santo António de vulto com uma cortina branca. O do Epístola tinha um altar igual com as imagens de São Brás e de Santa Bárbara de vulto.



Figs.14 e 15 – *Aspecto actual da ermida de São Brás*

4.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

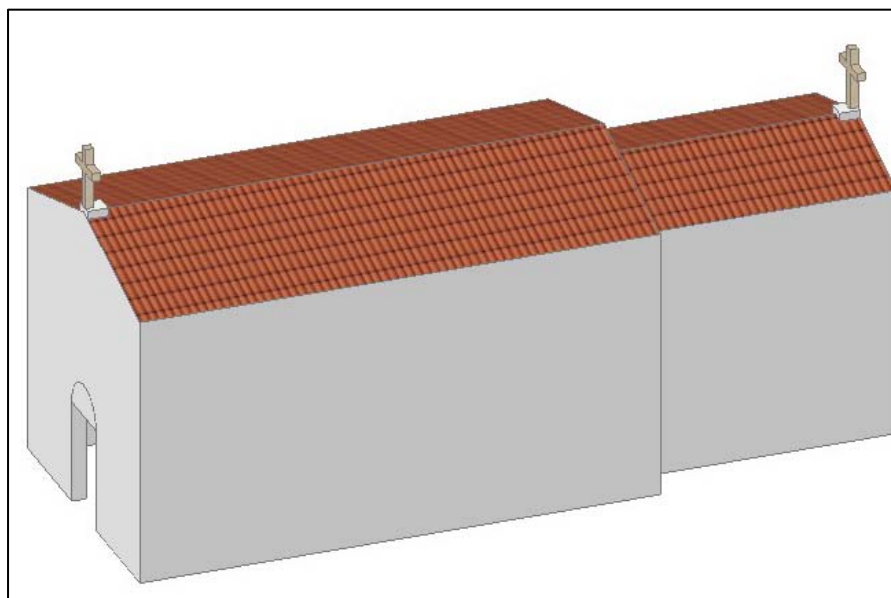


LEGENDA:

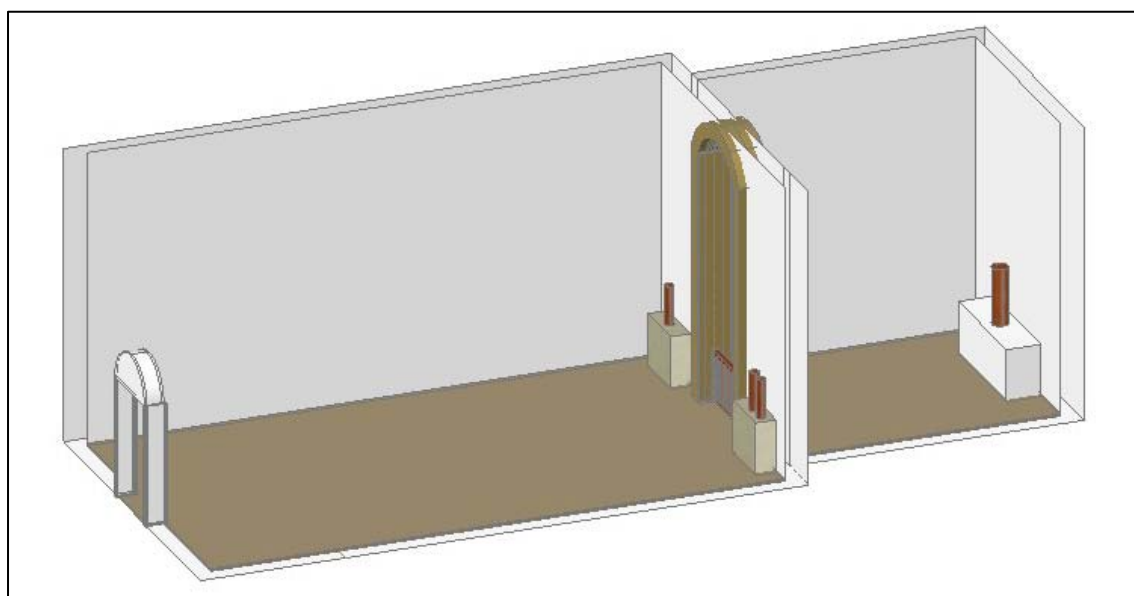
- 1 – Entrada principal
- 2 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: Santo António
- 3 – Altar colateral (Epístola) – imagens: São Brás; Santa Bárbara
- 4 – Grades
- 5 – Altar-mor – imagens: São Brás

4.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



4.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Ermida	São Brás	Longitudinal	Telha-vã	Altar-mor; 2 colaterais;	<u>Pedra</u> (paredes, altares); <u>Cal</u> (paredes) Barro (altares)

4.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Ermida de São Brás	São Brás	Altar-mor	Vulto
		Santo António	Altar coltareal (Evangelho)	Vulto
		São Brás e Santa Bárbara	Altar coltareal (Epístola)	Vulto

4.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Tavira	Ermida São Brás	1 Cálice de prata branco pequeno; 2 Castiçais velhos e quebrados; 1 Estante e uma escada;	2 Vestimentas de toalhas brancas, compridas, velhas e rotas; 1 Vestimenta de cortina comprida, rota e velha; 6 <i>Manteos</i> rotos e velhos; 3 Toalhas de altar velhas; 6 Toalhas de estante pintadas; 1 Alcatifa velha do altar; 1 Frontal de lã, roto e velho; 2 Frontais de linho vermelho

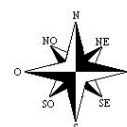
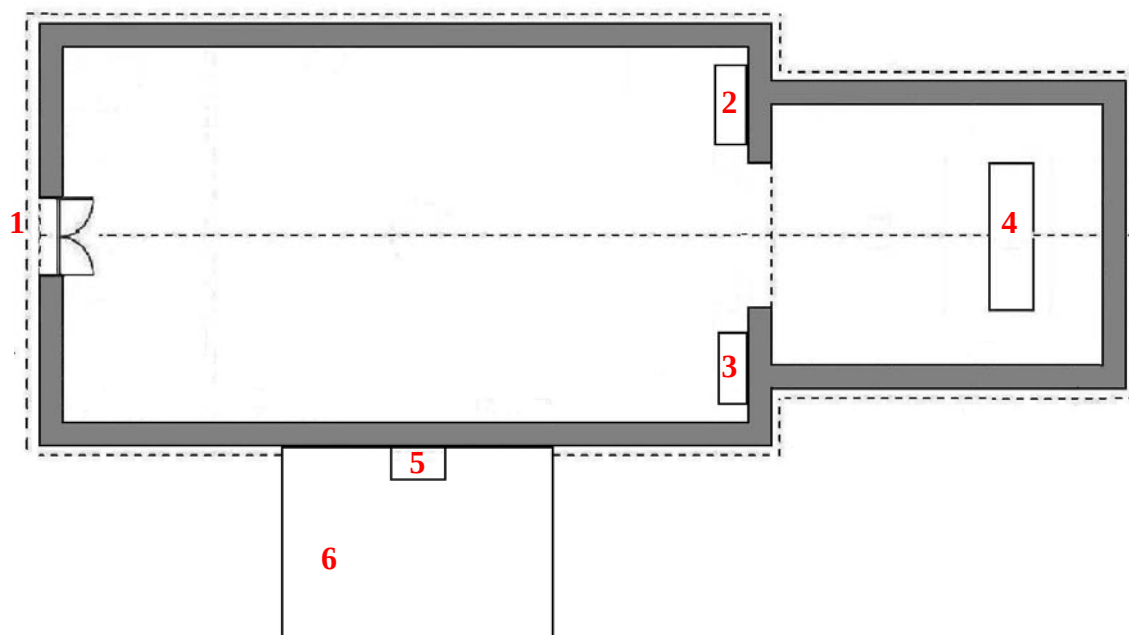
4.2. VISITAÇÃO DE 1534

Achou-se agora a capela e o corpo da igreja forrados (cobertos) de canas e no **cruzeiro** um crucifixo pintado de matiz com Nossa Senhora de um lado e S. João do outro e um guarda-pó pintado.

No **altar do lado do Epístola**, de Santa Bárbara, estavam pintados de matiz os três Reis Magos e S. Sebastião.

Estava agora na igreja, do lado do Epístola, um portal pequeno de pedraria com umas portas novas, que ia para um **púlpito** de pedra que está de fora da igreja debaixo do **alpendre** novo.

4.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

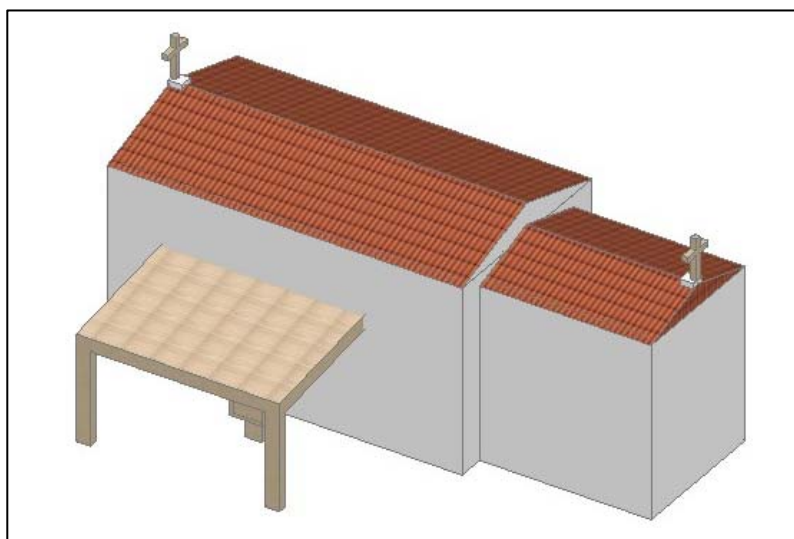


LEGENDA:

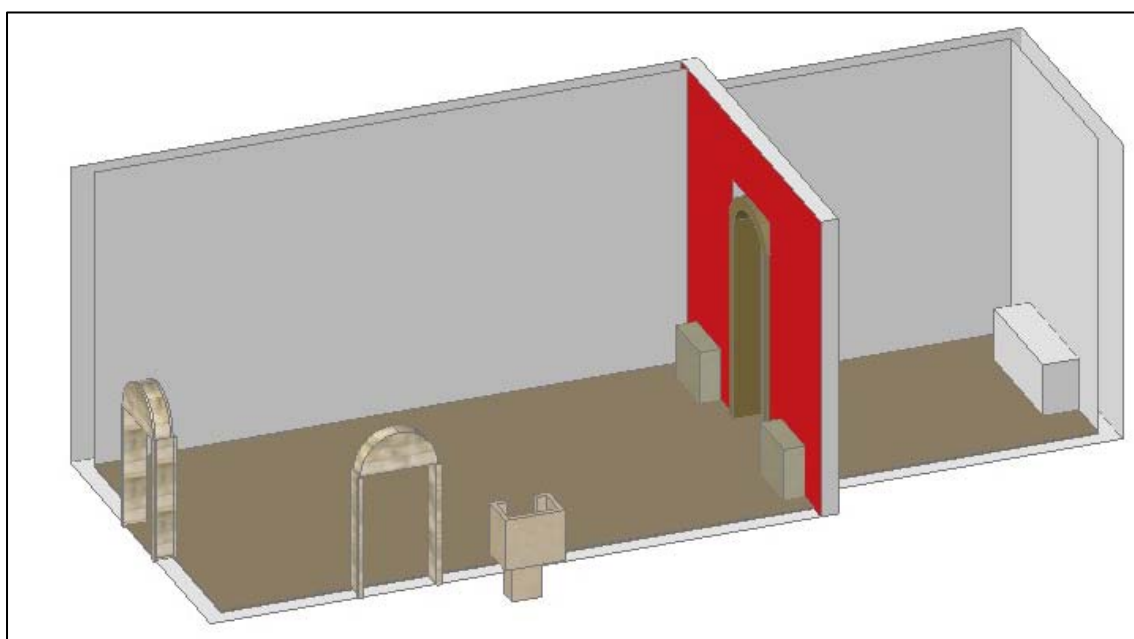
- 1 – Entrada principal
- 2 – Altar colateral (Evangelho)
- 3 – Altar colateral (Epístola) imagens: Santa Bárbara; pintura: Três Reis Magos; São Sebastião
- 4 – Altar-mor
- 5 – Púlpito
- 6 – Alpendre

4.2.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



4.2.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	São Brás	_____	_____	Altar do cruzeiro; Altar do lado do Epístola;	Madeira (cobertura, retábulos); Canas (cobertura); Pedra (portal, púlpito)

4.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Tavira	Ermida de São Brás	Crucifixão; Santa Bárbara, Reis Magos e S. Sebastião;	Altar do cruzeiro; Altar do lado do Epístola;	Pintura s/ madeira; Pintura s/ madeira;

4.2.5. QUADRO Nº 4 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Tavira	Ermida de São Brás	1 Cálice de prata branca com borda do vaso dourado e patena nova com uma cruz; 1 Bago de pau de <i>macenaria</i> dourado e pé prateado novo; 2 Castiçais de açofra grandes de bico com três leões nos pés cada um; 3 Castiçais de açofra de cano; 1 Bacia de latão pequena; 1 Bula de perdões com vinte selos, nova; 1 Arca de castanho nova e grande onde estão os ornamentos; 1 Arca de bordos grande em que	1 Vestimenta de pano de linho branco com <i>savastro</i> de fita de <i>cadarço</i> de cores; 7 Toalhas de ponto real rotas e rasgadas; 1 Frontal de pano de linho pintado que está no altar-mor; 1 Frontal de pano de lã de Flandres pintado; 1 Guarda porta de marca de Arras com uma fonte no meio e uma raposa no pé, nova e boa; 1 Mesa de toalhas de Flandres nova e boa; 1 Toalha de altar de pano de linho branca com listas azuis nos cabos, nova;

			está a cera da confraria de S. Brás; 1 Arca pequena que está em câs do <i>irmitão</i>; 2 Meninos Jesus de Vulto; 1 Candeeiro de ferro grande de pé com uma Cruz de Cristo em cima;	1 Saio de S. Brás de damasco carmesim; 1 Camisa de S. Brás de pano de linho; 1 Frontal de pano de palma da Guiné; 1 Pano de algodão azul da Guiné, novo;
--	--	--	--	--

5. ERMIDA DE SÃO LÁZARO

5.1. VISITAÇÃO DE 1518

A ermida tinha a **capela-mor** abobadada, com um campanário e um sino pequeno. Sobre o **altar** tinha uma imagem de vulto.

5.2. VISITAÇÃO DE 1534

Achou-se da maneira que estava na Visitação passada e mais o que passaremos a demonstrar na tabela desta visitação.

5.2.1. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	São Lázaro	_____	_____	_____	_____

5.2.2. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Tavira	Ermida de São Lázaro	_____	_____	_____

5.2.3. QUADRO Nº 4 – ALFAIAS LITÚRGICAS

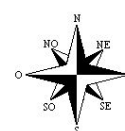
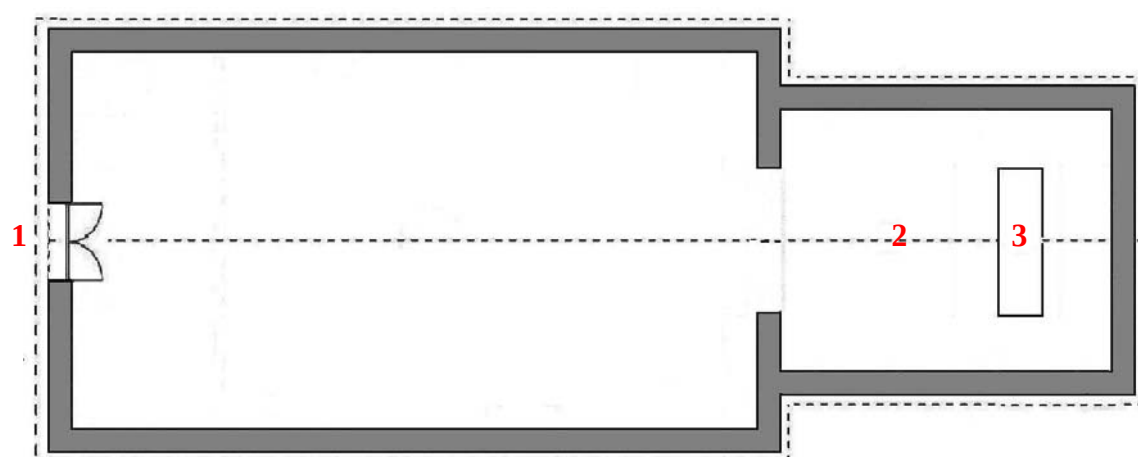
ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Tavira	Ermida de São Lázaro	1 Cálice de prata branco com patena com penas de rodízio no pé; 1 Lâmpada com um bacio de Flandres e cadeias de latão; 1 Missal <i>mistego</i> de forma novo;	1 Frontal de pano de linho pintado novo que está no altar; 1 Vestimenta de pano da Flandres pintada com <i>savastro</i> de bastidor com folhagem e uma letras em que diz “Jesus”;

5.3. VISITAÇÃO DE 1565

Tinha uma **capela de abóbada** e um altar com uma imagem de vulto de S. Lázaro. Tinha um arco de pedraria.

O **corpo da igreja** era de uma só nave coberta de madeira de castanho e forrada de canas.

5.3.1. ESQUEMA DA PLANTA

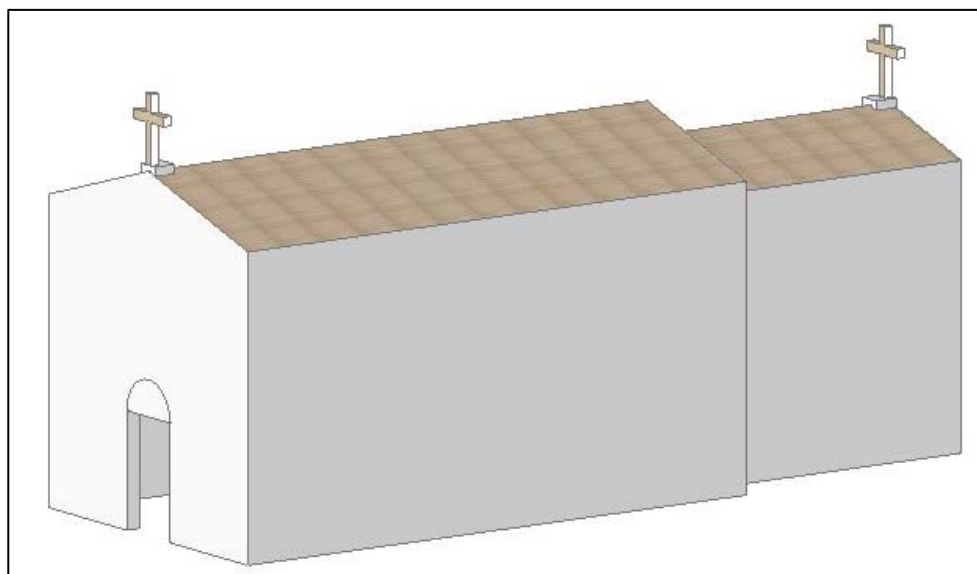


LEGENDA:

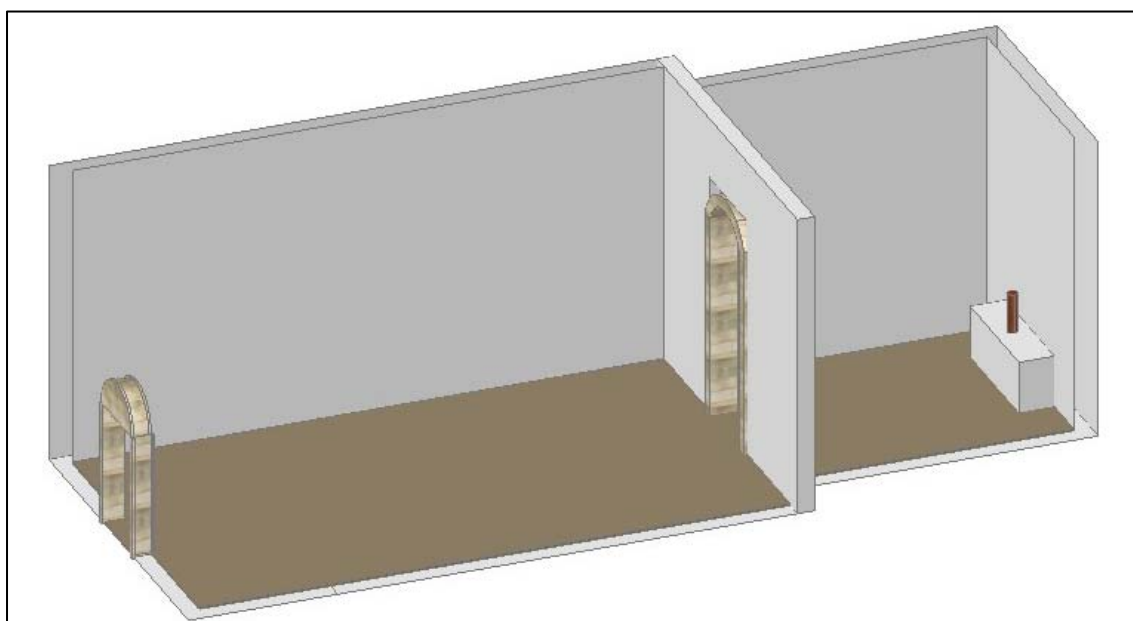
- 1 – Entrada principal
- 2 – Capela-mor
- 3 – Altar-mor – imagens: São Lázaro

5.3.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



5.3.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	São Lázaro	Longitudinal 1 Nave	Abóbada na capela;	Altar-mor	Pedraria (arco); Madeira de castanho (cobertura nave); Canas (forro da nave);

5.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Tavira	Ermida de São Lázaro	São Lázaro;	Altar-mor;	Vulto;

6. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA GOMEIRA

6.1. VISITAÇÃO DE 1518

As paredes eram de pedra e cal. A **capela-mor** tinha um altar de alvenaria onde estava uma imagem de vulto de Nossa Senhora, dentro de um retábulo pequeno de portas e dois Meninos Jesus que não sabemos serem de escultura ou pintura. A capela-mor estava cerrada por grades.

O **corpo da igreja** era de uma só nave, coberta de telha-vã, com dois **altares colaterais** de alvenaria, sem imagens.

Acima do portal principal tinha um **campanário**.

Do lado do Epístola tinha uma **porta lateral**.

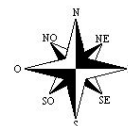
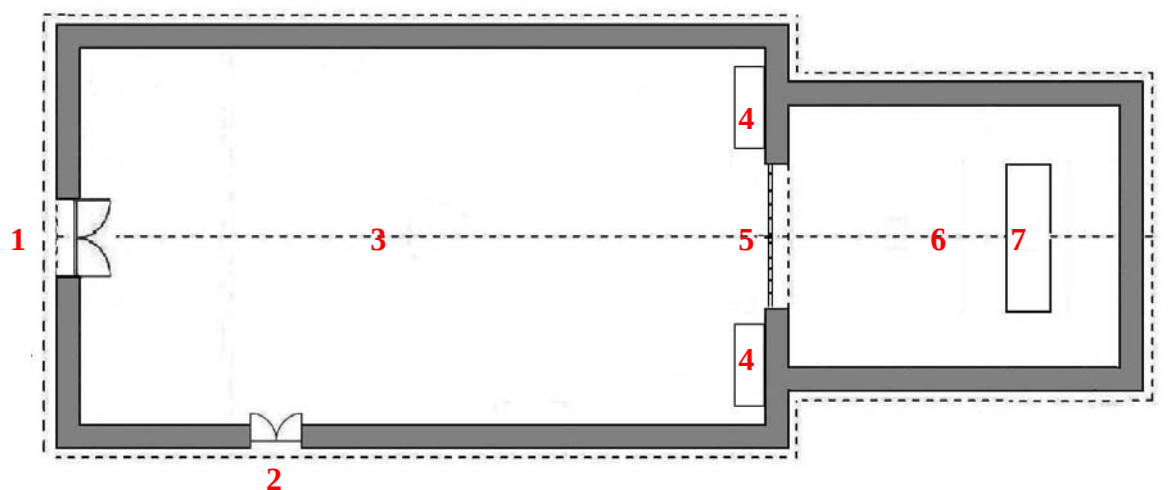


Fig. 16 – Actual Igreja Paroquial da Conceição de Tavira, antiga ermida de Nossa Senhora da Conceição da Gomeira



Fig. 17 e 18 – Vista do interior da actual da Igreja

6.1.1. ESQUEMA DA PLANTA

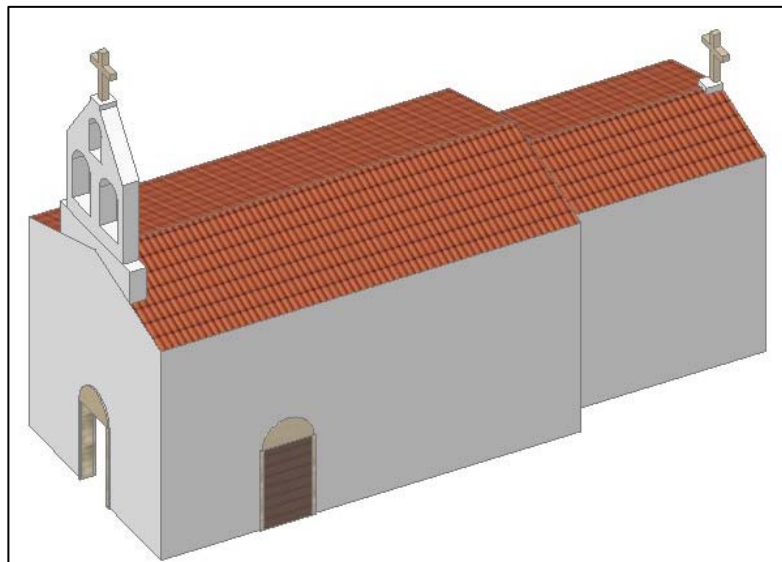


LEGENDA:

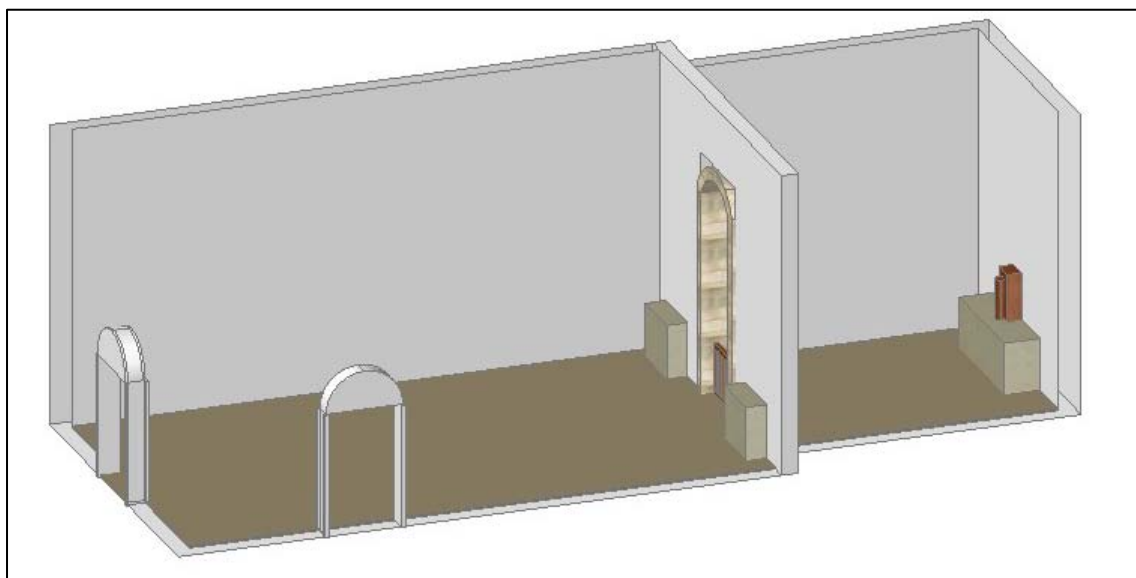
- 1 – Entrada principal
- 2 – Entrada lateral
- 3 – Nave
- 4 – Altares colaterais (sem imagens)
- 5 – Grades
- 6 – Capela-mor
- 7 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora; 2 Meninos Jesus

6.1.2. ESQUEMA 3D

EXTERIOR



INTERIOR



6.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1518	Ermida	Nossa Senhora da Conceição	Longitudinal Nave única	Telha-vã	Altar-mor; 2 colaterais;	<u>Pedra</u> (paredes, altares); <u>Cal</u> (paredes) <u>Alvenaria</u> (altares)

6.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES

ANO	TEMPLO	INVOCACÕES	LOCAL	TÉCNICA
1518	Nossa Senhora da Conceição	Nossa Senhora da Conceição e 2 Meninos Jeusu	Altar-mor	Vulto

6.1.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1518	Tavira	Ermida de Nossa Senhora da Conceição	1 Cálice de prata todo dourado; 1 Cálice de prata com patena dourado; 5 Castiçais <i>d'açofer</i> ; 1 Campainha de comungar; 2 Galhetas de estanho novas; 1 Espelho grande do altar; 1 Missal místico; 1 Arca grande onde se guardavam os ornamentos;	1 Vestimenta de pano da Flandres com <i>savastro</i> borlado de folhagens; 1 Vestimenta de toalhas da Flandres branca; 1 Alcatifa nova; 1 Frontal de Ras; 1 Sobre céu de sarja verde e vermelho com franja nova; 1 Cortina de pano pintado; 3 Frontais de pano de linho pintados;

6.2. VISITAÇÃO DE 1534

No **altar do cruzeiro do lado do Evangelho** estava agora a imagem de S. Pedro de vulto, toda dourada, num retábulo de portas com muitas imagens pintadas. O altar tinha ainda um *sobre ceo* de pano da Índia pintado.

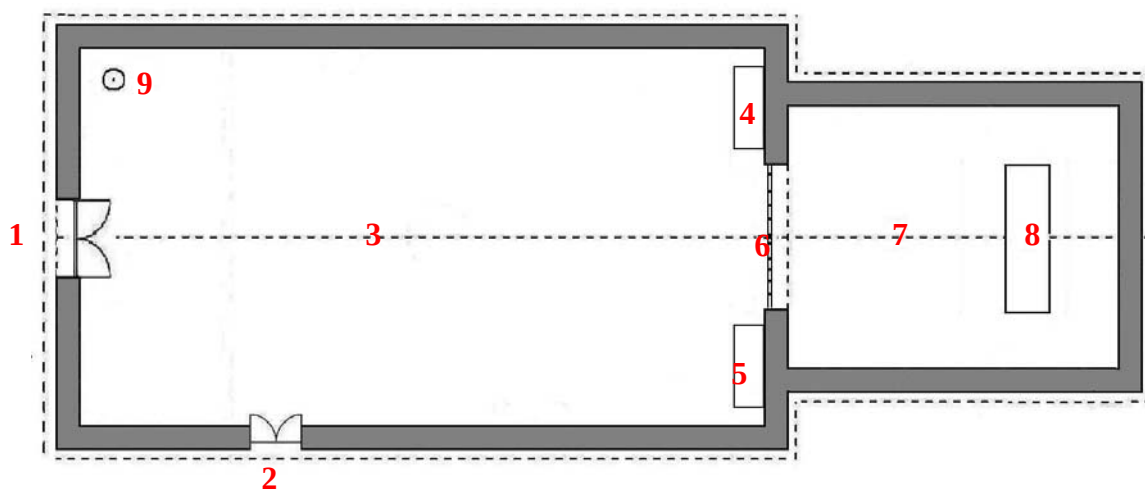
No **altar do lado do Epístola** estava uma imagem de vulto de Nossa Senhora da Graça num retábulo pequeno de portas, e outra imagem de Santa Luzia noutro retábulo de portas pintado. Tinha um *sobre ceo* e cortina de sarja vermelha com franja de cores.

O corpo da igreja estava coberta de madeira.

Tinha do lado do Evangelho uma **pia de baptizar** de pedra sobre dois degraus de pedraria.

Tinha um púlpito de madeira bem obrado e novo.

6.2.1. ESQUEMA DA PLANTA

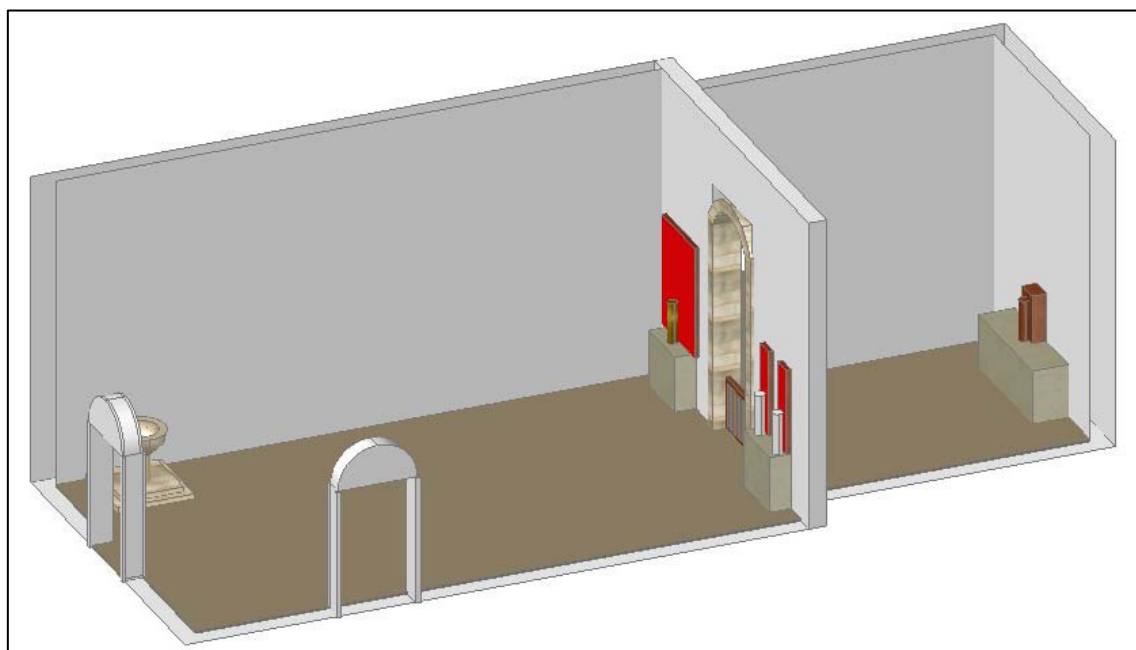


LEGENDA:

- 1 – Entrada principal
- 2 – Entrada lateral
- 3 – Nave
- 4 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: São Pedro
- 5 – Altar colateral (Epístola) – imagens: Nossa Senhora da Graça; Santa Luzia
- 6 – Grades
- 7 – Capela-mor
- 8 – Altar-mor
- 9 – Pia baptismal

6.2.2. ESQUEMA 3D

INTERIOR



6.2.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1534	Ermida	Santa Maria da Conceição	_____	_____	2 Altares colaterais;	Madeira (retábulos, imagens, púlpito); Pedra (pias)

6.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCAÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1534	Tavira	Ermida de Santa Maria da Conceição	S. Pedro;	Altar colateral lado do Evangelho;	Vulto;
			Nossa Senhora da Graça; Santa Luzia;	Altar colateral lado do Epístola;	_____

6.2.5. QUADRO Nº 3 – ALFAIAS LITÚRGICAS

ANO	LOCAL	TEMPLO	ALFAIAS LITÚRGICAS	PARAMENTOS
1534	Tavira	Ermida de Santa Maria da Conceição	1 Cruz de latão prateada bem obrada que parece de prata com seis campainhas douradas; 2 Castiçais de açofra de bico grandes novos e bons; 1 Campainha grande que está no campanário; 2 Campainhas pequenas de comungar; 4 Galhetas de estanho novas; 1 Missal <i>mistego</i> de forma novo	1 Vestimenta de damasco branco da Índia com <i>savastro</i> de damasco azul franjada toda de retos de cores; 1 Vestimenta de damasco da Índia, verde com <i>savastro de borcadylo</i> da Índia franjada de retos de cores; 1 Capa de damasco verde da Índia com <i>savastro e capello</i> de seda listada da Índia e franjado de retos de cores nova; 1 Vestimenta de <i>chamalote</i> preto com <i>savastro</i> e cruz de damasco

			com uma camisa de <i>fustão</i> prateado; 1 Caldeira de latão de água benta; 1 Bacia de latão; 1 Caderno de letra de pena apontado de cinco cordas novo; 1 Livro de letra de pena em pergaminho com o ofício de baptizar e ungir novo;	branco; 1 Vestimenta de toalhas de ponto real; 1 Frontal de Arras muito bom com a saudação de Nossa Senhora e dos lados S. Roque e S. Pedro; 1 <i>Bancall de Ras d'arvoredo</i> novo que serve de frontal; 1 Pano de armar de Arras de figuras; 2 Frontais de pano de linho novos pintados, um com S. Pedro pintado e outro S. Luzia; 4 Toalhas de altares; 2 Toalhas de pano de algodão brancas 5 <i>Almeyzares</i> de cores; 1 Cinta de damasco encarnado com uma franja de ouro pelos cabos e duma banda, nova e boa; 4 <i>Vestedeiros</i> de Nossa Senhora, um de veludo verde e outro de cetim encarnado barrado de veludo da dita cor e dois de tafetá de cores velhas e usadas; 3 Panos de algodão pintados que servem de frontais e outras coisas;
--	--	--	---	--

6.3. VISITAÇÃO DE 1565

Era uma igreja grande de uma só nave.

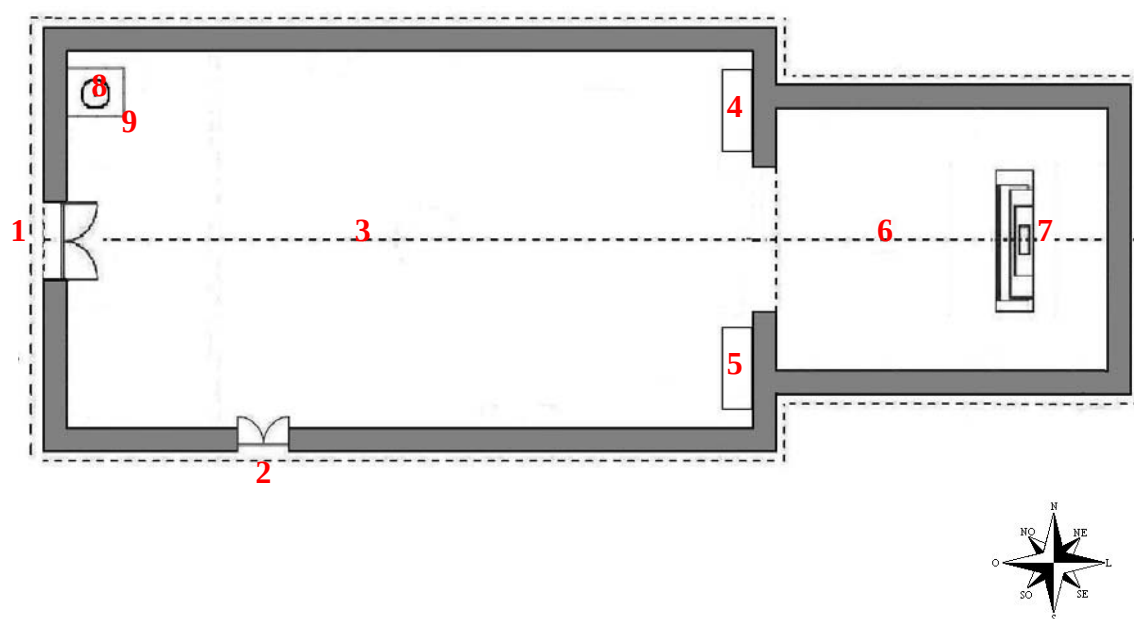
A **capela** era abobadada. Ascendia-se até ao **altar** através de quatro degraus e neste estava um **retábulo** pintado e dourado de cinco painéis, onde, ao cimo, estava um crucifixo. No retábulo estava um *emcasamento* e uma imagem de Nossa Senhora de vulto.

Nas ombreiras do cruzeiro, de pedraria, estavam **dois altares**; o do lado do Evangelho era de S. Pedro, o do lado do Epístola era de Santa Luzia e tinha um retábulo pintado e dourado com um *emcasamento* em que estava metida a imagem da Santa, de vulto.

O corpo da igreja era de **uma só nave** coberta de madeira de castanho *demgado*, forrado por cima de castanho.

A **pia de baptizar** estava junto da entrada do lado do Evangelho cercada de grades. Os Santos Óleos estavam num armário na capela-mor.

6.3.1. ESQUEMA DA PLANTA

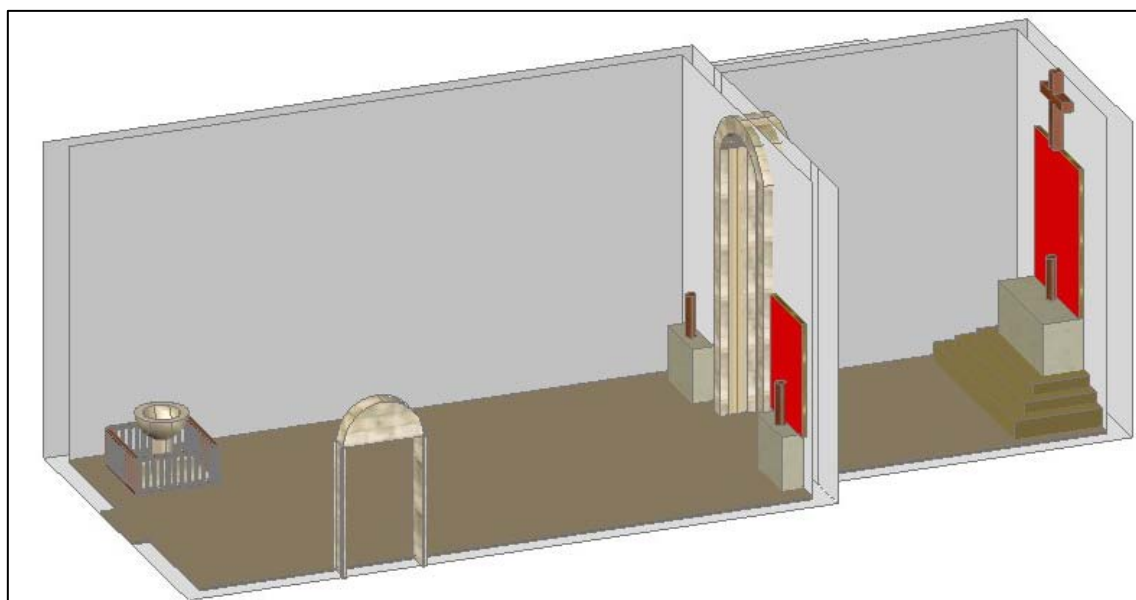


LEGENDA:

- 1 – Entrada principal
- 2 – Entrada lateral
- 3 – Nave
- 4 – Altar colateral (Evangelho) – imagens: São Pedro
- 5 – Altar colateral (Epístola) – imagens: Santa Luzia
- 6 – Capela-mor
- 7 – Altar-mor – imagens: Nossa Senhora de Vulto
- 8 – Pia baptismal
- 9 – Grades

6.3.2. ESQUEMA 3D

INTERIOR



6.3.3. QUADRO Nº1 – ANÁLISE SUMÁRIA DO TEMPLO

ANO	TEMPLO	ORAGO	TIPOLOGIA DA PLANTA E Nº DE NAVES	COBERTURAS	Nº DE ALTARES	MATERIAIS
1565	Ermida	Santa Maria da Conceição	Longitudinal 1 Nave	Capela-mor abobadada;	2 Altares colaterais;	Madeira (retábulos, imagens, púlpito); Pedra (pias)

6.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES

ANO	LOCAL VISITADO	TEMPLO	INVOCÇÕES	LOCAL	TÉCNICA
1565	Tavira	Ermida de Santa Maria da Conceição	S. Pedro;	Altar colateral lado do Evangelho;	Vulto;
			Nossa Senhora da Graça; Santa Luzia;	Altar colateral lado do Epístola;	_____

III PARTE

CAPÍTULO I

FORMAS E MATERIAIS NA CONSTRUÇÃO RELIGIOSA QUINHENTISTA

PROPOSTA DE UMA INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DAS VISITAÇÕES DE 1518 A 1565

1. AO ENCONTRO DE UMA TIPOLOGIA CONSTRUTIVA

Quando nos lançamos no presente trabalho sabíamos das dificuldades inerentes a um projecto do género. Uma delas passou pela complexidade em transpor para elementos concretos e visuais a informação que as fontes fornecem, num quadro de estruturação de conceitos e de reflexão sobre a temática em análise.

Isto é, partimos das palavras de outrem que, pela condição subjectiva que intrinsecamente perfaz cada ser humano, podem ser ambíguas, contraditórias, subjectivas, enfim, plurais nos caminhos que indicam e difusas naquilo que pretendem explicitar. Todavia pensamos delas ter retirado preciosas lições sobre as quais gostaríamos de reflectir procurando enquadrar a linha discursiva dentro das lógicas culturais da época.

Os edifícios religiosos são documentos ímpares de uma herança cultural que se vai desvanecendo ou transformando lentamente mas que traçou indelevelmente o perfil da história portuguesa, particularmente a partir dos séculos XI e XII. Desde esse período de constantes mutações políticas, territoriais, culturais, o poder eclesiástico passou por momentos que embora o possam ter fragilizado não se intrometerem decisivamente no rumo hegemónico da sua caminhada doutrinal. Isto é, apesar das crises e das reformas religiosas foi sempre muito forte a sombra do catolicismo apostólico romano sobre os grandes domínios europeus, tendo uma acção muito intensa em vários países, dos quais nos interessam particularmente os movimentos orquestrados na Península Ibérica.

O fenómeno construtivo religioso em Portugal está intimamente ligado a esses acontecimentos que, principalmente nos séculos XI, XII e XIII, estiveram associados ao fenómeno da Reconquista Cristã, onde tantos reis portugueses e hispânicos despenderam quase todas as suas forças. Não pretendemos esmiuçar esse processo mas sim destacar a importância que teve o aparecimento das ordens militares, que provêm

enquanto instituição das comunidades monásticas que começavam a moldar o perfil da vida e acção católica medievá, vincando estatutos através do assumir de uma Regra que determinava a conduta e doutrina de um determinado grupo de religiosos, aos quais se juntaram os cavaleiros debaixo de uma mesma alçada espiritual, sob a legitimação de uma luta conjunta e complementar contra os infiéis.

Estas Ordens, às quais já nos referimos na I Parte do trabalho, tiveram uma importância fulcral no assegurar de estruturas e mantiveram contacto próximo ao mesmo tempo entre a Santa Sé e a coroa, no caso da Ordem Santiago sendo inclusive, no início da segunda metade do século XVI, anexada definitivamente à última. Todavia foram organizações que granjearam poderes territoriais fornecidos pelo poder régio e reconhecimento espiritual oficializado pelo papado. Ou seja, ao fim e ao cabo, foram instituições que se foram tornando poderosas e capazes de potenciar a produção de peças de valor patrimonial que o testemunhassem.

A Ordem de Santiago foi obtendo algumas doações territoriais que fortaleceram os seus alicerces e lhe permitiu dominar grande parte do território a sul do Tejo. Nessas comendas implementou, principalmente a partir dos Regimentos das Visitações (ver I Parte, II Capítulo) um controlo efectivo do património móvel e imóvel e foi, de todas as Ordens presentes em solo nacional, talvez a que de forma mais rigorosa levou a cabo a realização de tais jornadas⁸⁵, o que, de algum modo, incrementa a nossa vontade de continuar a explorar esse tipo de fonte.

Porém, detenhamo-nos acerca de aspectos que possam enquadrar a evolução das palpações arquitectónicas religiosas em Portugal. A matriz tipológica de uma grande percentagem de construções, e que está presente nos edifícios analisados, vem de raízes que se foram sedimentando desde o advento do românico, que se propagou a partir de uma matriz doutrinal cluniacense e que foi adaptada vernacularmente em Portugal. Contudo mesmo essa procura, de uma tipologia que defina globalmente as construções, pode revelar-se pantanosa já que cada vez mais se discute⁸⁶, e com pertinência, onde pára um elemento e começa outro. Ou seja, como encontrar um modelo paradigmático se o que existe é muitas vezes fruto de uma conjunto de elementos que não são

⁸⁵ Como já foi referido, muito por causa da acção de D. Jorge, sendo que no seu mestrado se realizou o maior número de visitas que até nós chegaram.

⁸⁶ Veja-se, no caso do românico, o interessante artigo: VÁZQUEZ, José Manuel Rodríguez; CALLEJO, Óscar Garcinuno – De Románico y *románicos*: una aproximación a la doble naturaleza del *románico popular*. In *Anales de Historia del Arte*. 13. Universidad Complutense: Departamento de Arte Medieval, 2003. Pp.7-25

depuradamente de um ou outro estilo, ou mesmo que o sejam ao surgirem coabitantes como se define o todo?

Ainda assim devemos reconhecer que o período românico coincide com uma série de factos de relevo para a definição da sociedade portuguesa, tendo nesse período ficado estabelecido o desenho organizativo ou um modelo que perduraria de estrutura civilizacional superintendida pela dinâmica religiosa de que ainda hoje nos chegamos ecos. É por esta altura que cresce definitivamente um *modus vivendis* e uma definição territorial que se alicerça nas divisões eclesiásticas, que em si albergaram templos cristãos que passaram a demarcar zonas e a simbolicamente representar o epicentro do povoado.

Em volta da Igreja organizavam-se portanto as comunidades, particularmente as rurais, significando a *ecclesia* um núcleo protector sedimentando tudo o que era necessário para a sustentação moral da vida das pessoas a ela adstritas. Em sùmula a “Igreja, com os seus valores, os santos e suas relíquias, com as suas cerimónias tais como as ladainhas, e com o som apotropaico do seu sino, é o pólo sacralizador e protector de toda a freguesia. É a sua cidadela contra o mal. E também o melhor símbolo para evidenciar que um território está possuído e organizado”⁸⁷.

Este processo deve ser ressaltado para que possamos estabelecer um ponto de partida válido para a posterior leitura acerca dos objectos analisados, já que esses são fruto inerente de uma causa ou de um modelo globalmente instalado que, ainda que desse azo a interpretações vernaculares, fazia parte de um programa supremo de instalação e consolidação dos valores cristãos no reino português.

Ligado que estava a novos padrões litúrgicos o românico teve ampla aceitação em Portugal e mostrou ser um movimento de longa e resistente perduração⁸⁸, manchando de igrejas o seio nacional e portanto lançando o repto arquitectónico que responderia às actuais necessidades dos ritos religiosos e do albergue de fiéis. Embora com programas decorativos periféricos e consequentemente variados, patenteou uma estrutura construtiva bastantes simples baseada em dois módulos de génese basilical: a

⁸⁷ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *O Românico. História da Arte em Portugal 1*. Lisboa: Presença, 2001. ISBN 972-23-2827-1. p.56

⁸⁸ *Idem ibidem*. p.56

nave (ou 3 naves) da igreja, para e a cargo dos fregueses, e a cabeceira (capela-mor) e por vezes sacristia a cargo dos párocos ou dos comendatários⁸⁹.

Este modelo bipartido, simples e eficaz serviu para a maior parte dos templos erigidos neste período, respondendo de um modo objectivo às necessidades litúrgicas e devocionais emergentes, porém vai também adquirir importância na estruturação de grande parte das construções religiosas pelo menos até ao século XIX⁹⁰. Veja-se a título de exemplo a igreja do Mosteiro de Sanfins de Friestas, século XII, ou mesmo a contemporânea igreja de São Salvador de Bravães, onde se observa essa conjugação harmónica de dois volumes que dominam a silhueta exterior e definem os espaços interiores com grande clarividência doutrinal. Isto é, dividindo dois mundos, o terreno e o divino, que se devem encontrar sob o mesmo local de culto embora percebam, através dos dados físicos que a estrutura impõe, a distinção obrigatória entre ambos.

Ao contrário dos templos moçárabes as igrejas românicas apresentavam então espaços mais contínuos e abertos respondendo ao espírito da liturgia romana, muito mais encenada e preparada para o aparato que a anterior. Arriscamo-nos a dizer que o caminho posteriormente traçado pela reforma quinhentista e que culminaria numa opulência barroca de matriz italianizante, estava já enraizadamente insinuado, já que em termos estruturais não foram precisas alterações de fundo para que se efectuasse a transição para recepção da nova concepção litúrgica da era moderna, sustentada por uma matriz exuberante de atracção sensorial.

Ao nível da decoração exterior percebe-se melhor essa profusão de elementos icónicos que resultam de programas difundidos por grandes instituições francesas ou de outros países que depois eram repetidos e/ou adaptados às realidades autóctones, mas que funcionava como estímulos voltados para o exterior com a intenção clara de impressionar.

Estes valores que referimos obviamente não se aplicam no que toca às construções religiosas abaixo do Tejo já que a arquitectura românica se distribuiu

⁸⁹ ROSAS, Lúcia – *A Investigação em História da Arte e a sua aplicação nas acções de Recuperação e de Reabilitação do Património. Materiais de construção e ritmos construtivos nas igrejas paroquiais (séculos XV-XVI)*. 2º Seminário: A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais/ Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2006. Pp.106-107

⁹⁰ As excepções confirmam a regra e como tal existem em Portugal inúmeros templos por exemplo de planta centralizada, que respondem a impulsos devocionais diversos, o que não retira à estrutura de templo referida o protagonismo a nível nacional.

grosso modo acima dessa linha. Essa zona geográfica passou por múltiplas mutações territoriais e por períodos de domínio moçárabe que naturalmente implementaram as suas construções, correspondentes a necessidades devocionais distintas das cristãs. Todavia importa reter as indicações supracitadas ao nível do que estas representam enquanto directriz sumária da erecção de templos religiosos em Portugal: verificada essa conjugação de dois volumes essenciais nas igrejas visitadas no século XVI no Sotavento Algarvio e as reminiscências basilares de construção que trespasam estilos e perduram, em soluções que recebem diferentes fachadas mas que mantêm a mesma raiz planimétrica.

2. ARQUITECTURA ESPATÁRIA (?) E ALGARVIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A arquitectura das Ordens Militares foi pautada por uma forte componente defensiva, que resultou em conjuntos monumentais como é o caso do Convento de Cristo em Tomar ou das construções da Ordem de Santiago em Alcácer do Sal. Desta Ordem merece referência a igreja da fortaleza de Santiago de Palmela, local que durante longo período foi sede da Ordem, a Matriz de Santiago de Cacém e o referido complexo de Alcácer. Neste último verificamos a existência de uma igreja de matriz gótica à qual foi anexa a “Capela dos Mestres”, um pequeno edifício de planta centrada destinado a panteão dos mestres da Ordem, mandado erigir por D. Garcia Peres em 1333⁹¹.



Fig.19 – Igreja da fortaleza de Santiago de Palmela - fachada

A igreja de Santiago de Palmela importa referir porque, enquanto símbolo religioso da sede da ordem a partir do século XV, pode ter tido influência em posteriores construções levados a cabo pelos espatários. Encomendada por D. Fernando, pai de D. Manuel, encontrava-se concluída em 1470⁹², e o ritmo construtivo pode ter beneficiado pelo facto de em 1452 ter recebido a oficial independência do ramo

⁹¹ ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de; BARROCA, Mário Jorge – *O Gótico. História da Arte em Portugal 2*. Lisboa: Editorial Presença, 2002. ISBN 972-23-2841-7. p.68

⁹² PEREIRA, Paulo; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – *A Arquitectura Gótica*. In *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 3. Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-94-1. p.107

castelhano, tendo por esse prisma podido ter funcionado como um símbolo dessa autonomização.

Apresenta um exterior extremamente simplificado de coordenadas “chãs”, dominado pelos tais dois volumes que referimos, demonstrando o portal, inclusive, a ausência de capitéis, o que reforça de algum modo essa depuração ou contenção exterior. A planta apresenta uma proporção 1:2, sendo o seu comprimento o dobro da largura⁹³ e a capela-mor é também rectangular com ousia recta. O corpo é de três naves, sendo as laterais bastantes estreitas e as abóbadas à mesma altura. A nave central, à imagem da da Igreja de São Salvador de Travanca, apresenta arcos torais e os arcos diafragma que recordam ainda os espaços fragmentados das construções pré-românicas. Também se verifica a inexistência de capitéis no interior do templo.

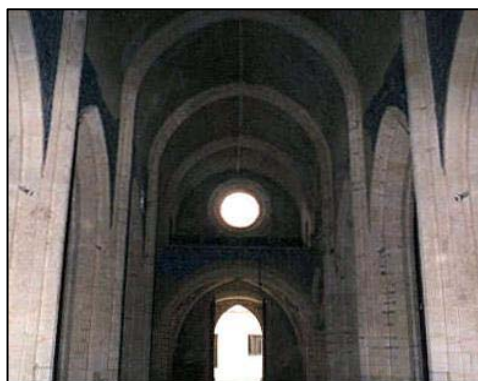


Fig.20 – Igreja da fortaleza de Santiago de Palmela - interior

Acerca do que referimos acima sobre uma possível influência que este templo terá tido nos restantes da Ordem, Paulo Pereira lança um interessantes repto que de algum modo desmonta essa teoria referindo-se à igreja de Santiago de Palmela como uma representação ideal de um retorno às origens⁹⁴ místicas de Santiago enquanto “cavaleiro branco” que aparece aos guerreiros e os insufla de um espírito forte e combativo, resultando esse aspecto num edifício de tipologia “sem continuidade”⁹⁵, em que o despojamento não encontra paralelo contemporâneo, integrando-se assim numa corrente de edifícios “únicos”⁹⁶ que existiram durante o século XIV ligados às ordens Militares.

Porém, através da análise que pudemos fazer das Visitações de 1518 a 1565, verificamos que algumas igrejas, como por exemplo a de Nossa Senhora da Assunção em Cacela, respondem a um mesmo planeamento arquitectónico. Embora não possamos

⁹³ *Idem, ibidem.* p.109; PEREIRA, Paulo (Dir.) – *História da Arte Portuguesa. Do “modo” Gótico ao Maneirismo.* Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. ISBN 972-42-1184-3. p.30

⁹⁴ O século XV revelou-se para a Ordem de Santiago um delicado período causado em grande parte pelo fim das lógicas da Reconquista que sustentavam a razão de ser da instituição. Foi então um período de alguma preocupação que viria a culminar nas reformas infligidas no final de quatrocentos e no início do século XVI.

⁹⁵ PEREIRA, Paulo; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – *O.c.* p.113

⁹⁶ *Idem, ibidem.* p.113

precisar o tipo de decoração exterior que recebeu, parece-nos, no entanto, que muitas delas, pelo menos exteriormente, não seriam muito ricas em motivos ornamentais já que as referências a esse aspecto são quase inexistentes. Um sintoma claro e lógico da evolução icónica que se implicava então de um modo distinto na importância artística e simbólica do templo.

Pode, no entanto, ser uma falsa questão, já que a ausência de dados concretos não nos permite aferir acerca da realidade em causa, mas parece fazer algum sentido que essa ausência possa ser ela própria um indicador que, de algum modo, sustente esta tese. Até porque nas igrejas que hoje pontuam o perfil do sotavento algarvio e que se remontam pelo menos parcelarmente a épocas de construção quinhentistas, podemos verificar que a decoração exterior é quase reservada aos portais de inspiração manuelina, sendo que o resto das superfícies se encontra simplificado, quase sem animação ornamental.



Fig.21 – Da esquerda para a direita os portais das igrejas do Divino Salvador de Alvor, c. 1515-1520; Matriz de Cacela Velha (portal renascentista); Misericórdia de Silves, c. 1515; Matriz Luz de Tavira, c. 1510

A Ordem de Santiago dominou um vasto território no qual edificou ou controlou a construção de inúmeros edifícios, maioritariamente militares e religiosos, espaços abertos à recepção de ricas e variadas manifestações artísticas. Não podemos, no entanto, afirmar que tenha havido uma metodologia única que servisse de matriz à erecção desses edifícios ou à encomenda de obras de arte. Ou seja, não houve com certeza um modelo espatário construtivo, específico, diferente, que se distinguisse por formas ou materiais especialmente implicados no seio da Ordem.

Podemos sim afirmar que os frades cavaleiros de Santiago promoviam as obras, custeando-as por vezes⁹⁷, mas impunham que as insígnias espatárias estivessem bem visíveis nesses edifícios, aspecto que pudemos comprovar, entre outros exemplos que registamos, na Visitação de 1554 à igreja de Nossa Senhora da Assunção em Cacela, onde o visitador refere a presença da espada da Ordem de Santiago no fecho do arco triunfal.

Joaquim Caetano⁹⁸, com razão, chama a atenção para o facto de as Visitações se direccionarem mais no sentido de verificação do bom estado dos templos e do recheio do que propriamente com a preocupação rigorosa da imposição de determinado programa iconográfico, decorativo, arquitectónico ou artístico. Importa sim reter o grande espólio que esta Ordem nos legou, polvilhado de edifícios de valor patrimonial inquestionável e conjuntos artísticos de elevada qualidade como “Retábulo de Santiago”, provavelmente proveniente do convento de Palmela e o conjunto de Santos-o-Novo.

À medida que nos aproximamos da época de construção das igrejas e ermidas que auscultamos no presente trabalho somos confrontados com diferentes modelos arquitectónicos e artísticos que surgiram conjuntamente com um mundo em evolução, em maturação e sobretudo em experimentação. Novos valores se levantavam, reformas eclesiásticas e culturais estavam em marcha e o aclamado humanismo difundia-se pela Europa, chegando até nós, segundo alguns autores, pela mão de Cataldo Parísio Sículo, em 1485⁹⁹.

Obviamente que a data precisa do nascimento desses valores que circulavam na mentalidade de muitos não pode ser efectivada nem tão pouco condensada em fórmulas matemáticas que espartilhem a sua verdadeira génese abstracta. Queremos com isto dizer que o mundo ocidental passava não por uma fase de abrupta ruptura mas antes por uma ponte, evidentemente nem sempre feita harmonicamente, que fazia a passagem ou a transposição de alguns valores para uma margem que não era mais do que a mesma

⁹⁷ CAETANO, Joaquim – A Ordem de Santiago e a Arte. In AA.VV. – *A Ordem de Santiago – História e Arte. O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela: catálogo da exposição*. Palmela: Câmara Municipal, 1990. Pp.81-83

⁹⁸ *Idem, ibidem*. p.81

⁹⁹ RAMALHO, Américo da Costa – *Estudos sobre o século XVI*. 2ªed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983. p.1

onde eles já existiam mas agora mais maduros, pela acção do tempo, da experiência, enfim, da reflexão que é inerente ao homem, sobre a sua condição, motivações, dúvidas, angústias, desejos. Não negamos, no entanto, a obvia receptividade de perspectivas culturais que se desenvolviam, insufladas por um espírito empreendedor experimentalista insuflado pelos Descobrimentos.

Entendemos, por isso, que as formas agora propostas, no início do século XVI, embora se apresentem com diferenças assinaláveis em relação às anteriores não devem ser entendidas como fórmulas inovadoras que romperam com as questões medievais, pese embora possa ter havido esse desejo por parte de homens que achavam no antropocentrismo e no humanismo de matriz cristã a solução para todos os problemas e se autoproclamavam antimedievalistas.

Todavia esse processo de intrusão em Portugal foi muito lento e no início do século XVI denota-se ainda o “peso de retardamento da cultura portuguesa manuelina”¹⁰⁰, muito fechada ainda a estímulos exteriores e presa à vernaculidade das suas soluções. Apenas no reinado do “Piedoso” D. João III é que algum desse perfume “progressista” se fará sentir em solo nacional, e no começo apenas com edifícios de pequena dimensão de planta centrada como seja a igreja do Convento do Bom Jesus de Valverde, em Évora, de Miguel de Arruda, ou de planta longitudinal como a Igreja-Panteão da Conceição de Tomar de João de Castilho. Pode dizer-se que essa chegada de valores se realizou lenta e desarticulada, manifestando-se, como refere Horta Correia, “num classicismo difuso e pontual tanto nas Letras como na exibição de expressões formalmente renascentistas nas Artes.”¹⁰¹

No Algarve, local peculiar da acção construtiva pelo facto já referido de que se constituiu efectivamente território nacional muito depois de algumas zonas – particularmente o norte do país – estarem perfeitamente enquadradas por uma lógica construtiva românica que se difundia com grande destreza, deu-se um interessante foco a que Vítor Serrão chama de “epirenascimento”¹⁰². Neste foco verifica-se uma concepção que aliava dois métodos díspares: os da tradição gótica e manuelina e os do

¹⁰⁰ SERRÃO, Vítor – *O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620). História da Arte 3*. Lisboa: Presença, 2002. ISBN 972-23-2924-3. p.48

¹⁰¹ HORTA CORREIA, José Eduardo – *Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Lisboa: Publicações Ciência e Vida, 1987. p.19

¹⁰² SERRÃO, Vítor – *O.c.* p.63

recente gosto italianizante de cariz renascentista introduzido em alguns vectores da construção.

Com um importante contributo para a definição das formas arquitectónicas religiosas no Algarve surgiu o arquitecto André Pilarte (único pedreiro/arquitecto algarvio da época joanina com obra documentalmente conhecida¹⁰³), oriundo do massivo estaleiro dos Jerónimos onde trabalhou ou pelo menos teve contacto com artistas de grande qualidade como Diogo de Boitaca ou João de Castilho.

Este arquitecto trabalhou por exemplo na igreja Matriz de Mértola e na igreja de Salvador de Ayamonte, mas foi no Algarve que expandiu oficina actuando em templos como a igreja Matriz de Moncarapacho, a igreja Matriz de Alcoutim, a igreja de Cacela Velha, a igreja de Santa Catarina de Fonte do Bispo e, em Tavira, na igreja da Misericórdia (1541), na Casa na Rua do Poço do Bispo, na Casa na Rua Almirante Cândido dos Reis, no Edifício Irene Rolo e no Palácio da Galeria.

Pilarte foi um arquitecto de elevado interesse já que soube adaptar-se às reminiscências goticistas locais acrescentando-lhes o classicismo possível pontuado por uma visão ornamental muito peculiar, manchando os templos de indicações retabulísticas de perfume plateresco e exuberante, perfilando, como Vítor Serrão lhe chama, um “gosto renascentista algarvio de feição regionalista”¹⁰⁴.

Infelizmente, no Algarve, a generalidade dos edifícios manuelinos desapareceu¹⁰⁵, em grande parte devido à carga sísmica - terremotos de 1531, 1551, 1722¹⁰⁶ – a que esteve sujeita a região com particular destaque para o grande terramoto de 1755, pese embora haja outro tipo de explicações que se prendem também com a acção humana que constantemente remodela e actualiza o gosto e as necessidades, alterando perenemente algumas edificações, com as condições climatéricas, onde a proximidade do mar contribuiu para o desgaste das estruturas, e com a inconsistência dos materiais utilizados¹⁰⁷.

Todavia, dada a importância da região durante o século XVI para a coroa, tanto do ponto de vista económico como geoestratégico, podemos afirmar que a grande

¹⁰³ HORTA CORREIA, José Eduardo – *O.c.* p.58

¹⁰⁴ SERRÃO, Vítor – *O.c.* p.64

¹⁰⁵ DIAS, Pedro; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – *A Arquitectura Manuelina. In Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX. Vol. 5.* Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-96-5. p.131

¹⁰⁶ HORTA CORREIA, José Eduardo – *O.c.* p.9

¹⁰⁷ *Idem, ibidem.* p.10

maioria dos templos algarvios que hoje observamos, têm ou tiveram origens construtivas quinhentistas¹⁰⁸, embora já quase nada se apresente como era há cinco séculos.

É certo que alguns elementos sobreviveram, como alguns portais e outros elementos, porém o que efectivamente nos chegou em termos de fundações quinhentistas é realmente muito pouco, salvando-se como feliz caso por exemplo a igreja Matriz do Alvor. Este aspecto aguça ainda mais a importância patrimonial e histórica que as Visitações retêm, embora não se possa em si depositar ilusórias esperanças, já que, como já referimos, embora contenham informações valiosíssimas que nos permitem voltar ao passado e recriar muitas das lógicas construtivas, artísticas e litúrgicas, podem ser dúbias e subjectivas levando muitas vezes um texto a interpretações divergentes.

3. PROPOSTA DE UMA INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DAS VISITAÇÕES DE 1518 A 1565

Os elementos acima apresentados constituem o *background* necessário ao presente ponto, que desejamos que seja um espaço para reflectir directamente acerca dos dados obtidos com a análise das Visitações de 1518 a 1565. A análise pretende complementar os dados textuais e visuais que apresentamos, procurando contribuir para tornar legíveis edifícios que sofreram diferentes ritmos construtivos e que foram compostos por parcelas de elementos vindos de diferentes tempos, com diferentes propriedades mas que, conjuntamente, formam a unidade plural do objecto arquitectural e artístico. Desejamos assim contribuir para um caminho pluridisciplinar onde o trabalho de investigação deve ser aliado de processos contíguos de reabilitação patrimonial, produzindo conhecimento passível de ser transformado em melhores métodos de intervenção, reconhecimento e interpretação dos objectos artístico.

Como primeiro aspecto gostaríamos de tocar numa temática que levanta grandes questões no panorama da investigação em história da arte, que é a dos artistas. Embora não estivéssemos à espera de encontrar algum nome na documentação analisada, porque as Visitações não têm esse carácter, não podemos deixar de escrever que não foi

¹⁰⁸ *Idem, ibidem*. p.29

encontrada qualquer referência a autores de determinada obra. Logicamente sabemos de antemão que estes relatórios não tinham como missão tratar desses assuntos e sim verificar o estado do património, zelando pela sua preservação e imprimindo regras para que se o melhorasse.

O papel dos artistas e em particular do arquitecto é relevado com a introdução das “novidades” clássicas, com a valorização da tratadística e com os preceitos humanistas. No reinado de D. João III¹⁰⁹ esse seu reconhecimento é incontornável, passando a usufruir de um estatuto social elevado, estando no topo da hierarquia da equipa do estaleiro arquitectónico. Em relação aos tempos medievos há efectivamente esse incremento da assinatura, ou seja, do nome de quem fez, associando-se numa relação recíproca homem e obra, ressaltando-se assim a questão da autoria, difusa sobretudo antes do século XVI.

Porém, como referimos, não existe, pelo menos nas Visitações escrutinadas, qualquer tipo de referência aos autores das obras, o que tem que ver também com o facto de os visitantes não se prolongarem na descrição de uma pintura, escultura ou até de um portal (que sabemos que neste período receberam decorações interessantes), referindo-os apenas, relevando quase sempre o tema ou invocação, informações muito importantes mas que em questões formalistas quase nada nos oferece.

Pelo contrário a informação relativa aos materiais revelou-se normalmente muito rica, tanto ao nível da descrição que o visitante fazia como pelo facto de se ter verificado que na maior parte dos templos abundavam diferentes materiais. Este aspecto pode relacionar-se com diversas situações: em primeiro lugar com a discrepância que poderia existir entre a cabeceira e o corpo ou a nave das igrejas e ermidas, já que, como já referimos, a primeira estaria entregue aos párocos e/ou aos comendatários e a segunda aos fregueses; por outro lado acontecia que os recursos financeiros não eram abundantes o que logicamente convergia para um de dois resultados: ou para a aplicação parcial de material ficando a empreitada a meio, como aconteceu com certeza na igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Cacela, em 1518, onde se verifica que as paredes da nave estão metade caiadas e metade em taipa; ou para a aplicação de materiais mais pobres.

Este parâmetro, aliado ao facto de, ao nível dos altares, com as suas imagens, retábulos ou painéis, verificarmos essa multiplicação de diferentes materiais coabitantes

¹⁰⁹ SERRÃO, Vítor – *O.c.* p.56

num mesmo espaço de culto, muitas vezes lado a lado, confirmam uma das conclusões mais interessantes que retiramos da leitura dos documentos quinhentistas: a que havia efectivamente uma heterogeneidade visual muito grande num único templo.

Imaginemos que entramos numa igreja em que as paredes estão apenas parcialmente caídas, ostentando por exemplo taipa na outra parte, que o pavimento é metade de lajes e metade de terra batida, que num altar de alvenaria estão três imagens, uma de barro e duas de madeira, que noutro altar colateral encontramos uma imagem ao lado de um retábulo de portas, que na capela-mor o piso é de tijolo, o altar de pedraria com um retábulo da cinco painéis, uma imagem de madeira e um sacrário aos pés da imagem. Agora pensemos nos templos como os temos hoje onde obviamente coexistem diferentes materiais e apelos sensoriais mas que nos transmitem uma hegemonia harmonia textural, sem rupturas matéricas ou diferenças tão acentuadas como as que foram verificadas nas Visitações analisadas.

Hoje seria impensável estar aberta ao culto uma igreja ou ermida que evidenciasse tais atrasos de construção ou deterioração dos componentes. Temos de nos remontar ao tempo em que estes templos foram construídos e às condições em que o foram. As dificuldades sociais e económicas eram muito acentuadas, não havia acesso a fácil a qualquer tipo de materiais, por vezes os edifícios que nos são descritos são já reaproveitamentos de outros mais antigos que porventura estariam a precisar de reparações, tudo condicionantes que tornam difícil uma leitura lógica de todos os elementos que preenchem estas obras arquitectónicas.

Os ritmos construtivos eram portanto muito flutuantes e por vezes passavam-se anos até que se realizasse determinada obra que era necessária. Na igreja de Nossa Senhora da Conceição em Martim Longo aquando da Visitação de 1518 foi encontrada a capela-mor derrubada, em 1534 ainda o estava e apenas em 1565, ou seja volvidos trinta e um anos, é que se verificou que a capela estava já erigida.

Mas retomando a questão dos materiais e revestimentos que se aplicaram nas igrejas e ermidas visitadas encontramos ao nível das paredes das naves a utilização de, na igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Cacela, em 1518, pedra e cal numa metade e noutra metade taipa, que em 1534 já se encontrava caiada também. Na igreja de Nossa Senhora da Assunção de Cacela, em 1554, as paredes do corpo da igreja eram de

alvenaria, os arcos de igual material e os capitéis e as colunas de pedraria; em 1565 as paredes estavam já caiadas.

Na ermida de Santo Estêvão em Martim Longo, 1534, as paredes eram de pedra e barro, *acafeladas e apynceladas* no interior e no exterior. Este dado é importante porque é habitual nos templos vistos este tipo de tratamento dos muros dos edifícios: “acafelar” tem que ver com o rebocar com cal ou gesso, enquanto o “apyncelar” significa sempre a pintura de paredes e não a pintura mural figurativa ou decorativa. Por vezes, no entanto, as paredes de pedra e barro não eram rebocadas e ou caiadas nem pintadas como acontece na Ermida de Santa Justa de Martim Longo em 1565.

Já em Tavira, na igreja de Santa Maria, em 1518, o visitador refere que as paredes do corpo das igrejas eram de pedraria com esteios de mármore, e em 1534, através das “Determinações”, manda-se pintar e *acafelar*. Esta conjugação entre a pedra e o mármore foi também encontrada na igreja de Nossa Senhora dos Mártires em Cacela, que tinha uma pia de pedra assente numa laje de mármore, em pleno centro da nave, colocação que hoje não se utiliza.

Nas capelas-mores os materiais e revestimentos mais utilizados eram também a pedra e a cal ou reboco respectivamente, embora também encontrássemos exemplares de alvenaria como a capela da igreja de Nossa Senhora da Assunção de Cacela.

Em relação às coberturas verificamos que os materiais mais utilizados eram a madeira e a telha, porém ao nível das soluções encontramos alguma variedade. Na igreja de Nossa Senhora da Assunção em Cacela, em 1518, a nave era coberta de telha, suportada por uma estrutura de madeira pintada, enquanto a capela-mor era tecto de madeira de castanho. Na capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Assunção, em 1554, a capela-mor apresenta abóbada de rosa, uma solução mais erudita, que corresponde à sua maior qualidade arquitectónica em relação ao exemplo anterior, demarcando uma típica tipologia manuelina de edificação e suporte das coberturas. Na capela-mor da igreja de Nossa Senhora da Conceição, em 1565, verifica-se a utilização de uma abóbada de dois arcos em cruz com a chave em pedraria. Também se apresentaram casos em que as coberturas eram mais pobres, sobretudo nas ermidas, como no caso da de Santo Estêvão em que a capela-mor e a nave eram cobertas de madeira de carvalho e forradas de canas. As canas eram bastantes utilizadas para forrar coberturas tal como também aconteceu no alpendre da igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Cacela.

Por vezes a manutenção dos telhados obrigava a que as telhas fossem ensopadas na cal para que se pudesse criar uma superfície mais resistente à chuva. Um exemplo disso mesmo é-nos dado pelas determinações de 1534 da igreja de Santa Maria de Tavira, onde é ordenado esse procedimento para as três naves do corpo da igreja e para a sacristia.

É notório, no entanto, que a cabeceira recebe quase sempre uma cobertura mais “digna” ou “nobre”, isto é, verifica-se na maior parte dos casos coberturas deficientes nas naves das igrejas e ermidas enquanto na capela-mor essa construção adquire uma maior destreza arquitectónica sustentada pelo uso da pedra ou de outro material que imprimisse à armação a perenidade desejável. Já foi apontado que o corpo e a cabeceira tinham diferentes encarregados, o que funciona como uma das razões para o referido, todavia a mais óbvia prende-se com a importância litúrgica daquele espaço que assume o protagonismo cultural do templo.

Em relação aos pavimentos a variedade e desorganização adensam-se podendo num mesmo templo coabitar diferentes materiais e soluções. Ao mesmo tempo que se ramificam as opções de pavimento diminuem as suas referências, isto é, apesar de verificada a presença de lajes, tijolo, pedra, ou mesmo a inexistência de pavimentação, são poucas essas referências nestas Visitações, demonstrando que, ou o visitante não estava particularmente atento a esse pormenor, o que leva a que possam ter sido omissos dados que nos revelassem a natureza material dos pavimentos, ou não havia uma preocupação clara com o revestimento do chão por parte dos membros da comenda.

Os altares eram frequentemente de alvenaria e as imagens que em si estavam, de madeira ou barro. Os portais podiam ser de pedraria ou alvenaria, com portas normalmente de castanho ou outro tipo de madeira. As pias eram geralmente de uma só pedra ou de silhares de pedra e estavam maioritariamente assentes em patamares, de um ou mais degraus, feitos de pedra ou mármore.

A questão dos campanários é igualmente interessante verificada que foi a variedade de tipologias apresentadas e a necessidade vinculada pelas “Determinações” de que este elemento, quando não existisse, fosse imediatamente erigido. No caso da igreja da Nossa Senhora dos Mártires de Cacela, em 1518 não existia campanário pelo que nas “Determinações” desse ano foi mandado aos fregueses edificar, sobre a porta principal, conferindo-lhe uma configuração, com certeza, próxima por exemplo da existente na

fachada da igreja de Valadares em Baião. Em 1534 verificou-se que o campanário já estava construído, tal como tinha sido ordenado na visitação anterior.

Este cumprimento conduz-nos para um aparte interessante: efectivamente as “Determinações” eram redigidas em todas as Visitações, já que havia sempre elementos por reparar ou construir, porém na maior parte dos casos não se verificava o seu cumprimento, mesmo estando estipuladas multas em caso dessa falta. A verdade é que não se cumpriam esses predicados numa grande percentagem de edifícios o que nos leva a pensar que as limitações de ordem financeira poderiam ser uma das causas adjacentes a este fenómeno. Porém não podemos precisar essas razões já que não são explicitadas pelos visitantes, pelo menos nos documentos estudados.

Retomando a menção aos campanários assistimos na igreja de Nossa Senhora da Assunção em Cacela a presença de um campanário de dois sinos na parede norte, ou seja do lado do Evangelho, perto do Portal principal. Já na igreja de Nossa Senhora da Conceição em Martim Longo os documentos em 1518 não referem campanário, aliás a igreja estava deteriorada inclusive sem capela-mor, derrubada, em 1534 referem a existência de um campanário de um sino novamente acima do portal principal, como foi já visto, e em 1565, construído o templo de novo, é referenciado um campanário do lado do Evangelho, junto do portal axial, o que nos leva a pensar que possa ser uma estrutura independente adossada à fachada principal do lado do Evangelho, ou que nascesse da empena dessa fachada como um estrutura semelhante às que se edificam por cima dos portais.

Neste último exemplo não era feita menção ao material utilizado enquanto na ermida de Santo Estêvão é-nos dito que o campanário, inexistente em 1534, era, em 1565, de alvenaria, e em Cacela, em 1534 na igreja de Nossa Senhora dos Mártires, o campanário era de pedraria. Poderia ainda surgir a informação de que recebera reboco, porém é muito menos verificada essa informação.

Os alpendres, hoje elementos que quase desapareceram das construções religiosas, perdendo lugar numa lógica social e litúrgica de outrora, são estruturas bastante comuns na época em estudo. Normalmente com pilares de pedra que sustentavam uma cobertura de madeira forrada de canas, tinham um papel de relevo na reunião comunitária, albergando ao mesmo tempo que protegiam do tempo os membros da comunidade a que o templo era adstrito. Podiam ainda apresentar meias paredes e ser lajeados, como na igreja de Nossa Senhora dos Mártires, em 1565, obtendo então uma

configuração mais completa e sólida, funcionando como uma antecâmara que precedia a entrada no templo.

Um exemplo curioso do uso desses alpendres é o da ermida de S. Brás de Tavira que, em 1534 ostentava um alpendre na sua parede sul, ao contrário do habitual alpendre que precedia a fachada principal. A este aspecto se junta um muito importante que se prende com o facto deste alpendre albergar um púlpito, o que nos remete para a questão mais primária da leitura que podemos fazer destes edifícios. Isto é, o púlpito naquele local corresponde com certeza a uma necessidade básica da comunidade que por ter aumentado necessitava de mais espaço para ouvir o sermão; porque não aproveitar o espaço exterior para o fazer? As lógicas geográficas ou as migrações internas dos elementos que compõem uma igreja ou ermida obedecem a directrizes universais do catolicismo, mas também se adaptam e respondem às exigências físicas e práticas de determinado contexto, o que faz com que surjam elementos em espaços não tão habituais ou ortodoxos.

Em relação aos programas iconográficos existe uma multiplicidade ou variedade informativa, conjugando-se no mesmo templo diferentes imagens e pinturas sem aparente matriz iconográfica ou pelo menos sem um eixo-base paradigmático que nos conduza a uma leitura temática linear.

Não convém esquecer que estávamos ainda na transição de uma época medieval muito marcada pelas manifestações artísticas de invocação apotropaica, maioritariamente usando as superfícies das paredes para as representar a fresco, facto que ajuda a compreender que ainda na segunda metade do século XVI um grande número de igrejas ostentasse pintura mural. Também até ao século XVI o altar-mor encontrava-se afastado do topo da ousia e isolado, de modo a permitir a circulação e a visualização das decorações parietais¹¹⁰. Este dado, aparentemente simples, ajuda a datar muitas pinturas, pois, se o altar se encontrar encostado à parede fundeira e se as pinturas existentes lhe forem contemporâneas, é muito provável que a sua cronologia seja posterior a 1500. Em muitas Visitações dos início do século XVI, que não as que analisamos, é-nos apresentado pelos visitantes a ordenação de que o altar seja deslocado para a parede da ousia¹¹¹, o que indica que antes eram isentos.

¹¹⁰ CORREIA, Vergílio – *A Pintura a Fresco em Portugal nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1921

¹¹¹ ROSAS, Lúcia – *Arquitectura religiosa tardo-medieval e pintura mural: relações litúrgicas e espaciais*. In *Revista de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, 2003. Pp.434

As superfícies murais eram, portanto, decoradas com a imagem, importante veículo da mensagem divina. Em catedrais, igrejas, capelas, envolvia-se o crente em histórias do Velho e do Novo Testamento e da vida dos Santos. A pintura mural era um poderoso instrumento da liturgia românica. As pinturas disseminavam-se pelo templo adoptando espaços nevrálgicos do mesmo em detrimento de outros secundários. A parede da ousia, o arco triunfal¹¹² e o portal axial eram locais privilegiados para receber a pintura devido ao seu simbolismo e importância litúrgica.

Com a evolução dos tempos foi negligenciada a pintura mural medieva e gótica, pela introdução de novos gostos, directrizes e formas de encarar o templo cristão na sua liturgia e significado. São questões éticas na superfície e inevitáveis no conteúdo; a arte ao serviço da religião adapta-se ao tempo e às metamorfoses culturais paralelas, fazendo de si um óptimo reflexo desse mesmo tempo que se perde nas pontes ideológicas que levam à negação dos períodos imediatamente anteriores. As mentalidades crescem segundo determinado preceito ético e recusa de outro. A pintura mural lembra-nos isso de cada vez que nos deparamos com a sua degradação, capa de uma importância perdida, símbolo dos ventos ideológicos que por ela passaram na resistência das horas.

Nas Visitações do Sotavento Algarvio verificamos alguns, não muitos, exemplos da presença da pintura mural, mais frequente na ermidas do que nas igrejas. Na igreja de Nossa Senhora da Assunção de Cacela, em 1518, é referido que sobre os altares colaterais de alvenaria estavam pintadas as imagens de Santa Luzia, São Lázaro e Santo Antão do lado do Epístola, e a Visitação de Nossa Senhora e São João do lado do Evangelho. Os dois primeiros santos referidos respondem a uma linha expressiva e devota que acompanhava o século XV e início do XVI que tinha que ver com a representação de Santos protectores que desbravavam o caminho das almas para o céu¹¹³.

Na ermida de S. Domingos de Martim Longo, em 1534, pudemos verificar a presença de pintura mural tanto na parede da ousia como nos altares colaterais, e na ermida de S. Estêvão da mesma comenda, em 1565, encontramos a referência a uma imagem de vulto e a uma imagem pintada na parede, do orago do templo, ambas no altar-mor. Existe portanto neste último edifício um caso em que duas manifestações se conjugam tendo em vista uma mesma devoção.

¹¹² Na igreja de Nossa Senhora dos Mártires de Cacela, em 1518, verificava-se a presença de pintura mural por trás dos altares colaterais na zona do arco triunfal.

¹¹³ ROSAS, Lúcia – O.c. p. 423

Na ermida de S. Sebastião em Martim Longo, em 1565, é referida uma pintura na parede do mesmo santo, já muito gasta. A este exemplo se poderiam juntar outros registados que fazem menção à deterioração das pinturas murais, talvez consequência da predilecção moderna pelas imagens de vulto e retábulos com painéis a óleo em detrimento da técnica do fresco.

Sobre os retábulos pudemos verificar que são frequentes as referências a esse tipo de opção artística, inclusive ainda por receber pintura, como podemos aferir pelo exemplo da Visitação à igreja de Nossa Senhora da Assunção de Cacela, em 1554, onde é referido que no altar-mor está presente um retábulo de bordo branco de cinco painéis por pintar. Este tipo de estrutura dissemina-se com grande destreza por muitos dos templos visitados, seguindo uma linha de origem medieval que tem que ver com a multiplicação dos altares secundários que normalmente conjugavam a pintura e a escultura¹¹⁴. A sua proliferação torna o retábulo uma das manifestações artísticas mais ricas e diversificada da história da arte de pendor religioso, ostentando grande variedade plástica, formal e preparada para receber inúmeros tipos de programa iconográfico.

A par dos retábulos sobre altares multiplicaram-se manifestações de importância não só litúrgica mas também social, caracterizando-se estes templos como locais de acolhimento da comunidade e de celebração dos ritos da mesma. Isto é, as igrejas do século XVI devem ser entendidas ao nível de um conceito pertinentemente referido por Lúcia Rosas: o da micro-escala¹¹⁵ do seu espaço. Estes templos demonstravam ter um espaço repleto de elementos que o tornavam exíguo e multifacetado. Segundo a autora: “Os altares de fora, as capelas funerárias ou simplesmente os arcossólios que abrigam um túmulo, as capelas individuais e familiares que vão sendo fundadas no interior das igrejas e dotadas de altares, pinturas e alfaia litúrgicas, o espaço que se arranja e soleniza para melhor enfatizar o lugar da pia baptismal, fazem da nave da igreja um espaço que abriga uma série de micro-lugares destinados a diversas devoções.”¹¹⁶

Esta constatação assenta como uma luva a alguns espaços que encontramos, como seja o da Igreja de Santa Maria de Tavira que, apesar de ser de três naves recebeu pelo menos três capelas laterais, pia baptismal, altares colaterais, entre outros elementos

¹¹⁴ *Idem, ibidem*. p.440-441

¹¹⁵ ROSAS, Lúcia – *A Investigação em História da Arte e a sua aplicação nas acções de Recuperação e de Reabilitação do Património. Materiais de construção e ritmos construtivos nas igrejas paroquiais (séculos XV-XVI)*. 2º Seminário: A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais/ Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2006. Pp.105-116. p.108

¹¹⁶ *Idem, ibidem*. p.108

devocionais, que em conjunto retalham o espaço arquitectónico e disseminam a abordagem sensorial a um espectro largo, de múltiplas apelações.

Correndo o risco de não ter tocado em alguns aspectos importantes para a percepção das formas e dos materiais da construção religiosa quinhentista, e de porventura tecer considerações baseadas numa amostra pequena desse fenómeno, pensamos ser legítimo indicar que as igrejas e ermidas deste período têm que ser escrutinadas á luz de uma abordagem que previamente as entenda enquanto objectos de plurais manifestações, salvaguardadas liturgicamente pela razão maior do catolicismo apostólico romano, mas efectivamente adaptadas vernacularmente às condições antropológicas das comunidades autóctones.

Moldadas por espaços de esquadria simples, de uma ou mais naves, com ou sem sacristia mas sempre com uma capela-mor rectangular ou quadrada, os templos visitados demonstraram-nos quão simples eram os processos construtivos na maioria dos casos – sem obviamente contar com os templos de maior estaleiro que assumem soluções eruditas como as coberturas abobadadas e sistemas de suporte inerentes mais complexos.

Foram espaços fortemente marcados por uma vocação pluridevocional onde parecia haver sempre espaço para o acrescento de mais uma imagem, capela, arcossólio, enfim, elementos que adensam a leitura estrutural e os significados divinos que paralelamente partilham um mesmo lugar.

A heterogeneidade material era uma realidade, não de um período de tempo curto mas de anos a fio em que o estado das estruturas se mantinha e a impotência ou falta de vontade dos fregueses, comendatários e priores, parecia instalar-se. A Ordem tutelava os edifícios, controlava o estado das coisas, quase nunca com a frequência desejada, mas efectivamente exercia esse poder, a partir do qual obtinha resultados, mas sempre com atrasos. Esses hiatos temporais complicam ainda mais um entendimento singular dos edifícios já que com a evolução das mentalidades e consequente maturação artística, havia mutações ao nível das expressões que inevitavelmente se produziam, o que interfere com a lógica construtiva inicial e multiplica os vectores a considerar. Qualquer tentativa de organização e implementação de um programa único e estruturante a uma obra era minado por estes avanços e recuos, por hesitações e progressos que disparavam os níveis de heterogeneidade do espaço.

Por esse prisma é que tutelamos a nossa visão global da arquitectura quinhentista como uma árvore com ramos de comum distinção tipológica averbada principalmente pelo carácter decorativo dos elementos utilizados, mas também com outros ramos que nasceram de raízes mais antigas ou novas. Isto é, os ramos são as pontas visíveis das tendências contemporâneas e o tronco uma amálgama difícil de deslindar, composta por séculos de doutrina arquitectónica nacional, pincelada de matizes românicos e góticos – os anéis interiores da madeira –, pelos ventos ideológicos que de algum modo inovavam ao nível das motivações classicizantes e consequentes soluções – os anéis exteriores –, e ainda pela casca da árvore, que são os elementos vernaculares, típicos de cada geografia, que moldam através de uma acção comunitária e telúrica os espaços dos templos.

CONCLUSÃO

Quando partimos para o presente trabalho tínhamos de antemão a noção que as Visitações têm ganho terreno no campo de estudos da História da Arte, provando serem um dos mais profícuos tipos de documentação. Enquanto textos que registam o estado do património de determinada comenda sob a tutela de uma Ordem, são decisivos para o entendimento dos edifícios tal como estes eram no período da visita.

Como cerne do estudo que agora apresentamos propusemos uma análise que destacasse, do imenso rol de informação pluridisciplinar que comportam estes documentos, os elementos que pudessem ser pertinentes para uma leitura arquitectónica e artística dos templos visitados. Foi durante esse processo que nos deparámos com as maiores dificuldades, que frequentemente iam pausando o desenvolvimento do trabalho, obrigando-nos a repetir a leitura das Visitações quantas vezes o fosse necessário até que chegássemos a um consenso interpretativo.

Isto é, o que estes textos nos oferecem – sem que ponhamos em causa o seu valor informativo – é muitas vezes uma informação camuflada, parcial, deturpada, incoerente, que deve ser escrutinada para que se possa atingir o grau de clarividência necessário ao passo posterior de construção de tabelas e esquemas, que queríamos com o maior rigor possível. Devemos dizer que apenas nos cingimos à informação contida na Visitação o que levou a que certos objectos fossem omissos dos dados visuais criados porque, mesmo sendo referenciados pelo visitador, não existia a informação que nos permitisse colocá-los no local onde efectivamente estariam.

Esse aspecto conjugado com o facto de acerca de determinado objecto a informação não ser conclusiva – nem o podia ser correndo o risco o visitador de se tornar demasiado descritivo, tornando o relatório indesejadamente longo – em relação à sua forma real, tornaram as projecções tridimensionais particularmente difíceis. Por isso optamos pela total restrição aos dados presentes nos textos, transformando-os em formas icónicas de representação. Esperamos, contudo, ter atingido o grau desejado de explanação visual, funcionando esses esquemas como documentos que facilitem a compreensão dos espaços analisados.

Como último ponto do presente trabalho lançámos à reflexão alguns dados relativos às formas e materiais dos templos visitados, todavia pensamos que muitos

outros vectores eram passíveis de serem analisados. A iconografia, a imaginária, a talha, a pintura retabulística e a fresco, entre outras temáticas poderiam ter sido alvo de um estudo aprofundado contudo tanto pelos limites temporais como pelas próprias exigências formais que a presente dissertação impunha, optamos por uma abordagem que não contemplasse de fundo essas áreas.

A organização do glossário também fez com que nos deparássemos com algumas dúvidas, que lentamente fomos esclarecendo, cruzando três processos: a leitura de Visitações de outras Ordens como por exemplo as de Cristo; a análise de obras que tivessem como temática as Visitações e que apresentassem igualmente um glossário; e por último a consulta de dicionários especializados em termos antigos. Porém nem todas as dúvidas se dissiparam, algumas persistiram o que de algum modo nos tornou o trabalho frustrante mas ao mesmo tempo desafiante. O apuramento do significado de alguns termos foi uma das tarefas mais complexas que tivemos na realização da presente dissertação, por isso cremos que as propostas que lançamos são passíveis de serem debatidas e alteradas, embora tenham sido cuidadosamente estudadas.

No final de uma caminhada estamos cansados mas recompensados pelos benefícios da mesma. Contudo, esperamos com a presente dissertação, para além das vantagens pessoais que acarreta um trabalho do género, contribuir, no âmbito da História da Arte, com uma visão pertinente para o estudo de templos que hoje já não existem ou que até nós chegaram completamente alterados. A percepção desses espaços afigura-se absolutamente necessária para que se possam entender todos os processos de remodelação a que estiveram sujeitas as igrejas e ermidas que hoje assumem determinada feição que resulta de um conjunto de momentos de intervenção, consequentes das mutações culturais operadas ao longo dos tempos.

GLOSSÁRIO

ABYTO (hábito) (p.120) – insígnia da Ordem Militar ou Religiosa.

AÇOFAR (p.22) / **ACOFRA** (p.34) – latão, metal amarelo; ouro fingido; pechisbeque.

ADAYÃO (adaião) (p.18) – vocábulo derivado do francês arcaico *deyan* – deão – divergente de decano, isto é, membro que pela sua antiguidade presidia a uma corporação.

AGRAVO (p.20) – ofensa; injúria.

AGUIEROS (p.346) – paus ou varas que vão do frechal ao pau de fileira e sobre os quais se cruzam as vigas em que assenta o telhado.

ALANPADA (p.117) – o mesmo que lâmpada, lamparina.

ALLABASTRO (alabastro) (p.261) – espécie de mármore branco, translúcido e pouco duro, utilizado na fabricação de vasos e estatuetas.

ALLPARAVAZ (p.127) – a aba da esteira à roda do estrado ou o pano que, dos colchões para baixo, cobre o vão do leito.

ALMADRAQUES (p.34) – manta grossa; enxerga; almofada grande; colchão.

ALMAFEGAS (almáfega) (p.177) – “cabeceira” de cama; almofada.

ALMEAZARES (p.23) / **ALMEYZARES** (p. 117) – véu ou pala franjada com que se ornamentavam altares; manto; toalha.

ALPARAVAZ (p.114) – faixa de tecido ou franja que cobre ou acompanha a extremidade de vestes, panejamentos, armações.

ALVA (p.22) – vestimenta eclesiástica. Túnica branca, usada em cerimónias do culto católico.

ALVENARIA (p.20) – pedra tosca, não talhada nem lavrada, e que se liga com argamassa numa construção.

ALVEYZAR (p.133) – (*)¹

ALYONADO (p.115) – da cor de leão.

AMBULAS (p.23) / **ANBULLAS** (p. 114) / **ANBOLLAS** (p. 248) (**âmbula**) – vaso pequeno de gargalo estreito e bojo largo onde se guardam os Santos Óleos.

AMITO (p.38) – pano que o sacerdote coloca debaixo da alva.

ANHAMAÇO (canhamaço) (p. 34) – tecido grosso de cânhamo.

ANTIFONAYROS (p.365) – livros eclesiásticos que contém antífonas (versículos entoados antes de um salmo ou de um cântico) com as notas musicais de cantos religiosos.

ANTRESOLHOS (entressolhos) (p.276) – espaço entre o solho e o terreno ou entre o solho e o tecto da casa inferior. Aposento baixo; sobre-loja.

APESTANADAS (p.262) – provido de pestanas; que imita a forma de uma pestana.

APYMCELLADA (p.21) – passar a pincel; pintado.

ARA (p.206) – pedra do altar.

AREVYADOS (p.132) – (*)¹

ARQUA (p.21) – arca.

ARQUINNAS (p. 258) – arca pequena.

ARRAS – cidade ao norte de França donde provinham panos e tapeçarias, desde o século XIV.

ASENTO (p.250) – base; suporte.

ASNA (p.250) – composição de peças de madeira ou ferro que serve de base ao levantamento de um telhado.

ASPERGES (p. 28) – hissope com que se espalha a água benta; *capa de asperges* – vestimenta que o sacerdote usa em alguns actos solenes.

ATRETALHOS (entretalho) (p.129) – recorte de vestido ou de alguma obra de estofos. Escultura em meio-relevo ou baixo-relevo.

BAÇIA (p.38) – recipiente para as ofertas.

BANCALL (p.175) – pano de cobrir bancos; pano de mesa que se costuma colocar por baixo da toalha.

BANDA (p.249) – lado; parte lateral; ilharga; costado; ala; flanco.

BARÃO (p.257) – varão.

BARAÇOS (baraça) (p.193) – correia, liga, com que se aperta o linho na roca. Fios de linho ou estopa tosados com que ata qualquer cousa; cordel.

BASTYDOR (bastidor) (p.115) – cada uma das decorações laterais de um altar; espécie de caixilho onde se prega o estofos para elaborar um bordado.

BERÇO (abóbada de) (p.257) – Abóbada gerada por um arco ao longo de um eixo longitudinal. Geralmente é formada pelo arco de pleno centro mas pode ter todos os outros traçados e assume a sua designação.

BIMO (p.261) – vime.

BOCAXIM (bocassi) (p.248) – antigo tecido de algodão de qualidade semelhante ao fustão e que servia para forrar trabalhos tapeçaria, divisórias de cortinados, etc.

BÕO (p.20) – bom

BORCADO (da Índia) (p.22) – bordado com brocado, tecido de seda com guarnições (bordados) em relevo de fio de ouro ou prata.

BROCADILHO (p.260) – estofos tecido com fios de ouro e seda mas de qualidade sofrível; brocado inferior.

BUÇETA (p.39) / **BOÇETA** (p.293) – pequena caixa.

BYQUO (bico) (p.129) – relativo a castiçal de bico.

CABO (p.250) – extremidade.

CADARÇO (p.127) – barbilho; nastro.

CALLDEYRA (de água benta) (p.206) – recipiente para a água benta.

CALLIZ (p.22) – cálice.

CANHAMAÇO (p.381) – tecido grosso de cânhamo.

CANPÃA (p.115) / **CAAPAM** (p.129) – sino de igreja; campainha.

CAPELLO (p.259) – capuz de frade.

ÇARRA (p.113) – fechar.

CATASOL (p.314) – antigo tecido fino e lustroso.

ÇEMDAL (cendal) (p.291) – tecido transparente e fino.

ÇEO (p.292) – a parte superior ou o dossel de uma armação.

ÇEPO (p.258) – coluna oca ou encimada por uma caixa para receber as esmolas nas igrejas.

ÇERVENTIA (serventia) (p.257) – ^(*) 2

CHÃA (p.127) – lisa; sem decoração.

CHAMALOTE (p.22) – tecido de pêlo ou lã (de camelo) geralmente com fios de seda.

CHAPYTEOS (p.129) – capitéis.

CHAROLLA (p.160) – andor; corredor circular atrás do altar-mor.

CHAUL (p.344) – cidade da Índia de onde provinham tecidos.

CÍRIOS (cireos, cyreos) (p.32) – velas grandes de cera.

COARTAPISA (p.22) / **QUARTAPYSADO** (p.115) – barra de vestido, mas de cor diferente deste.

COÇADRILL (p.34) – colchão, pele de crocodilo.

ÇOMMIÇAM (comissão) (p. 43) – jurisdição, mandato.

CORPORAEES (corporais) (p.23) – panos sobre os quais o sacerdote coloca o cálice e a hóstia no altar.

CRAMESYM (p.22) – carmesim.

CRASTERIA (p.259) – em clausura.

CRELYGUO (p.19) – clérigo

CRESERÃO (p.215) – (*)¹

ÇUIA (p.257) – suja.

CURADA (p.298) – administração exercida por um cura num pequeno templo.

CURUÇHEO (p.260) – remate piramidal ou cónico de uma torre ou campanário, de pedra ou madeira, revestido ou não por telhas.

CYMTA (p.22) / **CYNTE** (p.116) (**cinta**) – faixa para apertar na cintura, em redor do corpo.

DAMASCO (p.22) / **DAMASQUO** (p.129) – tecido de seda com tafetá, fabricado principalmente em Damasco.

DANADO (solo) – estragado; infrutífero.

DEÇEPRINAS (p.193) – (*)¹

DECOTE (p.38) / **DEQUOTE** (p. 190) – trajar descobrindo pescoço e ombros.

DEMGADO (p.261) – atraente; muito enfeitado.

EMCANICADA (p.249) / **EMCANIÇADA** (p.261) – relativo a cana;

EMCASAMENTO (p.249) – encaixe.

EMÇERADO (p.257) – relativo a cera.

EMCOROAMENTOS (p.257) – de coroar.

EMGALGADO (p.296) – em construção.

EMPENA (p.128) – parede lateral ou cabeceira de um edifício que se prolonga até ao pau-de-fileira.

EMPRENÇOIS (p.260) – (*)¹

ENCALAR (p.115) – relativo a cal.

ENCOMENDAR (p.38) – rezar pela alma, pela salvação de.

ENXECUCAM (p.206) – multar; de coima.

ESPELLO (p.261) – relativo a óculo vazado.

ESTAMENHA (p.115) – tecido ordinário de lã.

ESTOPA (p.263) – a parte mais grossa do linho com o qual se fazem panos grosseiros.

ESTREMOS (p.257) – extremos

FÁBRICA (da igreja) (p.31) – instituto eclesiástico ou pessoa jurídica (corporação de clérigos ou leigos) a quem são confiados todos os bens ou direitos temporais destinados à conservação, reparação e ornato da Igreja, bem como os actos de culto.

FERRAR (p.34) – campo de ferrejo; local de pastagem.

FERROLHO (p.25) – traqueta de corrediça de ferro que serve para fechar portas, janelas, arcas, etc.

FRANDES (p.116) – Flandres. Planície do Noroeste da Europa que inclui zonas da França e da Bélgica. Compreende a Flandres marítima e a interior, com vários centros importantes de têxteis. Dai de importavam muitos panos para o nosso País.

FUSTÃO (p.116) – pano de algodão, linho, seda ou lã; tecido em cordão.

GALHETA (p.23) – recipiente do vinho e da água antes de ser consagrado.

GARRIDA (p.261) – sino pequeno; sineta.

GENELLA (p.260) – janela.

GODOMIÇI (guadamecim, godemecyll) (p.299) – antiga tapeçaria de couro pintado e dourado.

GRAM (p.262) – grande.

GRELLADO (amarelo) (p.263) – torrado.

GUARDA POO (p.114) – pano que se coloca sobre móveis ou roupa para os defender do pó. Também pode ser uma estrutura de madeira que protege as imagens de uma altar.

GUARDAS (p.258) – (*)¹

GUAUDIM (p.298) – (*)¹

ILLARGAS (p.249) – laterais; ao lado; lateralmente.

ISOPE (hissope) (p.306) – com que se espalha a água benta.

LAMBRE (alambre) (p.22) – adornar ou guarnecer com âmbar.

LAMBEL (p.164) – pano listrado com que se cobriam bancos.

LEVANTE (p.256) – nascente, Este; oriente.

LOGEYAS (lógia) (p.276) – arcada aberta; galeria; pórtico abobadado.

LOUÇAM (p.132) – enfeitada; formosa.

LYSTRADOS (listado) (p. 29) – relativo a listas; listado.

MACHEFEMEAS (machofêmea) (p.114) – gonzo ou dobradiça de duas peças em que uma se denomina *macho* e a outra *fêmea*.

MADEYRADO (p.114) – emadeirado

MANTEOS (p.22) / **MÃTEOS** (p.33) / **MANTES** (p.130) – mantel, capa com colarinho usada pelos frades.

MANYPOLO (manípulo) (p.22) – espécie de pequena estola que pende do braço esquerdo.

MATIZ (p.114) – combinação, mistura de cores variegadas, nem tecido, pintura, paisagem.

MEÃAOS (p.23) / **MEÃO** (p.113) – peça central do tampo das vasilhas

MORDOMO (p.25) – encarregado da administração de bens da irmandade, confrarias, etc. Antigo oficial de justiça encarregado de citações, execuções e cobrança de impostos.

MISTECO (místico, misteguo) (p.34) – relativo a matéria de devoção, de espiritualidade.

MOYMENTO (p.32) – mausoléu; túmulo.

MURISQUA (p.129) – mourisca.

OBRADERAS (p.23) – ferro usado na fabricação de hóstias.

OFICIAL (livro dos ofícios) (p.262) – livro que contém as orações cantadas ou recitadas para o serviço divino.

OLIVELLADO (p.32) – coberto de madeira.

OLYOS SANTOS (óleos santos ou santos óleos) (p.20) – designação dada aos óleos consagrados e usados na Igreja para o Baptismo, o Crisma, as ordens eclesiásticas e outras cerimónias.

ONGYR (ungir) (p.134) – aplicar óleos consagrados a; dar unção a.

ORAGO – a invocação religiosa ou divina ou santo ou anjo a que se dedica o templo.

ORRADO (p.263) – (*)¹

OSYA (ousia) (p.132) – capela-mor; parede fundeira.

PAAO (pau) (p.20) – referente a uma imagem de madeira.

PALHETA (p.34) – (*)²

PALLA (p.130) – (*)¹

PALLEO (p.23) – (*)¹

PALLIO (p.253) – (*)¹

PARDO (p.127) – de leopardo.

PATENA (p.22) – lâmina metálica sobre a qual se coloca a hóstia na missa.

PAULLA (p.117) – (*)¹

PINNAS (p.257) – pinhas; elemento ornamental.

PITITORIOS (p.251) – peditórios.

PONENTE (p.249) – poente; Oeste; ocidente.

PONTO (p.257) – relativo a arco de volta perfeita.

PRIOR (Dom) (p.18) – chefe supremo de uma Ordem Militar.

PYARES (Poyaes) (p.21) – pilares.

RAS (p.22) – ver *Arras*.

REPRESAS (p.249) – aduelas.

RESPALDO (p.290) – encosto nas cadeiras de espaldar.

RETROS (p.117) – fio ou fios de seda torcidos.

RODIZIOS (p.251) – pequenas rodas.

ROMÃO (romano) (p.299) – latino.

ROMEYRO (romeiro) (p.123) – peregrino; o que vai em romaria a um lugar santo.

ROTIS (p.251) – termo que exprime a ideia de roda; rotiforme.

SACRAYRO (sacrário) (p.20) – tabernáculo; pequeno armário colocado sobre o altar e no qual se conservam o santo cibório (vaso sagrado onde se guardam as hóstias) e a custódia.

SANGUINHOS (p.354) – pano com que o sacerdote enxuga o cálice.

SANTORAL (p.259) – livro que contém os hinos dos santos.

SAVASTRO (p.115) – tira de pano de cor diferente, para adorno de vestidos, paramentos, etc.

SAYO (saio) (p.22) – antiga e larga vestidura curta, de pano grosseiro.

SOBREÇEO – ver *Çeo*.

SOBREPELIZES (p.381) – espécie de pequena capa com que os clérigos usam sobre a batina.

SOLYA (p.150) – antigo tecido de lã.

TAFETÁ (p.124) – tecido lustroso de fios de seda rectilíneos.

TAIPA (p.257) – parede feita de barro amassado e calcado.

TANGEM (p.274) – Tocar (o sino por ex.).

TARGA (tarja) (p.257) – pintura ou escultura que serve de cercadura a um escudo, inscrição, etc.

TAVOA (p.296) – tábua.

TAVOLLEIRO (p.248) – patamar.

TELHA VÃA (telhado de) (p.20) – telhado sem forros, em que a telha, assente directamente no ripado, fica com a face inferior à vista.

TELLA (p.263) – tecido muito fino e delicado.

TESOURA (p.298) – conjunto de peças de madeira ou de ferro que sustentam um edifício; nome dado à forma adoptada por determinado objecto.

TORNAY (tournai) (p.34) – um dos maiores centros manufactureiros da Bélgica. Em flamengo chama-se Doornik.

TORNO (p.256) – espécie de colunelo torneado ou torcido.

TRAPEIRA (p.250) – abertura ou janela sobre o telhado.

TRAVESSA (porta de) (p.32) – de flanco; lateral.

TRIBOLLO (turíbolo) (p.23) – vaso em que se queima o incenso.

TROÇOS (p.259) – (*)²

UMÇÃO (p.38) – cerimónia religiosa que consiste em humedecer com óleo certos pontos do corpo de uma pessoa, para a sagrar ou lhe conferir uma graça.

USTEDA (osteda) (p.127) – espécie de tecido.

VALLADIO (p. 253) – telhado de telhas soltas, sem cal nem argamassa; telhado de telha-vã.

VARAS (p.298) – antiga medida de comprimento equivalente a 1,10m.

VASAS (p.124) – ^(*) 2

VASO (p.259) – relativo a um elemento da custódia; base.

VESTEDEIROS (p.176) – tecidos ou roupas para vestir imagens.

VISITAÇÃO – informação colhida por um visitador de Ordem (ou Bispado) acerca das respectivas igrejas, comunidades, etc., e do respectivo pessoal, para transmitir ao Mestre (ou prelado), a fim de se prover no bom sentido.

ZARZAGANYA (zarzagania) (p.22) – antigo tecido indiano de algodão.

^(*) Glossário elaborado através das definições das seguintes obras:

SILVA, António Morais – *Diccionario da lingua portugueza*. 4ª ed. Lisboa: Impressão Régia, 1831;
TEIXEIRA, Luís Manuel – *Dicionário ilustrado de Belas-Artes*. Lisboa: Editorial Presença, 1985, 249pp;
VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*. 2ª Ed.Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. 2 vols.

^(*) 1 Não foram encontrados quaisquer significados.

^(*) 2 Existe nos dicionários consultados, mas nenhum dos significados se ajusta ao do contexto da “visitação”.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

CAVACO, Hugo – *Visitações da Ordem de Santiago no Sotavento Algarvio: subsídios para o estudo da história da arte no Algarve*. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal, 1987

SANTA MARIA AGOSTINHO DE, Frei 1642-1728; GOMES, J. Pinharanda (Introd.) – *Santuário Mariano e História das Imagens Milagrosas. Tomo Primeiro*. Edição Fac-simile: Imperitura Alcalá, 2006-2008. ISBN – 978-84-611-3112-6

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. - *A Arte Românica em Portugal e Galiza*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. ISBN 84-89748-81-0

AA.VV. – *A Ordem de Santiago – História e Arte. O Castelo e a Ordem de Santiago na História de Palmela: catálogo da exposição*. Palmela: Câmara Municipal, 1990

AFONSO, Luís Urbano de Oliveira – Ornamento e Ideologia. Análise da Introdução do Grotresco na Pintura Mural Quinhentista. In *Ordens Militares: guerra, religião, poder e cultura - Actas do III Encontro sobre Ordens Militares*. Vol. 2. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, 1999. Pp. 305-340

ALBUQUERQUE, Luís de – *Crónicas de História de Portugal*. Lisboa: Presença, 1987

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de - *Arquitectura românica de Entre-Douro-e-Minho*. 2 Vols. Porto: Dissertação de Doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1978

_____ - *O Românico. História da Arte em Portugal 1*. Lisboa: Presença, 2001. ISBN 972-23-2827-1

_____; BARROCA, Mário Jorge – *O Gótico. História da Arte em Portugal 2*. Lisboa: Editorial Presença, 2002. ISBN 972-23-2841-7

ALMEIDA, Fortunato de – *Historia da Igreja em Portugal*. Nova edição preparada e dirigida por Damião Peres. Lisboa: Livraria Portucalense, 1967-1971

ALVES, Ana Maria – *Iconologia do Poder Real no período manuelino*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985

ALVES, Cristina Paula Vinagre – *A propriedade da Ordem de Santiago em Palmela: as visitas de 1510 e de 1534*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004

ATANÁSIO, Manuel Cardoso Mendes – *A Arte do Manuelino*. Lisboa: Presença, 1984

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) – *História Religiosa de Portugal*. 3 Vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2002

BARBOSA, Isabel Maria Gomes – *A Ordem de Santiago em Portugal na Baixa Idade Média: Normativa e prática*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1989

_____ - A Ordem de Santiago em Portugal nos finais da Idade Média: Normativa e prática. In *Militarium Ordinum Analecta*, nº2. Porto: Publicação Anual do Seminário Internacional de Ordens Militares. Edição Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998

BARREIRO, Poliana Monteiro – *Uma Visitação às Igrejas da Ordem de Santiago: (a vila de Setúbal nos alvares do século XVI)*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2005

BARROCA, Mário Jorge – Medidas-padrão medievais portuguesas. In *Revista da Faculdade de Letras*. Porto: FLUP, 1992. Pp.53-85

BASTO, Ana Carolina de Domenico de Avilez de – *A Vila do Torrão: segundo as Visitações de 1510 e 1534 da Ordem de Santiago*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2003

CARVALHO, Maria João Vilhena; CORREIA, Maria João Pinto; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – A Escultura nos Séculos XV a XVII. In *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 7. Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-98-9

CAVACO, Hugo – *Cacela no século XVII: dez anos de governo autárquico: estudo monográfico a partir das actas de vereações, 1654-1664*. Vila Real de Santo António: Câmara Municipal, 1990

CHOAY, Françoise – *A Alegoria do Património*. 1ª Ed. Lisboa: Edições 70, 2006. ISBN 972-44-1037-4

COELHO, Maria Helena da Cruz (coord.); HOMEM, Armando Luís de Carvalho – *A génese do Estado Moderno no Portugal tardo-medieval: séculos XIII-XV*. Ciclo temático de conferências organizado pela Universidade Autónoma de Lisboa. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1999

_____ - O Poder e a Sociedade ao tempo de D. Afonso IV. Separata da *Revista de História*. Vol. VIII. Porto: Centro de História da Universidade do Porto, 1988. Pp.35-51

_____ - Portugal na época dos Descobrimentos. Separata da *Revista de História das Ideias*. Vol. 14. Coimbra: Faculdade de Letras, 1992. Pp.7-21

_____ - *Superstição, fé e milagres na Idade Média*. Coimbra, 1995

CORREIA, José Eduardo Horta – *Arquitectura portuguesa: renascimento, maneirismo, estilo chão*. Lisboa: Presença, 1991. ISBN 972-23-1442-4

CORREIA, Vergílio – *A Pintura a Fresco em Portugal nos Séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Libanio da Silva, 1921

COSTA, Paula Maria de Carvalho Pinto – *A Ordem Militar do Hospital em Portugal: dos finais da Idade Média à Modernidade*. Vol 1. Porto: Dissertação de doutoramento em História apresentada à FLUP, 1998

_____ - *História económica e social na época medieval*. Lição síntese integrada na disciplina de História Económica e Social na Época Medieval para prestação de Provas de Agregação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto: Edição de Autor, 2007

_____ - Ordens Militares e Fronteira: um Desempenho Militar, Jurisdicional e Político em Tempos Medievais. In *Revista de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. III Série. Vol. 7. Porto: FLUP, 2006. Pp.79-91

CUNHA, Mário Raul de Sousa – *A Ordem Militar de Santiago: das origens a 1327*. Porto: Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à FLUP, 1991

DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*. 2 Vols. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999

DIAS, Pedro; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – *A Arquitectura Manuelina*. In *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 5. Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-96-5

FERNANDES, Maria Cristina Ribeiro de Sousa – *A Ordem Militar de Santiago no século XIV*. 2 Vols. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2002

GOMES, António Gomes – *Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal: séculos XV e XVI*. Lisboa: Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), 1998. ISBN 972-8087-55-1

GONÇALVES, A. Nogueira – *Estudos de História da Arte Medieval*. Coimbra: EPARTUR, 1980

GOULÃO, Maria José; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – Expressões Artísticas do Universo Medieval. In *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 4. Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-95-8

HAUPT, Albrecht – *A Arquitectura do Renascimento em Portugal*. Lisboa: Presença, 1985

HOMEM, Armando Luís de Carvalho – *Sociedade, economia e política na época medieval*. Porto: Relatório apresentado a concurso para Professor Associado do 4º Grupo (História) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989

HORTA CORREIA, José Eduardo – André Pilarte no centro de uma escola regional de arquitectura quinhentista. In *IV Simpósio Luso-Espanhol de História da Arte*. Coimbra, 1987

_____ - *Arquitectura Portuguesa. Renascimento, Maneirismo, Estilo-Chão*. Lisboa: Presença, 1991

_____ - *Arquitectura Religiosa do Algarve de 1520 a 1600*. Lisboa: Publicações Ciência e Vida, 1987

HUIZINGA, Johan – *O Declínio da Idade Média*. Lisboa: Editora Ulisseia, 1996

IRIA, Alberto – *O Algarve nas cortes medievais portuguesas do século XIV*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1982

LOBO, A. de Sousa Silva Costa, MATTOSO, José (pref.) – *História da Sociedade em Portugal no século XV*. Lisboa: Rolim, 1983

LOMAX, Derek W. – *La Orden de Santiago*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1965

_____ - *Las Ordenes Militares en la Peninsula Iberica durante la Edad Media*. Salamanca, 1976

LOPES, João Baptista da Silva – *Corografia ou Memoria Economica, Estadistica, e Topografica do Reino do Algarve*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1841

LUCAS, Isabel Maria Mendes Oleiro – *As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitações de Palmela do século XVI*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004

MARQUES, A. H. de Oliveira – *A Sociedade Medieval Portuguesa: aspectos da vida quotidiana*. 4ªed. Lisboa: Sá da Costa, 1981

_____ - *Breve História de Portugal*. Lisboa: Presença, 1995

_____ - *Ensaio de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Editorial Veja, 1980

MARQUES, José – Povoamento e defesa na estruturação do Estado Medieval português. In *Revista de História*. Vol.8. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1988

MATA, Joel Silva Ferreira – *A Comunidade Feminina da Ordem de Santiago: a comenda de Santos em finais do Século XV e no Século XVI: um estudo religioso, económico e social*. Porto: Dissertação de Doutoramento em História apresentada à FLUP, 1999

_____ - *Economia e Sociedade de Portugal medieval - programa, conteúdos e métodos de ensino*. Porto: Relatório para Provas de Agregação em Economia e Sociedade – Departamento de História e de Estudos Políticos Internacionais, apresentadas à FLUP. 2007

MATTOSO, José – A Formação de Portugal e a Península Ibérica nos séculos XII e XIII. In *Revista da Faculdade de Letras. História*. 3ª Série. Vol. III. Porto, 1986. Pp.13-38

_____ (Dir.); MAGALHÃES, Joaquim Romero (Coord.) - *História de Portugal. No Alvorecer da Modernidade (1480-1620)*. III Vol. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993. ISBN 972-42-0798-6

_____ - *Le monachisme ibérique et Cluny: les monastères du diocèse de Porto de l'na millia à 1200*. Louvain: Université de Louvain, 1968

_____ - *O Essencial sobre a Cultura Medieval Portuguesa: séculos XI a XIV*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993 ISBN 972-27-1550-4

MORENO, Humberto Baquero – As Origens Militares na Sociedade Portuguesa do século XV: o mestrado de Santiago. In *Revista da Faculdade de Letras: História*. II, 14. Porto: FLUP, 1997. Pp.65-89

PACHECO, Maria Cândida Monteiro – Razão e Meta-Razão no Pensamento Medieval. In *Revista da Faculdade de Letras – Filosofia*. Nº1. 2ª Série. Porto: Universidade do Porto, 1985

PEREIRA, Paulo; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – A Arquitectura Gótica. In *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 3. Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-94-1

PEREIRA, Paulo (Dir.) – *História da Arte Portuguesa. Do “modo” Gótico ao Maneirismo*. Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. ISBN 972-42-1184-3

PIERRARD, Pierre – *História da Igreja Católica*. Lisboa: Planeta, 2002. ISBN 972-731-135-0

PIMENTA, Maria Cristina Gomes – As Ordens de Avis e de Santiago na Baixa Idade Média. O Governo de D. Jorge. In *Militarium Ordinum Analecta*, nº5. Porto: Publicação Anual do Seminário Internacional de Ordens Militares. Edição Fundação Engenheiro António de Almeida, 2001

_____ – *As Ordens de Avis e Santiago na Baixa Idade Média: o governo de D. Jorge*. Porto: Dissertação de doutoramento em História apresentada à FLUP, 1999

RAMALHO, Américo da Costa – *Estudos sobre o século XVI*. 2ªed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983

RAMOS, Maria Cristina Soares Bronze – *As Igrejas de Palmela nas Visitações do século XVI: rituais e manifestações de culto*. Porto: Dissertação de mestrado em História Medieval e do Renascimento apresentada à FLUP, 2004

RODRIGUES, Jorge; RODRIGUES, Dalila (Coord.) – O Modo Românico. In *Arte Portuguesa. Da Pré-História ao Século XX*. Vol. 2. Lisboa: Fubu Editores, 2008. ISBN 978-972-8918-93-4

ROQUE, Maria Isabel Rocha – *Altar Cristão – Evolução até à Reforma Católica*. Lisboa: Universidade Lusíada, 2004. ISBN 972-8883-05-6

ROSAS, Lúcia – *A Investigação em História da Arte e a sua aplicação nas acções de Recuperação e de Reabilitação do Património. Materiais de construção e ritmos construtivos nas igrejas paroquiais (séculos XV-XVI)*. 2º Seminário: A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação. Porto: Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais/ Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, 2006. Pp.105-116

_____ - Arquitectura religiosa tardo-medieval e pintura mural: relações litúrgicas e espaciais. In *Revista de Letras da Universidade do Porto*. Porto: FLUP, 2003. Pp.419-441

_____ - *Monumentos pátrios: a arquitectura religiosa medieval – património e restauro: 1835-1928*. 2 Vols. Porto: Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à FLUP, 1995

SANTOS, Padre Carlos Fernando Russo – *A Ordem de Santiago e o Papado no Tempo de D. Jorge: de Inocêncio VIII a Paulo III*. Porto: Dissertação de Mestrado em História apresentada à FLUP, 2004

SANTOS, Reinaldo dos – *Oito séculos da Arte Portuguesa*. 3 Vols. Lisboa: Editorial Notícias, s.d. (1964)

SARAIVA, José Hermano (coord.) – *História de Portugal*. Vol.3. Lisboa: Publicações Alfa, 1983

SERRÃO, Vítor – *O Renascimento e o Maneirismo (1500-1620)*. *História da Arte* 3. Lisboa: Presença, 2002. ISBN 972-23-2924-3

SOUSA, Bernardo Vasconcelos (direcção); PINA, Isabel Castro; ANDRADE, Maria Filomena; SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva – *Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento – Guia histórico*. S. I.: Livros Horizonte, 2005

VASCONCELLOS, Joaquim – *Arte românica em Portugal*. Porto: Marques Abreu, 1918

VÁZQUEZ, José Manuel Rodríguez; CALLEJO, Óscar Garcinuno – *De Románico y românicos: una aproximación a la doble naturaleza del románico popular*. In *Anales de Historia del Arte*. 13. Universidad Complutense: Departamento de Arte Medieval, 2003. Pp.7-25

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de – *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram*. 2 vols. 2ª Ed. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865

DICIONÁRIOS

ANDRADE, António Alberto Banha de (dir.) – *Dicionário de História da Igreja em Portugal*. 2 vols. Lisboa: Editorial Resistência, 1980-1983

BONNASSIE, Pierre – *Dicionário de História Medieval*. 1ª ed. Lisboa: D. Quixote, 1985

BRUNSWICK, H. (Coord.) – *Diccionario da antiga linguagem portuguesa intercalado com grande número de vocábulos hodiernos de obscura significação*. Lisboa: Empresa Lusitana, 1910

SILVA, António Morais – *Diccionario da lingua portugueza*. 4ª ed. Lisboa: Impressão Régia, 1831

PESQUISA ELECTRÓNICA

Câmara Municipal de Alcoutim – *História da Freguesia de Martim Longo*. Junho de 2009. Disponível em: <www.cm-alcoutim.pt>

Câmara Municipal de Tavira – *História do Concelho de Tavira*. Junho de 2009. Disponível em: <www.cm-tavira.pt>

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António – *História da Freguesia de Cacela*. Junho de 2009. Disponível em: <www.cm-vrsa.pt>

Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana – *Inventários e património*. Junho de 2009. Disponível em: <www.monumentos.pt>

Instituto Português do Património Arqueológico – *Inventários e património*. Junho de 2009. Disponível em: <www.ippar.pt>

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	III
SUMÁRIO	V
ABREVIATURAS E SINAIS	VI
INTRODUÇÃO	1
I PARTE	5
CAPÍTULO I – A ORDEM DE SANTIAGO	6
1.PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO E DESENVOLVIMENTO EM TERRITÓRIO NACIONAL ...	7
CAPÍTULO II – AS VISITAÇÕES NA ESTRUTURA ESPATÁRIA	15
II PARTE	23
CAPÍTULO I – BREVE RESENHA HISTÓRICA DE CACELA	24
CAPÍTULO II – VISITAÇÃO DA COMENDA DE CACELA	26
1. IGREJA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES	27
1.1. VISITAÇÃO DE 1518	27
1.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	29
1.1.2. ESQUEMA 3D	30
1.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	32
1.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES	32
1.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	32
1.2. VISITAÇÃO DE 1534	33

1.2.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	35
1.2.2. ESQUEMA 3D	36
1.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	37
1.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	37
1.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	38
 2. IGREJA DE NOSSA SENHORA DA ASSUNÇÃO	40
2.1. VISITAÇÃO DE 1554.....	40
2.1.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	43
2.1.2. ESQUEMA 3D	44
2.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	45
2.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	45
2.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	46
2.2. VISITAÇÃO DE 1565.....	47
2.2.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	49
2.2.2. ESQUEMA 3D	50
2.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	51
2.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	51
2.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	52
 3. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES	53
3.1. VISITAÇÃO DE 1554.....	53
3.1.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	54
3.1.2. ESQUEMA 3D	55
3.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	56
3.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	56
 CAPÍTULO III – BREVE RESENHA HISTÓRICA DE MARTIM LONGO	57
 CAPÍTULO IV – VISITAÇÃO DA COMENDA DE MARTIM LONGO	58
 1. IGREJA MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO	59
1.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	59
1.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	60

1.1.2. ESQUEMA 3D	61
1.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	62
1.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES	62
1.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	62
1.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	63
1.2.1.ESQUEMA 3D.....	63
1.2.2.QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	64
1.3. VISITAÇÃO DE 1565.....	65
1.3.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	66
1.3.2. ESQUEMA 3D	67
1.3.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	68
1.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES	68
1.3.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	68
2. ERMIDA DE SÃO ESTÊVÃO	69
2.1. VISITAÇÃO DE 1534.....	69
2.1.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	70
2.1.2. ESQUEMA 3D	71
2.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	72
2.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES	72
2.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	72
2.2. VISITAÇÃO DE 1565.....	73
2.2.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	74
2.2.2. ESQUEMA 3D	75
2.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	76
2.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCÇÕES	76
3. ERMIDA DE SÃO DOMINGOS.....	77
3.1. VISITAÇÃO DE 1534.....	77
3.1.1.ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	78
3.1.2. ESQUEMA 3D	79
3.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	80

3.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	80
3.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	80
4. ERMIDA DE SÃO SEBASTIÃO.....	81
4.1. VISITAÇÃO DE 1565.....	81
4.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	82
4.1.2. ESQUEMA 3D	83
4.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	84
4.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	84
5. ERMIDA DE SANTA JUSTA	85
5.1. VISITAÇÃO DE 1565.....	85
5.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	86
5.1.2. ESQUEMA 3D	87
5.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	88
5.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	88
6. ERMIDA DE SÃO PEDRO.....	89
6.1. VISITAÇÃO DE 1565.....	89
6.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	90
6.1.2. ESQUEMA 3D	91
6.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	92
6.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	92
6.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	92
CAPÍTULO V – BREVE RESENHA HISTÓRICA DE TAVIRA.....	93
CAPÍTULO VI – VISITAÇÃO DA COMENDA DE TAVIRA	95
1. IGREJA DE SANTA MARIA DE TAVIRA	96
1.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	96
1.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	98
1.1.2. ESQUEMA 3D	99
1.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	100

1.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	100
1.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	101
1.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	102
1.2.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	104
1.2.2. ESQUEMA 3D	105
1.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	106
1.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	106
1.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	107
1.3. VISITAÇÃO DE 1538.....	109
1.4. VISITAÇÃO DE 1565.....	110
1.4.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	112
1.4.2. ESQUEMA 3D	113
1.4.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	114
1.4.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	114
1.4.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	115
2. ERMIDA DE SÃO DOMINGOS.....	116
2.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	116
2.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	117
2.1.2. ESQUEMA 3D	118
2.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	119
2.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	119
2.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	119
2.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	120
2.2.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	121
2.2.2. ESQUEMA 3D	122
2.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	123
2.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCACÕES	123
2.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	123
2.3. VISITAÇÃO DE 1565.....	124
2.3.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	125
2.3.2. ESQUEMA 3D	126

2.3.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	127
2.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	127
3. ERMIDA DE SANTA ANA	128
3.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	128
3.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	129
3.1.2. ESQUEMA 3D	130
3.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	131
3.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	131
3.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	131
3.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	132
3.2.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	133
3.2.2. ESQUEMA 3D	134
3.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	135
3.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	135
3.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	135
3.3. VISITAÇÃO DE 1565.....	136
3.3.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	137
3.3.2. ESQUEMA 3D	138
3.3.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	138
3.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	
4. ERMIDA DE SÃO BRÁS	139
4.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	139
4.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	140
4.1.2. ESQUEMA 3D	141
4.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	142
4.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	142
4.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	142
4.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	143
4.2.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	144
4.2.2. ESQUEMA 3D	145

4.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	146
4.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	146
4.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	146
5. ERMIDA DE SÃO LÁZARO	148
5.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	148
5.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	148
5.2.1. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	149
5.2.2. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	149
5.2.3. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	149
5.3. VISITAÇÃO DE 1565.....	150
5.3.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	151
5.3.2. ESQUEMA 3D	152
5.3.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	153
5.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	153
6. ERMIDA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA GOMEIRA.....	154
6.1. VISITAÇÃO DE 1518.....	154
6.1.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	155
6.1.2. ESQUEMA 3D	156
6.1.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	157
6.1.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	157
6.1.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	157
6.2. VISITAÇÃO DE 1534.....	158
6.2.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	159
6.2.2. ESQUEMA 3D	160
6.2.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	161
6.2.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	161
6.2.5. QUADRO Nº3 – ALFAIAS LITÚRGICAS	161
6.3. VISITAÇÃO DE 1565.....	163
6.3.1. ESQUEMA DA PLANTA DE PISO	164
6.3.2. ESQUEMA 3D	165

6.3.3. QUADRO Nº 1 – ANÁLISE SUMÁRIO DO TEMPLO	166
6.3.4. QUADRO Nº 2 – INVOCAÇÕES	166
 III PARTE	 167
 CAPÍTULO I – FORMAS E MATERIAIS NA CONSTRUÇÃO RELIGIOSA QUINHENTISTA - PROPOSTA DE UMA INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DAS VISITAÇÕES DE 1518 A 1565	 168
1. AO ENCONTRO DE UMA TIPOLOGIA CONSTRUTIVA	168
2. ARQUITECTURA ESPATÁRIA (?) E ALGARVIA – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES....	172
3. PROPOSTA DE UMA INTERPRETAÇÃO ATRAVÉS DAS VISITAÇÕES DE 1518 A 1565	178
 CONCLUSÃO	 189
 GLOSSÁRIO.....	 191
 BIBLIOGRAFIA.....	 204